



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Amor que vai, desamor que vem

Maus tratos nas relações de intimidade: Aleatoriedade ou prévia (de)limitação da herança parental?

Mariana Emauz Rocha de Barros

Orientação: Prof.^a Dr.^a Isabel Maria Marques Mesquita

Mestrado em Psicologia

Área de especialização: *Psicologia Clínica e da Saúde*

Dissertação

Évora, 2016



UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Mestrado em Psicologia
Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde

Amor que vai, desamor que vem
**Maus tratos nas relações de intimidade: Aleatoriedade ou prévia
(de)limitação da herança parental?**

Mariana Emauz Rocha de Barros

Orientador/a:
Prof.^ª Doutora Isabel Maria Marques Mesquita

AGOSTO, 2016

Dissertação de Mestrado em Psicologia
realizada sob a orientação da Professora
Doutora Isabel Maria Marques Mesquita,
apresentada na Universidade de Évora,
para obtenção do grau de Mestre na
especialidade de Psicologia Clínica e da
Saúde.

El desarrollo es “transaccional” y es representado por una dialéctica continua entre el organismo que madura y el ambiente cambiante. Esta dialéctica está arraigada en la relación infante-madre y la emoción (el afecto) es lo que se transacciona en estas interacciones. Este sistema altamente eficiente de intercambio emocional es por completo no-verbal y continúa a lo largo de toda la vida como comunicaciones afectivas sentidas de modo intuitivo que transcurren en el seno de relaciones íntimas. El desarrollo humano no puede ser comprendido al margen de esta relación de transacción de afectos. En efecto, parece que el desarrollo de la capacidad de experimentar, comunicar y regular emociones puede representar el evento clave de la infancia humana.

(Schoore, 2003, p.72)

Agradecimentos

À Prof.^a Dr.^a Isabel Mesquita, que me orientou ao longo de todo este processo e me ajudou no delineamento inicial deste estudo e, posteriormente, com as suas críticas construtivas e sugestões.

À Regina Cohen Simão, que se voluntariou para me ajudar com a mudança para Évora no meu primeiro ano de Universidade. Curiosamente, é também no último ano que me ajuda na minha viagem de volta para Lisboa através da divulgação dos questionários utilizados nesta investigação. A Regina é uma pessoa muito disponível e prestável, querida, hospitaleira, enfim...elogios não faltam! Fiquei muito sensibilizada com os seus gestos e espero que algum dia os consiga retribuir da mesma forma. Mil obrigadas!

À Teresa Simões, por ter sido incansável na divulgação deste estudo. A Teresa é sem dúvida uma pessoa extremamente carinhosa e bondosa que só não faz pelos outros o que não consegue! É sem dúvida um prazer tê-la na minha vida (e não digo isto por ser mãe do Gonçalo!).

À Xana Guerreiro, pela sua boa vontade em contribuir para a recolha da amostra desta dissertação. A Xana é alguém que se tornou uma amiga com o passar do tempo. Sair de Évora vai-me deixar com saudades tuas, da tua boa disposição, e das nossas conversas!

À minha tia Luísa Barbosa, ao meu grande amigo Fabiel Rodrigues e à minha amiga londrina Tânia Silva por divulgarem esta investigação. São três pessoas muito especiais na minha vida! Obrigada por dispensarem um pouco do vosso tempo para me ajudarem nesta concretização.

Ao David Carchedi, por assegurar um inglês perfeito no meu *abstract*. Obrigada pela amabilidade! (To David Carchedi, for making sure that the English of the abstract was perfect. Thank you for your kindness!)

Ao Samuel Domingos, que me ajudou a validar os métodos estatísticos utilizados contribuindo para uma melhor dissertação.

Aos meus amigos que de uma forma ou de outra me apoiaram nesta fase da minha vida, que sempre acreditaram em mim e no meu sucesso, e me deram alento com as suas palavras de incentivo.

Aos meus pais, por me proporcionarem a possibilidade de fazer este curso. Sem eles não teria chegado onde estou!

Ao Gonçalo Simões, meu namorado, meu melhor amigo e confidente! Duas teses num só ano, minha nossa! Quero agradecer-te pela ajuda que me prestaste nas minhas dúvidas pontuais de estatística. Mas sobretudo, quero agradecer-te pela pessoa que és, pelo teu companheirismo, pelo teu bom humor que sempre me animou nas horas de maior stress e desânimo e, pela tua preocupação e apoio constante em todas as facetas da minha vida! Espero que continues a colori-la, e eu à tua, por muito mais tempo!

À Universidade de Évora por me ter acolhido e transmitido novos conhecimentos.

À cidade de Évora, minha segunda casa, que me viu crescer, que me proporcionou uma multiplicidade de experiências e que me deu a conhecer pessoas que são hoje das mais importantes da minha vida!

Por fim, mas não menos importante, queria agradecer a todas as pessoas vítimas e não-vítimas de violência nas relações de intimidade que dispensaram do seu precioso tempo para participarem nesta investigação. Este estudo não seria possível sem o vosso contributo!

Amor que vai, Desamor que vem

Maus-tratos nas relações de intimidade: Aleatoriedade ou prévia (de)limitação da herança parental?

Resumo

A presente investigação visa apurar se existem esquemas parentais (EPs) ou mal-adaptativos precoces (EMPs) que predisponham à escolha, por parte de mulheres vítimas de violência na intimidade, de parceiros potencialmente agressores. Adicionalmente pretende identificar como se manifesta a vitimação com os tipos de relacionamento amoroso de reparação narcísica. O estudo, de cariz quantitativo, recorre a três instrumentos (QEP, QE e ITRA) preenchidos por 27 mulheres com idades compreendidas entre os 23-67 anos, das quais 10 sofreram algum tipo de violência numa relação de intimidade. Este estudo concluiu que existem EPs e EMPs que parecem predispor à escolha de parceiros amorosos abusivos. Estas escolhas amorosas parecem estar relacionadas com a tendência para enveredar por tipos de relacionamento amoroso mais patológico, nomeadamente, os tipos evitante-desnarcisante e eufórico-idealizante. Posto isto, criou-se um modelo que caracteriza vítimas e não-vítimas de violência nas relações de intimidade com uma precisão de 96,3% com base nos resultados dos instrumentos anteriores.

Palavras-chave: *escolha amorosa, violência na intimidade, esquemas parentais (EPs), esquemas mal-adaptativos precoces (EMPs), tipos de relacionamento amoroso.*

When sorrow replaces love

Violence in intimate relationships: Randomness or effects of parental heritage?

Abstract

This research aims at determining whether there are schemas originated by parenting styles (PSs) or early maladaptive schemas (EMSs) that predispose women, who were victims of violence in their intimate relationships, to choose abusive romantic partners. Additionally it intends to identify how victimization reveals itself through romantic relationship types that are due to repair the Self narcissistic vulnerabilities. This quantitative study relies on three instruments (PSQ, SQ, ITRA) filled by 27 women with ages between 23-67, 10 of which were victims of violence in their intimate relationships. This study concludes that there are PSs and EMSs that seem to predispose to the choice of abusive romantic partners. These romantic choices seem to be related with the predisposition to more pathological romantic relationship types, namely, the avoidant-devaluate and euphoric-idealizing types. Following this, a model was created to characterize individuals as victims or non-victims of violence in their intimate relationships with a precision of 96.3%, based on the results of the instruments above.

Key-words: *romantic choice, violence in intimate relationships, parenting styles (PSs), early maladaptive schemas (EMSs), romantic relationship types.*

Índice

Introdução	1
Parte I – Enquadramento Teórico	5
1 - Os Conceitos de Violência.....	5
2 - O Fenómeno da Violência nas Relações de Intimidade.....	7
3 - A Violência nas Relações de Intimidade: Dinâmica, Tipificação, e Consequências para as Vítimas	9
4 - A Transmissão Intergeracional da Violência	11
5 - O Narcisismo numa Perspetiva Relacional	13
6 - Os Traumas Relacionais e as Estruturas Patológicas de Acomodação.....	18
7 - A Neurobiologia da Relação	20
8 - A Pertinência do Modelo de Terapia de Esquemas de Young: os Esquemas Mal-adaptativos Precoces e os Estilos Parentais	24
9 - Escolhas Amorosas: o Reflexo de um <i>Self</i> Pouco Coeso, Incompleto ou Diminuído	28
Parte II – Estudo Empírico	37
1 - Pertinência do Estudo e Formulação do Problema de Investigação	37
2 - Objetivos Gerais e Hipóteses de Investigação	37
3 - Metodologia	38
3.1 - Delineamento / Desenho do Estudo	38
3.2 - Participantes	39
3.3 - Instrumentos	43
3.4 - Procedimentos de Recolha, Tratamento e Análise dos dados	46
3.4.1 - Procedimentos de Recolha de Dados	46
3.4.2 - Procedimentos de Tratamento de Dados	47
3.4.3 - Procedimentos de Análise de Dados.....	47
4 - Apresentação dos Resultados e Estudo das Hipóteses de Investigação.....	48
4.1 - Análise Descritiva dos Resultados.....	48
4.1.1 - Análise Descritiva dos Resultados do QEP	48
4.1.2 - Análise Descritiva dos Resultados do QE	52
4.1.3 - Análise Descritiva dos Resultados do ITRA	55
4.2 - Análise Correlacional entre Pontuações dos Instrumentos e a Vitimação....	57
4.2.1 - Correlação do QEP com a Vitimação	58

4.2.2 - Correlação do QE com a Vitimação	59
4.2.3 - Correlação do ITRA com a Vitimação	60
4.3 - Análise Discriminante da Vitimação em Função dos Resultados dos Instrumentos.....	61
5 - Discussão Geral	65
6 - Limitações do estudo.....	73
Conclusões e direções futuras	75
Bibliografia.....	77
Anexos.....	87

Índice de Tabelas

Tabela 1: Domínios dos Esquemas Mal-adaptativos Precoces, família típica de origem e exemplos de itens do Young Parenting Inventory.....	27
Tabela 2: Distribuição de idades, habilitações e profissões dos participantes da amostra.	41
Tabela 3: Distribuição do número de relações amorosas, duração média das relações amorosas, situação amorosa atual e grau de satisfação com a relação amorosa atual.....	42
Tabela 4: Distribuição dos tipos de violência experienciados e quantidade dos mesmos para os participantes do estudo.	43
Tabela 5: Comparação do número de EPs ativos entre vítimas e não-vítimas de violência nas relações de intimidade. A significância do teste <i>U de Mann-Whitney</i> para comparar o número de EPs entre ambos os grupos é de 0,010.	49
Tabela 6: Comparação da frequência de EPs ativos entre vítimas e não-vítimas de violência nas relações de intimidade.....	50
Tabela 7: Comparação da frequência de domínios com pelo menos 1 EP ativo entre vítimas e não-vítimas de violência nas relações de intimidade.....	50
Tabela 8: Resultados do teste <i>U de Mann-Whitney</i> para comparação das pontuações do QEP entre os grupos de vítimas e não-vítimas de violência nas relações de intimidade.	51
Tabela 9: Comparação do número de EMPs ativos entre vítimas e não-vítimas de violência nas relações de intimidade. A significância do teste <i>U de Mann-Whitney</i> para comparar o número de EMPs entre ambos os grupos é de 0,014.	52
Tabela 10: Comparação da frequência de EMPs ativos entre vítimas e não-vítimas de violência nas relações de intimidade.....	53
Tabela 11: Comparação da frequência de domínios com pelo menos 1 EMP ativo entre vítimas e não-vítimas de violência nas relações de intimidade.....	54
Tabela 12: Resultados do teste <i>U de Mann-Whitney</i> para comparação das pontuações do QE entre os grupos de vítimas e não-vítimas de violência nas relações de intimidade.	55
Tabela 13: Frequências das pontuações do ITRA para todos os tipos de relação de reparação narcísica em vítimas e não-vítimas de violência nas relações de intimidade. Considera-se que indivíduos com pontuação igual ou superior a 3.0 têm o tipo de relação amorosa ativa.	56

Tabela 14: Resultados do teste <i>U de Mann-Whitney</i> para comparação das pontuações do ITRA entre os grupos de vítimas e não-vítimas de violência nas relações de intimidade.....	57
Tabela 15: Correlação entre as pontuações dos EPs do QEP e a existência de histórico de vitimação nas relações de intimidade.....	58
Tabela 16: Correlação entre as pontuações dos EMPs do QE e a existência de histórico de vitimação nas relações de intimidade.....	59
Tabela 17: Correlação entre as pontuações dos tipos de relação de reparação narcísica do ITRA e a existência de histórico de vitimação nas relações de intimidade.....	60
Tabela 18: Coeficientes da função discriminante obtida através da análise discriminante <i>stepwise</i> (com variáveis do QEP, QE e ITRA).....	61
Tabela 19: Correlações entre as pontuações do QEP, QE e ITRA e o modelo obtido através da análise discriminante <i>stepwise</i> (com variáveis do QEP, QE e ITRA)..	62
Tabela 20: Resultados da classificação de indivíduos como vítimas ou não-vítimas de violência nas relações de intimidade utilizando o modelo obtido através da análise discriminante <i>stepwise</i> (com variáveis do QEP, QE e ITRA).....	63
Tabela 21: Coeficientes da função discriminante obtida através da análise discriminante <i>stepwise</i> (com variáveis do QEP e QE).....	64
Tabela 22: Correlações entre as pontuações do QEP e QE e o modelo obtido através da análise discriminante <i>stepwise</i> (com variáveis do QEP e QE).....	64
Tabela 23: Resultados da classificação de indivíduos como vítimas ou não-vítimas de violência nas relações de intimidade utilizando o modelo obtido através da análise discriminante <i>stepwise</i> (com variáveis do QEP e QE).....	65

Índice de abreviaturas

APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

c.f. - conforme

CIG - Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género

cit. - citado por

Ed. - Editor

e.g. - por exemplo

EPs - esquemas parentais

EMPs - esquemas mal-adaptativos precoces

etc. - e assim por diante

ITRA - Inventário de Tipos de Relacionamento Amoroso

nº - número

QE - Questionário de Esquemas

QEP - Questionário de Estilos Parentais

trad. - tradutor

vs. - versus

Vol. - Volume

Introdução

Nas últimas décadas a temática da violência nas relações de intimidade, de cariz universal e considerada como um crime público em Portugal, tem sido um assunto ao qual foi conferida uma maior importância, tendo sido progressivamente mais destacado a partir da década de 90 (Pais, 1994). O fenómeno da violência nas relações de intimidade é abrangente e indiscriminado (alastrando-se a todos os grupos sociais, económicos ou geográficos) (Sumter, 2006), o que torna difícil a sua análise. Por outro lado, importa referir que o tema da violência nas relações de intimidade continua a ser considerado em muitos lugares como um motivo de vergonha ou de culpabilidade para as vítimas (Araújo, 2013) e, nesta perspetiva, torna-se crucial consciencializar a população para esta problemática de modo a minimizá-la e, simultaneamente, capacitar as vítimas juridicamente, relacionalmente e, sobretudo, psicologicamente para que consigam lidar com a vitimação e prosseguir com a sua vida da melhor forma possível. A revisão de literatura é extensa ao nível da caracterização da vitimação, nomeadamente, ao nível da sua dinâmica, da sua tipificação e das suas consequências (Antunes, 2002; Emery & Laumann-Billings, 1998; Manita, Ribeiro, & Peixoto, 2009; Matos, 2006; Moore & Wesa, 1997). Estes dados são importantes mas insuficientes por si só para a compreensão deste tema, fornecendo somente noções básicas e superficiais sobre o mesmo. Neste sentido, muito resta por explorar. Mais do que resolver uma situação problemática e pouco dignificante para o ser humano, importa compreender este fenómeno no seu cerne de modo a permitir identificar possíveis vítimas antes da situação de vitimação, delinear estratégias de intervenção não consideradas anteriormente e ter um outro olhar mais aprofundado sobre este conceito. É nesse aspecto que o presente estudo pretende contribuir.

O ser humano é um ser biopsicossocial e é precisamente esta a ênfase que esta dissertação atribui ao fenómeno da vitimação. Por outras palavras, defende-se que as relações com os cuidadores são estruturantes para o desenvolvimento e para a formação da personalidade pelo que falhas a este nível podem conduzir a traumas relacionais cujo indivíduo procura reparar recorrendo a estruturas patológicas de acomodação. Estas estruturas intervêm de modo a influenciar o discernimento do sujeito perante determinada situação no sentido de evitar a perda da figura significativa e, assim, assegurar a continuidade e sobrevivência do *Self* (Mesquita, 2011). Também as evoluções recentes no campo das neurociências parecem corroborar a importância das dinâmicas relacionais como sendo fulcrais para o

processo de mentalização modelando continuamente as estruturas neuronais e sendo modeladas por estas, resultando em transformações estruturais nos substratos orgânicos (Coderch, 2012; Rodríguez Sutil, 2010; Seligman, 2011). Nesta perspectiva, importa compreender os esquemas originados pelos comportamentos parentais na infância e na adolescência, que possibilitam à criança e ao jovem, por um lado, a interpretação dos estímulos precoces dos mesmos e, por outro a integração de experiências significativas edificadoras de uma imagem coerente do mundo (Spitz, 1946). Estes esquemas vão, assim, influenciar a percepção do indivíduo sobre si próprio, sobre os outros e sobre as dinâmicas relacionais que estabelece (Hazan & Shaver, 1987) modificando a sua realidade interna e a sua consequente resposta aos estímulos sociais externos. Na idade adulta, as dinâmicas relacionais estabelecidas podem acentuar possíveis traumas ocorridos em idades precoces (associados a fragilidades narcísicas do sujeito), levando à manutenção e consolidação dos esquemas mal-adaptativos precoces nesta fase da vida do indivíduo. Simultaneamente, podem surgir novos esquemas mal-adaptativos consoante os novos desafios com que o sujeito se depara (Young, Klosko, & Weishaar, 2003). Neste contexto, defende-se que a escolha das relações amorosas abusivas será realizada num âmbito de reparação das falhas narcísicas sofridas precocemente consistindo em repetições de traumas que constituem um padrão não resolvido. É importante notar que a vitimação não é necessariamente um efeito de uma causa, ou seja, nem todos os indivíduos expostos a ambientes prejudiciais ao seu desenvolvimento, particularmente aqueles sujeitos a algum tipo de violência nas relações de intimidade dos pais durante os seus primeiros anos de vida enveredarão, necessariamente, por um padrão de vitimação (seja como vítima ou como agressor). Com efeito, alguns sujeitos desidentificam-se com a cultura familiar de violência apresentando resiliência à vitimação (Matos, 2006) optando, assim, pela criação de padrões relacionais amorosos saudáveis.

A nível estrutural este documento encontra-se organizado em duas partes, as quais se descrevem sumariamente em seguida.

A Parte I desta investigação diz respeito à revisão de literatura, sendo nela abrangidos nove tópicos distintos. O primeiro tópico aborda os diversos conceitos de violência numa tentativa de especificar o universo que se pretende analisar. O segundo tópico enquadra o fenómeno da violência doméstica nas relações de intimidade, relevando a importância do seu estudo na atualidade. O terceiro tópico aprofunda as questões da violência nas relações de intimidade através do estudo das

dinâmicas e da tipificação da violência, e das suas consequências com o propósito de caracterizar o fenómeno em estudo. O quarto tópico vem complementar esta discussão aludindo ao tema da transmissão intergeracional da violência. Em seguida (quinto tópico), explora-se o conceito de narcisismo numa perspetiva relacional e de falhas narcísicas, destacando a importância da figura cuidadora para a formação e desenvolvimento dos modelos internos de relação. Neste âmbito, torna-se pertinente mencionar os traumas relacionais decorrentes das falhas estabelecidas com a figura cuidadora e a utilização de estruturas patológicas de acomodação como modo de preservar esta relação e, em última análise, a sobrevivência do *Self* (sexto tópico). No sétimo tópico, são abordados os avanços neurobiológicos recentes que contribuem para alguns dos pressupostos estabelecidos na psicanálise ao nível das dinâmicas relacionais. Considerando a importância da relação parental, refere-se no tópico 8 a temática dos comportamentos parentais durante o período da infância e da adolescência enquanto formadores de esquemas mal-adaptativos precoces. Por fim, o último tópico da Parte I desta dissertação incide no conceito de vulnerabilidade narcísica e na escolha de relacionamentos amorosos com vista à reparação narcísica.

A Parte II desta dissertação foca-se no estudo empírico do problema de investigação, o qual é descrito no primeiro tópico desta secção, bem como a pertinência do estudo em questão face aos desenvolvimentos da comunidade científica na área da investigação sobre a possível influência da relação parental enquanto potenciadora de vitimação nas relações de intimidade. Seguidamente, enumera-se os objetivos gerais da presente investigação e as hipóteses de investigação colocadas (segundo tópico). O terceiro tópico constitui a metodologia a qual se encontra diferenciada em quatro subtópicos distintos: **1)** procedimento / desenho do estudo; **2)** caracterização dos participantes (sóciodemografia, histórico de relações amorosas e histórico de vitimação); **3)** descrição dos instrumentos utilizados (Questionário de Esquemas, Questionário de Estilos Parentais, e Inventário de Tipos de Relacionamento Amoroso); e **4)** procedimentos de recolha, tratamento e análise dos dados. De seguida, apresenta-se a análise dos resultados dos instrumentos utilizados (quarto tópico) para testar as hipóteses de investigação do estudo (quinto tópico). O sexto tópico diz respeito à discussão geral e limitações do estudo e, por fim, o sétimo tópico prende-se com as conclusões e direções futuras.

Parte I – Enquadramento Teórico

1 - Os Conceitos de Violência

O conceito de violência é de difícil definição, na medida em que esta se constitui como um fenómeno complexo e abrangente. Com efeito, a violência manifesta-se sobre diferentes configurações e alastra-se de forma indiscriminada a todos os grupos sociais, económicos ou geográficos (Sumter, 2006). Para além disso, importa realçar que as concepções de violência se vão modificando temporalmente devido às constantes evoluções socioculturais (Muehlenhard & Kimes, 1999). Como tal, é possível afirmar que não existe um único conceito de violência, mas sim uma multiplicidade de atos violentos que deverão ser analisados de acordo com a época histórica (Bufacchi, 2005), os contextos sociais (Baker, 1998) e as leis vigentes (Raj, 2002).

Posto isto, e com o propósito de alcançar uma definição razoável, considere-se uma análise etimológica da palavra “violência”. “Violência” deriva do latim “*violentia*” (Figueiredo, 1913) e do verbo “*violare*”, que significa violentar, transgredir, estando também associada a uma perturbação da ordem, que excede, ultrapassa e pode revelar um descontrole. Ambos os termos derivam da palavra “vis” que significa potência, vigor, e força física, estando estas características associadas às condutas violentas (Ruiz & Mattioli, 2004).

De acordo com a definição da *World Health Organization* (WHO, s.d.), considera-se como violência o “uso intencional de força ou poder físico, real ou ameaça, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade, que resultem ou tenham uma grande probabilidade de resultar em ferimentos, morte, dano psicológico, mau desenvolvimento ou privação”. Já Manita, Ribeiro e Peixoto (2009), definem o conceito como “qualquer forma de uso intencional da força, coacção, ou intimidação contra terceiro ou toda a forma de acção intencional que, de algum modo, lese a integridade, os direitos e necessidades dessa pessoa” (p.10).

No que diz respeito à violência praticada sobre as mulheres (Bachman & Saltzman, 1994; Heise, 1998; Krantz & Garcia-Moreno, 2005), as teorias feministas têm desempenhado um importante papel no que diz respeito à sua conceptualização considerando este tipo de violência como o resultado de uma desigualdade de género intrinsecamente vinculada com as estruturas de ordem social (Hollander, 1999). Note-se que este pressuposto abrange a violência doméstica (Abbott, Johnson, Koziol-McLain, & Lowenstein, 1995), embora não se restrinja à mesma (e.g., tráfico de mulheres).

Maus-tratos nas relações de intimidade: Aleatoriedade ou prévia (de)limitação da herança parental?

As definições enunciadas anteriormente não expressam com exatidão a realidade que pretendemos estudar, isto é, a violência doméstica em geral (Gelles, 1987), e a violência nas relações de intimidade (Jewkes, 2002; Matos, 2006), em particular. Como tal, torna-se pertinente especificar essa realidade, designadamente os conceitos de violência doméstica e de violência nas relações de intimidade. Manita, Ribeiro e Peixoto (2009) definem estes conceitos da seguinte forma:

Violência doméstica (VD): “é um comportamento violento continuado ou um padrão de controlo coercivo exercido, directa ou indirectamente, sobre qualquer pessoa que habite no mesmo agregado familiar (e.g., cônjuge, companheiro/a, filho/a, pai, mãe, avô, avó), ou que, mesmo não co-habitando, seja companheiro, ex-companheiro ou familiar. Este padrão de comportamento violento continuado resulta, a curto ou médio prazo, em danos físicos, sexuais, emocionais, psicológicos, imposição de isolamento social ou privação económica da vítima, visa dominá-la, fazê-la sentir-se subordinada, incompetente, sem valor ou fazê-la viver num clima de medo permanente” (pp. 10-11).

Violência nas relações de intimidade (VRI): esta noção “resulta da necessidade de alargar a noção de VD e, em particular, a de Violência Conjugal (VC), de modo a abranger a violência exercida entre companheiros envolvidos em diferentes tipos de relacionamentos íntimos e não apenas na conjugalidade “*strictus sense*” (e.g., violência entre casais homossexuais, violência entre namorados)”; fala-se também em “violência nas relações amorosas”, “violência entre parceiros”, entre outras com significado equiparável (p.11).

Estas definições de violência parecem convergir para a noção de privação da vítima decorrente de uma tentativa de controlo e domínio por parte do agressor, seja através de atos violentos físicos, psicológicos, ou sexuais.

Para uma melhor compreensão das agressões perpetradas pelo parceiro amoroso, ir-se-á tipificar adiante, as diversas formas de violência. Porém, importa mencionar que independentemente da tipificação, a violência nas relações de intimidade é transversal no tempo e no espaço, podendo atingir qualquer classe ou estatuto social, raça ou etnia, sendo, portanto, um fenómeno indiscriminado (Sokoloff & Dupont, 2005; Sumter, 2006), embora existam fatores que predisponham à sujeição à violência (Chronister, Wettersten, & Brown, 2004). A mulher parece ser o género mais vulnerável, defendendo alguns autores que a violência exercida por esta se insere num quadro de legítima autodefesa ou reação à violência que lhe é infligida

(Matos, 2006). Apesar de perpetrada por ambos os géneros, as estatísticas registam valores mais elevados de violência nas relações de intimidade em que a mulher se encontra na condição de vítima (81,1%) (APAV, 2012).

2 - O Fenómeno da Violência nas Relações de Intimidade

Nas últimas décadas a temática da violência nas relações de intimidade, de cariz universal e considerada como um crime público em Portugal¹, tem sido um assunto ao qual foi conferida uma maior importância, tendo sido progressivamente mais destacado a partir da década de 90 (Pais, 1994). O interesse manifesto pela violência pode levar a crer que esta seja uma realidade recente que poderá ter sofrido influência de algumas alterações sociais, como por exemplo, a participação cada vez mais ativa da mulher no mundo laboral. Porém, o fenómeno da violência praticada contra as mulheres é reconhecido historicamente como uma manifestação da desigualdade de género, particularmente caracterizada pelo modelo patriarcal onde se evidencia uma subordinação e inferioridade da mulher face ao homem (Pais, 1994). Os pressupostos deste modelo, vigente durante largos séculos, encontram-se apoiados numa cultura sustentada numa desigualdade de poderes, em que a problemática da violência é vista como estando integrada na privacidade familiar (“entre marido e mulher não se mete a colher”) e, como tal, alheia à sociedade em geral (Cunha, 2010).

Esta visão foi sofrendo alterações com o decorrer do tempo, ganhando uma progressiva visibilidade devido: **1)** a mudanças ao nível da lei portuguesa (através do estabelecimento da igualdade de género em todos os domínios com a entrada em vigor da nova Constituição, em 1976 e, também, no Código Penal de 1982, que estabeleceu os maus tratos entre conjugues como crime), **2)** à emancipação económica da mulher, que foi desempenhando um papel mais ativo no mundo laboral e, conseqüentemente, originou uma redefinição do seu papel familiar e social, **3)** à democratização da sociedade, que fomentou uma maior consciência acerca dos direitos individuais, e contribuiu para um maior debate público sobre os direitos das mulheres e, ainda, **4)** ao progressivo destaque dos movimentos feministas que realçaram uma realidade silenciada, isto é, a violência praticada sobre as mulheres (Fernandes, 2002).

¹ O artigo 152.º do Código Penal Português – Lei n.º 59/2007, publicado em Diário da República (1.ª Série) em 04 de Setembro de 2007 estabelece o seguinte: Violência doméstica assume a natureza de crime público, o que significa

Esta problemática tem inclusivamente merecido a atenção do governo e de organismos internacionais (como as Nações Unidas), uma vez que se constitui como “um obstáculo à concretização dos objetivos de igualdade, desenvolvimento e paz, e viola, dificulta ou anula o gozo dos direitos humanos e das liberdades fundamentais” (CIG, 2011-2013). Atualmente, e na tentativa de favorecer uma maior igualdade de género, as instituições de apoio à vítima seguem os pressupostos teóricos da CIG (Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género) com o intuito de nortear a prática profissional dos técnicos desta área e promover uma maior eficácia no apoio fornecido às vítimas (quer seja a nível psicológico, jurídico, social, ou outro) com vista à recapacitação das mesmas (*empowerment*) e, igualmente, na prevenção, através de campanhas de informação e sensibilização. Este esforço conjunto, que favorece a dignidade da mulher, deve-se igualmente ao facto da violência contra as mesmas apresentar estatísticas com algum relevo, sofrendo um aumento a cada ano que passa, embora ainda exista um grande número de casos que fica por denunciar (APAV², 2012).

Importa mencionar que, se por um lado têm sido desenvolvidas medidas de combate à violência (através da criação de leis que a recriminam e que prestam o auxílio às vítimas), por outro, este esforço por uma maior igualdade, também se tem revelado a nível científico através do contributo de alguns estudos nas áreas da vitimação e suas vertentes (e.g., vitimação múltipla (Matos, Conde, & Peixoto, 2013), vitimação intergeracional (Oliveira & Sani, 2009), vitimação indireta de crianças (Sani, 2006), o ser mulher e mãe no contexto de violência doméstica (Sani, 2008), entre muitos outros). Neste sentido, o presente estudo vem contribuir para uma melhor caracterização das vítimas de violência nas relações de intimidade, concorrendo para a obtenção de um conhecimento mais alargado ao nível das escolhas amorosas das mulheres vítimas, particularmente no que diz respeito ao estudo dos seus perfis relacionais precoces. Desta forma, poderá também proporcionar, a um nível prático, um esquema de intervenção mais adequado para indivíduos do sexo feminino.

² Entre 2010 e 2012 a APAV registou um aumento percentual de 8,4 % processos de apoio. Já o número de crimes registados sofreu um acréscimo de 8,8% de 2010 para 2011 e de 10% de 2011 para 2012. Quanto ao número de vítimas diretas revelou um aumento de 29% no espaço de 2 anos.

3 - A Violência nas Relações de Intimidade: Dinâmica, Tipificação, e Consequências para as Vítimas

O fenómeno da violência nas relações de intimidade é caracterizado por uma dinâmica cíclica, que torna a mulher incapaz de interromper a violência e sair da relação abusiva (Matos, 2006). Esta dinâmica é comumente designada por ciclo da violência, e consiste em três fases distintas: **1)** a fase de construção da tensão, **2)** a fase do episódio agressivo e **3)** a fase de lua-de-mel (Moore & Wesa, 1997). De acordo com este ciclo, existe uma fase de tensão / hostilidade no relacionamento, (normalmente caracterizada por insultos e ameaças frequentes) que gera violência física, expondo a tensão dos conteúdos latentes da fase anterior; após o ato físico violento, surge o arrependimento do agressor com os pedidos de desculpa, as atitudes generosas e as promessas de mudança. Note-se que a fase de lua-de-mel proporciona um período mais pacífico que perdura até à próxima situação de tensão e insere-se num contínuo padrão de poder e controlo (o agressor usa as suas expressões de remorso como forma de absolver-se pela responsabilidade dos atos cometidos e manipular a vítima a permanecer na relação violenta). Importa ainda salientar que o ciclo vai sofrendo modificações ao longo da relação amorosa: tendencialmente, o período de lua-de-mel diminui, e o período de violência sofre um aumento temporal (Antunes, 2002).

Para uma melhor análise da problemática da violência nas relações de intimidade importa, ainda, delimitar os diversos tipos de violência praticados. De acordo com a revisão da literatura efetuada, parecem existir pequenas subtilezas conceptuais ao nível da distinção dos diversos tipos de violência. Antunes (2002), considera oito formas de exercício da violência, são elas: **1)** coagir e ameaçar, **2)** intimidar, **3)** usar a violência emocional, **4)** isolar, **5)** minimizar, negar, condenar, **6)** instrumentalizar os filhos, **7)** utilizar “privilégios machistas” e **8)** utilizar a violência económica (c.f. Anexo I, p. 91).

Por outro lado, Manita, Ribeiro e Peixoto (2009), consideram seis tipos de violência: **(1) emocional e psicológica** (consiste em desprezar, menosprezar, criticar, insultar ou humilhar a vítima, destruir objetos com valor afetivo para a mesma, não a deixar descansar/dormir, etc.), **(2) intimidação, coação e ameaça** (associada à violência emocional-psicológica, consiste em manter a vítima com medo do que o agressor possa fazer contra si e/ou contra os seus familiares e amigos, animais de estimação ou bens), **(3) física** (consiste no uso da força física com o objetivo de ferir/causar dano físico ou orgânico, deixando ou não marcas evidentes,

como por exemplo empurrões, estaladas, murros, pontapés, apertar o pescoço, entre outros), **(4) de isolamento social** (resulta das estratégias implementadas pelo agressor para afastar a vítima da sua rede social e familiar, com vista a um maior controlo e manipulação), **(5) de abuso económico** (frequentemente associado ao isolamento social, consiste na negação do agressor em fornecer acesso a dinheiro ou bens, incluindo por vezes bens de necessidade básica), ou **(6) sexual** (toda a forma de imposição de práticas de cariz sexual contra a vontade da vítima, como violação, exposição a práticas sexuais com terceiros, entre outras).

As duas definições apresentadas parecem complementar-se na medida em que, se por um lado a primeira se torna mais específica, salientando alguns tópicos não contemplados de forma direta na segunda definição (e.g., instrumentalizar os filhos e utilizar “privilégios machistas”), e vice-versa (e.g., ao nível do abuso sexual), por outro lado esta última definição parece concorrer para a obtenção de um panorama mais geral da tipificação da violência aludindo de forma mais clara à violência psicológica (e suas associadas), à violência física e ao abuso sexual. Para os efeitos do presente estudo iremos considerar esta última definição uma vez que é a adotada pela Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (CIG).

No que se refere à violência perpetrada nas relações amorosas, esta apresenta, naturalmente, uma natureza distinta consoante os casos, podendo o quadro de violência apresentar um padrão de agressão mútuo, em que ambos os membros do casal se constituem alternadamente como vítima e como agressor. É importante salientar que na tipificação da violência é rara a experiência isolada de um só tipo de abuso sendo que, quando a relação amorosa abusiva se perpetua no tempo, a intensidade, a frequência e a gravidade da violência tendem a aumentar (Matos, Conde, & Peixoto, 2013). Note-se também que a violência nas relações de intimidade pode dar-se em diferentes contextos relacionais, nomeadamente: conjugal (Gelles, 1972), pós-separação (Ferreira & Matos, 2013), união de facto e namoro (Caridade & Machado, 2008).

Os estudos apontam também que a violência conjugal é, geralmente, precedida de relações de namoro abusivas, caracterizadas por estratégias de controlo e restrição do outro (Caridade & Machado, 2006), constituindo-se a violência no namoro como um preditor da violência conjugal (Hamby, 1998). Posto isto, torna-se crucial prevenir a violência nestas fases relacionais precoces. Deve-se ter especial atenção às relações de namoro adolescentes, uma vez que esta fase é caracterizada por uma grande instabilidade emocional e grandes alterações no desenvolvimento,

sendo por esta mesma razão um período vulnerável para a ocorrência de abuso na intimidade (Caridade, 2008). Jackson, Cram, e Seymour afirmam que é na adolescência que se “estabilizam os papéis de gênero e se acentua o narcisismo, sendo também um período em que os mitos sobre o romance e a intimidade são de alguma forma "agidos" e postos à prova” (como citado em Caridade, 2008, p.2). Adicionalmente, a pressão do grupo e a necessidade de pertença ao mesmo faz com que a perpetração de violência nas relações de namoro seja uma conduta aceita e reforçada, existindo uma relativização da mesma por parte dos pares (Oliveira & Sani, 2009).

No que diz respeito às consequências da violência, é de notar que estas se alastram por vários sistemas, nomeadamente vítimas, filhos, agressor, família, e sociedade. Dada a natureza do estudo em causa, e não pretendendo ser exaustiva, importa destacar as consequências para as vítimas, que podem ser de ordem: **física** (fraturas, invalidez, deficiências visuais, auditivas, motoras, morte), **emocional** (perturbações intelectuais e da memória, perturbações relacionais, sintomatologia depressiva, perturbações de ansiedade e evitamento), **financeira** (pobreza, por exploração financeira - controle dos bens, destruição de bens) ou até mesmo **profissional** (e.g., devido à necessidade de proteção, faltar ao local de trabalho por motivos vários decorrentes da violência) (Emery & Laumann-Billings, 1998). Manita, Ribeiro e Peixoto (2009), acrescentam também: as alterações nos padrões de sono e perturbações alimentares; as alterações da imagem corporal e as disfunções sexuais; os sentimentos de medo, vergonha e culpa; as fobias, os ataques de pânico e a hipervigilância; os níveis reduzidos de autoestima e um autoconceito negativo; uma vulnerabilidade ou dependência emocional, passividade, “desânimo aprendido”; isolamento social ou evitamento; e perturbação pós-stress traumático. Segundo os mesmos autores, o impacto traumático da vitimação depende, entre outros fatores, da frequência da ocorrência dos maus tratos, da sua severidade, da história anterior de vitimação, e da rede de apoio social/familiar.

4 - A Transmissão Intergeracional da Violência

A reprodução de comportamentos violentos ao longo de gerações tem vindo a ser alvo de debate e controvérsia na literatura (Fantuzzo, Boruch, Beriama, Atkins & Marcus, 1997; Holden, 2003; Holt, Buckley, & Whelan, 2008). Na base da transmissão intergeracional da violência parecem estar a observância de comportamentos e modelos de conduta violenta na relação parental, que são

Maus-tratos nas relações de intimidade: Aleatoriedade ou prévia (de)limitação da herança parental?

posteriormente imitados e mantidos através de diferentes reforços (note-se que a manifestação violenta não terá que reproduzir de forma fiel a conduta observada). De facto, é na infância que se aprendem os valores morais que legitimam o uso da violência (e.g., sujeição à vitimação por assunção de que o amor está relacionado aos maus-tratos), podendo por esta mesma razão surgir atitudes de permissividade e de violência que propiciam um maior risco para que as crianças se tornem vítimas ou agressores, perpetuando, deste modo, a violência intergeracional (Oliveira & Sani, 2009; Matos, 2006). De acordo com Pollak (como citado em Matos, 2006):

“A probabilidade de um marido se tornar violento depende do facto deste ter crescido num lar violento; a probabilidade de uma esposa permanecer com um parceiro abusivo depende do facto desta ter crescido num lar violento; e os indivíduos que cresceram em lares violentos tendem a casar com indivíduos que cresceram em lares com o mesmo problema” (pp. 73-74).

Matos (2006) reforça ainda que “a cultura de violência” na família pode propiciar uma normalização da mesma e o reforço de representações mais passivas de acordo com as expectativas do seu papel, aumentando o risco de vitimação da mulher quando adulta. Por outro lado, as condutas violentas parentais podem também comprometer a autoestima.

Com efeito, Oliveira e Sani (2009) apontam que “os sujeitos que foram vítimas ou testemunharam comportamentos de violência na família de origem apresentam uma maior probabilidade de virem a desenvolver comportamentos violentos no futuro, ou a ser vítimas de violência nas suas relações” (p. 164), perpetuando o ciclo intergeracional da violência (Matos, 2006). Por outro lado, os sujeitos que não testemunharam esses comportamentos, “apresentam uma maior probabilidade de desenvolverem modelos positivos das relações, de desenvolverem formas mais eficazes de lidar com os conflitos” e, também, menor probabilidade de tolerar comportamentos abusivos por parte do parceiro amoroso (p.164).

Embora existam dados empíricos que revelam a existência de uma associação entre vitimação e comportamento violento, esta relação não é linear, na medida em que não existe uma associação simples e direta entre maus tratos na infância e manifestação de problemas de comportamento ou prática de comportamentos violentos no futuro. Por outro lado, também não se encontra fundamentado como é que alguns pais maltratados enquanto crianças, não se tornam, na sua maioria, em pais abusivos. De acordo com Matos (2006), o contacto com outro tipo de

relacionamentos familiares, a percepção de contextos sociais e familiares pouco tolerantes à violência, e a percepção dos custos associados à mesma (e.g., maus-tratos à mãe, divórcio) podem constituir-se como fatores de resiliência que levam, não só à não adesão ao modelo violento, mas também à procura de alternativas à violência nas relações de intimidade. Matos (2006) refere ainda que “os indivíduos resilientes são normalmente membros que permanecem marginais ao caos de um lar onde existe abuso, conseguem “desidentificar-se” com a cultura familiar de abuso e, conscientemente, recusar aquele padrão nocivo de interação” (p. 75).

Como tal, é possível afirmar que o problema da violência intergeracional é complexo, e pode apenas ser parcialmente explicado pela Teoria da Aprendizagem Social (Oliveira & Sani, 2009). De facto, a reprodução comportamental associada a padrões violentos parece ser mediada não só por fatores ambientais, mas também por fatores de outra natureza (e.g., consumo de álcool, personalidade anti-social) (Matos, 2006).

5 - O Narcisismo numa Perspetiva Relacional

O narcisismo constitui-se como um assunto complexo que tem vindo a sofrer sucessivas interpretações ao longo do desenvolvimento da psicanálise (Freud, 1913; Freud, 1914; Pulver, 1986; Rothstein, 1979) e, como tal, originou profundas reestruturações teóricas neste campo clínico. Neste sentido, poderá ser considerado segundo duas perspetivas distintas: no contexto da teoria pulsional (onde se destacam sobretudo os contributos de Freud), ou num contexto independente das pulsões associado à coesão e estabilidade da representação do *Self* e, por sua vez, associado à manutenção da autoestima, onde se destaca uma visão funcional (Dare & Holder, 1981; Kernberg, 1974; Stolorow & Lachmann, 1983).

Esta visão funcional, defendida por Stolorow, Lachmann e Kernberg, permite distinguir entre o narcisismo sadio e o doentio. Implica igualmente a existência de um grau de perturbação narcísica que estaria associado “ao grau de deficiência, estrutura e de vulnerabilidade na representação do *Self*, bem como à intensidade da ameaça da descompensação narcísica” (Mesquita, 2011). Deste modo, o grau de perturbação narcísica encontra-se relacionado com o grau de coesão do *Self*, o qual é diretamente influenciado pela adaptação da mãe e do bebé nas suas experiências relacionais mais precoces. De facto, esta relação deverá ser de carácter simbiótico, e deverá ser interpretada pelo bebé como expressando validade e incondicionalidade. Quando tal não acontece, ou seja, quando a mãe não consegue satisfazer as

necessidades do bebê e conter as suas angústias, existirá uma maior angústia de separação (Martínez Ibáñez, 2012a; 2012b) pelo que, o investimento narcísico na representação do *Self* será mais defensivo na medida em que o indivíduo teme mostrar-se perante o outro devido ao receio de que este deixe de gostar de si e, como tal, cria um “falso self” como forma de se proteger e minimizar o sofrimento psicológico (Mesquita, 2011; Rothstein, 1979).

Tendo em conta o que foi referido anteriormente, a mãe deverá monitorizar o seu papel na vida emocional do bebê de modo a interagir adequadamente com o mesmo, isto é, constituindo-se como uma *fonte transformacional*, que favorece a sua independência e autonomia em detrimento de uma ilusão onipotente. Deste modo, uma mãe organizadora (Parkin, 1985) proporcionaria “uma acção espontânea de gestos que correspondem à revelação do verdadeiro *Self*” do bebê (Mesquita, 2011, p.66; Winnicott, 1956). Este gesto espontâneo emergiria da elaboração, por parte da mãe, das necessidades e dos estados emocionais do seu bebê, de modo a devolvê-los de forma transformada e acessível ao seu rudimentar Eu. Assim, a significação devolvida pela mãe possibilitaria a experimentação dos afetos como mente e não somente como estados corporais, que seriam integrados na experiência do *Self* e, neste sentido, fomentariam uma imagem mais coerente do mundo (Bion, 1962). Banai, Mikulincer e Phillip (2005) suportam também estes pressupostos ao defenderem que a linha de desenvolvimento narcisista é ativa desde o início da vida e constitui-se como fundamental para o funcionamento de uma personalidade adequada.

A experiência mãe-bebê permite, desta forma, um sentimento de realização que proporciona o nascimento de uma consciência que mantém a integração do *Self* e que constitui as bases da autoconfiança e da autoestima ou, por outras palavras, promove o desenvolvimento de um narcisismo saudável. Considerando o anteriormente exposto, quando a mãe exige uma adaptação excessiva da criança ao seu próprio *Self*, esta desenvolve um falso *Self*. Por outro lado, quando a mãe é adaptativa e satisfaz os desejos do bebê, permite o sentimento de existência do mesmo e a validação da sua experiência afetiva e, desta forma, possibilita a expansão do seu verdadeiro *Self*. Isto dá-se porque para o bebê, o cuidador não é separado dele próprio e, por isso, a satisfação que a mãe propaga é vivenciada como o resultado da própria competência e onipotência (Mesquita, 2011). Neste último caso, pode-se afirmar que o bebê existe, que foi pensado, sonhado e

desejado na sua individualidade e, como tal, pode projetar-se “e não apenas ser um espelho do outro”.

O sentimento de sintonia emocional e a experiência de ser atendido e entendido, proporcionam ao bebé, por um lado, a validação do seu *Self* e, por outro, um sentimento de segurança e de confiança. Neste âmbito, torna-se importante aludir ao termo de envelope narcísico (Solan, 1999), em que a mãe confere ao bebé um sentimento de coesão e continuidade do *Self* e mantém a sua integridade, funcionando como um sistema de proteção narcísica que permite o estabelecimento de relações objetais sem que o mesmo fique ameaçado (Mesquita, 2011).

Parece existir consenso por parte de alguns autores quanto à existência de uma estrutura bipolar do aparelho psíquico relacionada com os pais (Gear, Hill & Liendo, 1981), que ao falharem no reconhecimento dos desejos da criança, a colocam numa posição de submissão em esta reprime os seus desejos em função dos desejos dos cuidadores, aniquilando o seu verdadeiro *Self* devido à angústia de separação que vivencia e que terá de ser negada a todo o custo e que, adicionalmente, irá promover o sentimento de falta e de vazio. Por outro lado, esta estratégia defensiva visa suscitar a admiração do cuidador através da substituição dos estados afetivos do bebé pelos estados aceites e gratificantes para a figura significativa. Deste padrão resulta não só uma restrição das possibilidades psíquicas, mas igualmente uma focalização na procura de um outro espelho similar, impedindo, por um lado, a consciência das interações repetitivas que se estabelecem e, por outro, a consciencialização das próprias limitações (Mesquita, 2011). Note-se que os aspetos integrados devido a estas dinâmicas relacionais, extremamente desvalorizantes e depressivos para o verdadeiro *Self* suscitam a validação narcísica externa de forma a regular a autoestima e a preservar o frágil *Self* verdadeiro, então reprimido. Este *Self* degenerado pode não satisfazer e incomodar o outro pela sua incompletude sendo que, o narcisismo pode tornar-se patológico quando existe ausência de validação afetiva e de continuidade de afeto por parte do outro.

Desta forma, o que se verifica é que o indivíduo, em constante transformação, precisa de um ambiente relacional que facilite o seu desenvolvimento. Quando esse ambiente não é facilitador ocorre então uma falha que se associa a uma estagnação do processo desenvolvimental (não só ao nível das aprendizagens, mas igualmente ao nível do próprio crescimento emocional). Nestes casos, o que se verifica é a repetição de relações que confirmam a falta e acentuam a dor (Mesquita, 2011). Isto parece ocorrer pelo facto de o indivíduo interiorizar dentro de si modelos relacionais

Maus-tratos nas relações de intimidade: Aleatoriedade ou prévia (de)limitação da herança parental?

que se constituem como a base de toda a sua organização interna e que dão significado aos relacionamentos que estabelece posteriormente. É importante notar que parece existir uma maior tendência para a escolha de relações que são familiares e, por isso, mais “seguras” e expectáveis para o próprio, por oposição ao novo, ao desconhecido e ao diferente, então potencialmente ameaçador. O evitamento de certo tipo de dinâmicas relacionais parece prender-se, assim, com uma defesa do *Self* para lidar com afetos que potenciam o encontro com a falha (Mesquita, 2011). Tendo em conta o anteriormente mencionado, seria então plausível assumir que os funcionamentos patológicos de relacionamento advêm de relações precoces que promoveram a falha e a estagnação desenvolvimental. De acordo com Mesquita (2011, p. 67), para que se dê a integração de novas experiências de relação, promotoras de desenvolvimento,

“é necessário que se tenha construído internamente um sentimento de ter sido desejado e amado de modo continuado por alguém, de modo a poder partir em busca de novas relações, também essas geradoras de amor e de crescimento emocional e afetivo.”

No caso das vítimas de violência nas relações de intimidade, podemos então hipotetizar que estas se identificam com um tipo de relacionamento patológico, possivelmente associado a uma falha decorrente das dinâmicas relacionais precoces (Sassenfeld, 2011). Estas mulheres (falo de mulheres por ser o meu grupo-alvo) procuram satisfazer os seus vazios internos através da repetição de um padrão relacional que procure colmatar os mesmos, mas que não irá preencher o seu Ego fragilizado na medida em que este novo objeto³ se assemelha ao objeto conflitual da infância. Neste sentido, cria-se um ciclo repetitivo, por vezes “com contornos sádico-masoquistas, em que não é possível viver com aquele objeto, nem sem ele” (Mesquita, 2011, p. 117). Se por um lado este novo objeto é tão incapaz como o anterior, por outro, protege o objeto inicial desculpabilizando-o e simulando-se uma

³ A terminologia “objeto” utilizada ao longo desta dissertação difere da terminologia de “objeto” enquanto conceito da psicanálise clássica, na medida em que Freud considerava somente o objeto no sentido da descarga da pulsão, não existindo um conceito de relação. Por outro lado, Klein introduz a noção de objeto enquanto fonte de projeções e fantasias. Já Winnicott considera o objeto real e a influência do meio (Roudinesco & Plon, 1998). Para Kohut, por sua vez, o objeto é um conceito intrapsíquico e o self vivencia a realização dos seus objetivos de desenvolvimento com o auxílio de determinadas funções exercidas por um outro (que é vivenciado como parte do self ou como alguém com quem o self se relaciona de forma significativa). Assim, quando se procede à utilização do termo “objeto” refere-se à relação com um outro, seja uma figura cuidadora (objeto primário) ou com um parceiro amoroso, numa perspectiva de intersubjetividade pois o “objeto” é necessário para a integração de determinados afetos. Neste âmbito, quando determinados afetos não são adequadamente atendidos, não são integrados na vida mental do indivíduo.

Maus-tratos nas relações de intimidade: Aleatoriedade ou prévia (de)limitação da herança parental?

falsa reparação (Mesquita, 2011). Este tipo de relações são insatisfatórias e denotam a escolha inconsciente de um outro que é incapaz de corresponder a um amor. Este amor note-se, não é um amor maduro e de reciprocidade, mas ao invés um amor que visa reparar, ou seja, que tem uma função organizadora e que, por vezes, procura compensar partes do *Self* que ficaram por se desenvolver, numa ótica de compensação narcísica. No fundo, é um amor com um carácter funcional e egóico.

Nesta perspetiva, é comum surgirem sentimentos de que o outro não exerce a sua função e, conseqüentemente, as fragilidades do *Self* emergem novamente. Estas contínuas repetições tornam-se extremamente desgastantes para o *Self* e fragilizam-no ainda mais, sendo que esta fragilidade pode ser maior ou menor de acordo com a gravidade da falha da sintonia afetiva com a mãe. O que o indivíduo sente perante as descontinuidades da relação é a ausência de contenção e transformação do *Self* que as figuras significativas precoces deveriam ter estabelecido, mas que não foram capazes por fragilidades próprias. Sobre este assunto, Manzano, Espaza e Zilkha (1999) apontam que as modalidades que manifestam a identificação dos pais às suas próprias figuras parentais ou às representações do seu *Self* infantil determinam a dinâmica relacional com os filhos. Numa relação mais saudável as experiências passadas da mãe não interferem na relação diádica estabelecida e, desta forma, não prejudicam a psique em formação do bebé, estabelecendo-se uma identidade narcísica primária que norteará o desenvolvimento no processo de diferenciação mãe-bebé e, conseqüentemente, a aceitação dos próprios limites e do outro. No fundo, não existe uma unidade narcísica que visa responder às necessidades do outro à custa do elemento mais frágil (Mesquita, 2011).

Tendo em conta o exposto, é importante mencionar o conceito de angústia branca (Green, 1979), que consiste numa relação com um cuidador alheado num luto e que, por esse motivo, não teve a capacidade de fornecer os cuidados e os afetos necessários ao bebé. Assim, surge um indivíduo que não se reconhece na ausência dessa figura significativa e, como tal, sente-se incompleto ainda que não compreenda o motivo que leva a essa incompletude. Com efeito, a quebra da idealização da figura materna e a conseqüentemente promoção da individuação e diferenciação do indivíduo só é possível através de um terceiro elemento, que expõe a realidade pela relação de casal (na qual o *Self* é testemunha não-participante) e que, simultaneamente, impõe regras (Mesquita, 2011).

A incompletude experienciada pelo sujeito leva-o a adoptar um padrão de comportamento duplo: isto é, ou o indivíduo recorre aos seus mecanismos de defesa

para proteger o seu *Self* desinvestindo do objeto que ameaça decepcioná-lo, ou, por outro, agarra-se ao novo objeto para confirmar a sua crença de ser mal-amado. Quer isto dizer que quando se dá a falha no processo de triangulação, a vivência de relações íntimas maduras é colocada em causa (Mesquita, 2011) uma vez que o objeto se centra sobre si próprio e não numa relação com um outro. Note-se que, perante os vazios do indivíduo decorrentes de experiências menos positivas relacionadas com a relação parental, cabe ao mesmo preenché-los através da atribuição de significado numa óptica de reparação do *Self*, processo esse que nem sempre é bem conseguido.

6 - Os Traumas Relacionais e as Estruturas Patológicas de Acomodação

Os traumas relacionais (Schore, 2009) advém de experiências emocionais ocorridas entre a infância e a adolescência relacionadas com a falta de sintonia com a figura de vinculação, refletindo-se no futuro numa necessidade extrema de obtenção do amor e aceitação incondicionais que não experienciaram em etapas precoces.

De facto, para diversos investigadores as interações com os cuidadores constituem-se como primordiais para o desenvolvimento de um *Self* completo e coeso (Allen, Fonagy & Bateman, 2008; Coderch, 2012). Coderch de Sans (2013, p. 342) refere a este respeito:

“(...) lo que necesita el niño no es la presencia de una figura protectora para cuando se la precise frente a un peligro, sino una figura disponible y confiable para interaccionar, comunicar, recibir una heteroregulación de sus estados emocionales, ser cuidado y dar y recibir amor, que esto y no otra cosa es el apego seguro”.

Coderch de Sans (2013) introduz-nos ainda o conceito de trauma emocional contextual e intersubjetivo, termo este que se refere à frustração persistente e prolongada no tempo experienciada por um indivíduo face à relação afetiva com os cuidadores, e que sente como não sendo segura, isto é, onde não existe o domínio de confiança e de amor. De acordo com Coderch de Sans (2013), a patologia advém da falta de uma resposta adequada ao trauma por parte da mãe, sendo que esta pode dar-se segundo duas tipologias: 1) através de uma falha continuada em proporcionar um ambiente seguro e responsivo às necessidades do

Maus-tratos nas relações de intimidade: Aleatoriedade ou prévia (de)limitação da herança parental?

indivíduo (muitas vezes pouco perceptível mas continuada) ou 2) de uma falha pontual no contexto intersubjetivo que não permitiu a captação da dor provocada por determinado estímulo ou situação. Quando existe uma falha continuada, o que acontece é que o indivíduo se culpabiliza por expressar os seus próprios desejos e afetos com receio de perder o amor dos pais e, desta forma, para evitar outras situações dolorosas sacrifica inconscientemente a sua própria realidade perceptiva e emocional em favor da dos cuidadores, inibindo progressivamente a sua espontaneidade (Coderch de Sans, 2013, Doctors, 2011). A estas formas de ser adoptadas pelo indivíduo (que tendencialmente surgem em fases precoces do desenvolvimento), e subordinadas não só a diversas falhas ao nível das funções parentais, mas igualmente às infâncias dos mesmos, denominam-se por estruturas patológicas de acomodação. Nesta âmbito, a acomodação consiste na resposta do indivíduo perante o trauma relacional, sendo que separações emocionais severas ameaçam o vínculo entre o indivíduo e o cuidador (Doctors, 2011). É importante notar que, associadas a estas estruturas defensivas podem surgir comportamentos de compensação que visam o destaque em alguma área específica ou atividade, e a conseqüente aceitação perante os demais numa tentativa de acalmia do seu mundo interno e de busca pelo amor não experienciado (Coderch de Sans, 2013).

Quando o indivíduo sente que o seu *Self* não é aceite e que pode ser alvo de reprovação, cria-se um sistema de acomodação patológica (Brandchaft, 2007; Brandchaft, Doctors, & Sorter, 2010; Doctors, 2011). Este sistema tem como objetivo adaptar o indivíduo à realidade tendo em consideração não só o contexto relacional em que este se insere, mas igualmente as memórias afetivas do mesmo de modo a prevenir um novo trauma face à figura de vinculação, fundamental para a sobrevivência do Eu (Coderch de Sans, 2013). Por outras palavras, e tendo em conta o exposto anteriormente, se o indivíduo sente que não pode pôr em evidência o seu verdadeiro *Self*, isto é, pensar-se, sentir-se, desejar-se e expressar-se em toda a sua plenitude, a sua espontaneidade fica comprometida uma vez que o indivíduo torna-se apenas um reflexo de um outro Eu. Destaque-se que este processo acarreta, naturalmente, uma grande carga de ansiedade e um grande sofrimento associado a sentimentos de culpabilidade. Adicionalmente a aquisição de nova informação fica limitada pois os processos de assimilação e de acomodação não têm lugar de forma paralela, o que influencia certamente a compreensão do mundo circundante (Doctors, 2011).

Neste sentido, o sistema de acomodação patológica intervém de modo a influenciar o discernimento do sujeito perante determinada situação de modo a evitar a perda da figura significativa. Este sistema está intrinsecamente relacionado com os princípios organizadores do indivíduo, cujo papel é estruturar de forma consciente ou inconsciente as experiências posteriores de modo a preservar o vínculo com a figura significativa e, desta forma, a coerência e continuidade do seu *Self*. Estes princípios relacionam-se com as emoções e os comportamentos do indivíduo experienciados numa ou mais interações com outra pessoa, em algum momento temporal, sendo construídos a partir das respostas deste outro para consigo. Isto pode acarretar o surgimento de alguns dilemas como, por exemplo, “Quem sou eu?” vs. “Quem o outro pensa que eu sou?” (Doctors, 2011). É importante notar que os princípios organizadores devem ser analisados pelo indivíduo de modo a prevenir a emergência da acomodação patológica através da consciência dos pensamentos e sentimentos de modo a detectar os possíveis padrões emocionais e comportamentais, que podem até encontrar-se desfasados da realidade presente (Doctors, 2011).

Em síntese, os traumas provocam um grande desgaste emocional, condicionam o comportamento de quem os experiencia e influenciam de forma significativa a percepção do mundo relacional do indivíduo. Neste sentido, este apresenta como propósito último evitar a dor através dos mecanismos de acomodação, das estruturas defensivas da personalidade e dos princípios organizadores inconscientes pelo qual se rege (Coderch de Sans, 2013).

Os traumas relacionais só poderão ser superados se integrados de forma reorganizada, isto é, com significação. Tal só é possível num ambiente de confiança, de apoio, e de compreensão da dor do indivíduo que, no fundo, vão constituir as provas de amor que este sempre procurou e que não encontrou (Velasco, 2008; 2012). Assim, só num espaço intersubjetivo que promova a construção pessoal (de um Eu verdadeiro) é que o indivíduo poderá expressar as emoções associadas aos traumas e, em última análise, aceder a um sentimento de um “Nós”, basilar para a identificação social (Coderch de Sans, 2013).

7 - A Neurobiologia da Relação

Coderch suporta a ideia de que as evidências das neurociências se constituem como fundamentais para “confirmar ou desconfirmar as nossas hipóteses e teorias, extraídas da clínica” (Rodríguez Sutil, 2010, p.189). Acrescenta, ainda, que esta

colaboração não priva a psicanálise da sua especificidade, isto é, enquanto campo clínico dotado de significado próprio, sem reducionismos e flexível, na medida em que não se pode ajustar a regras fixas. Neste âmbito, salienta a sua importância para a psicanálise relacional nomeadamente devido às questões do desenvolvimento cerebral, da plasticidade, da memória, das recentes descobertas dos neurónios espelho, modos de validar a psicoterapia e, também, das investigações acerca dos mecanismos neurológicos subjacentes ao *Self* e ao “Eu” (Rodríguez Sutil, 2010).

Estas recentes descobertas vêm suportar o que já Vygotsky (2001) tinha postulado, isto é, que a programação genética é insuficiente para promover o desenvolvimento das funções cerebrais. Desta forma, o papel das estimulações exteriores (ou seja, o contexto social) é crucial para conferir estrutura ao cérebro, bem como o processo de mentalização, já defendido por Fonagy (2006) que deve ter lugar na infância. Uma das formas de elaborar uma teoria da mente, é recorrendo à teoria da simulação, que consiste na busca pela compreensão dos estados mentais do outro, de modo a criar uma cópia na própria mente (Rodríguez Sutil, 2010).

Por outro lado, importa salientar igualmente o papel da memória, que já Freud (1950; 1976) defendia influenciar os comportamentos e experiências atuais. As descobertas das neurociências vêm evidenciar o seu papel não só ao nível do condicionamento clássico, mas também ao nível do conhecimento relacional implícito (Lyons-Ruth et. al., 1998; Stern et. al., 1998). Neste âmbito, é importante destacar o modelo mental implícito apresentado por Fosshage (2005) “para explicar as estratégias heurísticas, os procedimentos inconscientes empregues para resolver problemas práticos e para dar sentido à experiência, a partir dos quais se criam expectativas, a atenção seletiva, a atribuição de significados e a construção interpessoal” (Rodríguez Sutil, 2010, p. 190). Desta forma, o ser humano, enquanto unidade orgânica e funcional, considera os estímulos na sua totalidade, os quais sofrem influência das aprendizagens passadas (conscientes ou inconscientes).

Estas teorias vêm comprovar a plasticidade do cérebro, na medida em que este se adapta às circunstâncias evolutivas. Estas circunstâncias, mesmo quando superadas, não permitem ao cérebro retomar à sua forma anterior, na medida em que passa a existir uma alteração do substrato orgânico, que converge e interage com a influência genética. De facto, existem evidências de que o sistema neuronal, particularmente os “neurónios espelho”, apresentam uma grande sensibilidade à estimulação social, sobretudo quando se executa uma ação (seja ela uma expressão facial ou manifestação emocional) ou quando um outro executa a mesma ação

(Rodríguez Sutil, 2010, p. 190). A atividade que estes neurónios proporcionam dá-se a um nível pré-reflexivo básico e fornece uma percepção do próprio indivíduo. Adicionalmente, dá-se a simulação corporizada, isto é, reproduzem-se no cérebro as intenções e as emoções da pessoa com quem o indivíduo está a interagir (Coderch, 2012). Os “neurónios espelho” parecem, desta forma, estar intrinsecamente relacionados com a intencionalidade das ações motoras (Rodríguez Sutil, 2010). Estes, pela atenção à ação de imitação, pela ressonância afetiva e pela co-regulação do comportamento e dos estados internos constituem, assim, uma base neuroanatômica para a empatia e para a identificação. Por outro lado, a percepção do Eu e do outro decorrentes desta experiência intersubjetiva proporciona a diferenciação entre ambos (Seligman, 2011). Estas evidências parecem demonstrar que as estruturas neuronais não limitam o ser humano a adoptar comportamentos rígidos e pré-determinados mas, ao invés, deixam margem para a neurobiologia da relação (Coderch, 2012).

Nesta linha de pensamento enquadra-se Coderch, que considera que os mecanismos neuronais, por si só, são insuficientes para explicar a complexidade da mente humana e, como tal, tem-se debruçado sobre um conceito psicanalítico basilar, o *Self*. Para este autor, o “Eu” e o “*Self*” são conceitos distintos, e explicações de outros autores como, por exemplo, as de Damásio (2011) (que propôs a existência de um proto-*Self* que seria composto por pautas neuronais cuja função recairia no mapeamento do corpo e dos seus estados) são insuficientes para si. Neste sentido, defende que as teorias mente-cérebro não explicam de forma satisfatória o modo como uma excitação electroquímica num circuito neuronal se transforma numa experiência subjetiva (como pensamentos e sentimentos). Por outro lado, afirma igualmente que a mente e o cérebro não consistem na mesma realidade vista sob perspectivas distintas, e nem tão pouco a mente emerge do cérebro. No fundo, o que Coderch propõe é uma nova abordagem na busca desta relação largamente estudada na psicologia cognitiva, nas neurociências e, também, na psicanálise. Para este autor, qualquer perspectiva que recaia na mente individual apresenta-se como limitada. Assim, defende a tese de que a mente não emerge do cérebro mas, ao invés, das interações sociais (Rodríguez Sutil, 2010). Assim, esta surge aquando das primeiras relações entre o bebé e os seus cuidadores através da elaboração destes dos estados emocionais do bebé que lhe permitirão a construção do sentimento de identidade e o desenvolvimento do seu *Self*. Especificando, a mentalização possibilita o início do sentimento de identidade e surge quando o bebé

olha para a mãe pela primeira vez, a qual representa o estado emocional do mesmo. Esta representação é internalizada e forma-se na mente da criança uma representação secundária dos seus estados emocionais, sob a forma de símbolos que, por sua vez, se vai associar às sensações e mudanças fisiológicas do bebé. Este processo, quando se desenvolve de forma adequada permite ao mesmo, não só compreender que possui estados mentais (emoções, pensamentos e desejos), mas igualmente entender que os outros possuem também eles estados mentais que podem ou não divergir dos seus e que se comportam de acordo com os mesmos. Por outro lado, quando este processo não é realizado de forma adequada, surge um *Self* distorcido e incompleto que se traduz, posteriormente, numa identidade difusa e confusa (Coderch, 2012). Esta identidade básica irá posteriormente consolidar-se através das interações do indivíduo com o meio circundante (Coderch, 2012). Nesta perspetiva, o *Self* edifica-se na relação com o outro e, para tal, lugar, movimento, tempo e espaço constituem-se como os elementos básicos para o estabelecimento destas e de quaisquer outras interações sociais, estruturantes para a organização psíquica do indivíduo (Seligman, 2011).

Para Coderch (2012), o sentimento de identidade encontra-se intrinsecamente relacionado com a cultura. De facto, o contexto sociocultural permite que o indivíduo se aperceba, através dos outros, das qualidades que possui ou que carece e, conseqüentemente, que sentimentos provoca nos outros. A este propósito Coderch (2012, p. 222) menciona:

“(…) lo que cada uno siente de si mismo se encuentra inextricablemente unido a lo que los otros sienten de él y le han manifestado a través de distintas formas – aunque en un principio estos otros se reducen a los primeros cuidadores.”

Desta forma, o indivíduo é influenciado por um determinismo triplo: o determinismo genético, o determinismo psicológico (constituído pelas relações precoces com os cuidadores e pelo contexto familiar) e o determinismo cultural (que começa a evidenciar-se na segunda infância). A construção de uma identidade válida e positiva depende da contínua interação entre estes três determinismos (Coderch, 2012). Assim, entenda-se o conceito de identidade como a integração das diversas experiências e mensagens recebidas pelos outros, passadas e presentes, numa unidade coerente e estável (mas que se vai modificando lentamente ao longo do

tempo), dotada de diversos atributos que se podem ou não distinguir dos outros (Coderch, 2012).

8 - A Pertinência do Modelo de Terapia de Esquemas de Young: os Esquemas Mal-adaptativos Precoces e os Estilos Parentais

Young desenvolveu a terapia de esquemas como uma abordagem sistemática que expande a terapia cognitivo-comportamental ao integrar técnicas de outras terapias. A necessidade de criar este tipo de terapia deu-se pelo facto de existirem pacientes com problemas de personalidade crónicos que não eram adequadamente ajudados pela terapia cognitivo-comportamental (as designadas “falhas de tratamento”) (Young, Klosko, & Weishaar, 2003).

A terapia de esquemas enfatiza a exploração dos períodos da infância e da adolescência, onde se originam diversas problemáticas de cariz psicológico. Este tipo de terapia varia em duração consoante as necessidades do paciente e recorre a técnicas emotivas, à aliança estabelecida entre terapeuta e paciente e, também, aos estilos de *coping* mal-adaptativos (Young, Klosko, & Weishaar, 2003). De acordo com os mesmos autores (p.6):

“Schema therapy helps patients and therapists to make sense of chronic, pervasive problems and to organize them in a comprehensible manner. The model traces these schemas from early childhood to the present, with particular emphasis on the patient’s interpersonal relationships. Using the model, patients gain the ability to view their characterological problems as ego-dystonic and thus become more empowered to give them up. The therapist allies with patients in fighting their schemas, utilizing cognitive, affective, behavioral, and interpersonal strategies. When patients repeat dysfunctional patterns based on their schemas, the therapist empathically confronts them with the reasons for change. Through “imited reparenting,” the therapist supplies many patients with a partial antidote to needs that were not adequately met in childhood.”

Com efeito, também Young, Klosko e Weishaar (2003) parecem considerar as experiências relacionais precoces como fundamentais para o desenvolvimento de um *Self* coeso e completo (embora não lhe atribuam estes termos), desempenhando o terapeuta um papel de “reparentalidade limitada” no sentido de colmatar as necessidades precoces que não foram adequadamente satisfeitas (ou seja, colmatar as falhas narcísicas da infância). Neste sentido, embora as designações utilizadas apresentem algumas diferenças conceptuais, o foco da problemática em questão parece ser o mesmo.

De acordo com a literatura, os esquemas ou estruturas cognitivas têm sido designados de diferentes formas, por exemplo, por esquemas cognitivos, crenças irracionais, esquemas mal-adaptativos precoces, ou esquemas interpessoais. Todavia, independentemente do termo empreendido, os esquemas referem-se a estruturas que detêm a informação interna do indivíduo de uma forma organizada, sendo responsáveis pela atribuição de significado (Rijo, 2000). Nesta linha de pensamento, Spitz (1946) declara que os estímulos precoces deverão ser transformados em experiência significativa, para que posteriormente possam levar à construção de uma imagem coerente do mundo.

Mas afinal em que consistem os esquemas? De acordo com Young, Klosko e Weishaar (2003), os esquemas são um termo ou padrão persuasivo de natureza ampla que resulta da compressão de memórias, emoções, cognições e sensações corporais, do próprio e na relação com os outros, desenvolvidas nos períodos da infância e adolescência, e posteriormente consolidadas na idade adulta, que apresentam algum grau de disfuncionalidade na vida de um indivíduo.

Os esquemas mal-adaptativos precoces, em particular, iniciam-se nas primeiras fases do desenvolvimento e tendem a repetir-se no decurso da vida. Estes esquemas caracterizam-se por padrões emocionais e cognitivos que podem causar um grande sofrimento ao indivíduo e podem, adicionalmente, conduzir à adopção de comportamentos desajustados à realidade presente (Young, Klosko, & Weishaar, 2003). Rijo (2000, p. 147) especifica ainda mais estes impactos ao afirmar que os esquemas “são estruturas capazes de gerar níveis elevados de afecto disruptivo, consequências auto-derrotistas, e/ ou dano significativo para os outros”. O mesmo autor acrescenta ainda que estes interferem, igualmente, “com necessidades centrais para a autoexpressão, autonomia, ligação interpessoal, validação social ou integração societal” (2000, p.147).

Os esquemas mal-adaptativos precoces (c.f. Anexo II, Anexo III, Anexo IV, Anexo V e Anexo VI pp. 91-96) parecem ser despoletados por eventos na vida de um indivíduo que este (ainda que inconscientemente) considera como semelhantes a experiências traumáticas vivenciadas no período da infância. É importante mencionar que, quanto maior for o acúmulo de experiências tóxicas, maior predisposição terá um esquema de emergir (Young, Klosko, & Weishaar, 2003). Note-se, também, que o indivíduo apresenta uma tendência para se sentir atraído para este tipo de experiências como que numa tentativa de recriar a sua infância e, como tal, estes esquemas são de difícil mudança pois vão-se firmando ao longo do tempo (Rijo,

Maus-tratos nas relações de intimidade: Aleatoriedade ou prévia (de)limitação da herança parental?

2000; Young, Klosko, & Weishaar, 2003). Numa mesma linha de pensamento, quanto mais severo for o esquema, mais situações irão ativá-lo, mais intensos serão os afetos negativos e maior duração poderá ter o mesmo (Young, Klosko, & Weishaar, 2003). É importante aludir também às definições de esquemas incondicionais e esquemas condicionais. Os esquemas incondicionais são aqueles que são adoptados em idade precoce, contrariamente aos esquemas condicionais, que são aqueles adoptados numa fase mais tardia. No caso dos primeiros não existe possibilidade de mudança (Young, Klosko, & Weishaar, 2003).

Young, Klosko e Weishaar (2003) consideram que os esquemas mal-adaptativos precoces resultam da ausência de satisfação de necessidades fundamentais, nomeadamente: (1) de relações de vinculação significativas que proporcionem segurança, estabilidade, amor e aceitação; (2) de autonomia, sentimento de competência e sentimento de identidade; (3) de liberdade para expressar necessidades, desejos e emoções; (4) de liberdade para a espontaneidade e para a brincadeira; e (5) de limites realistas e autocontrolo. Neste sentido, pode-se afirmar que um indivíduo psicologicamente saudável é dotado destas características. Young, Klosko e Weishaar (2003) defendem, ainda, que estes esquemas têm origem em experiências de infância tóxicas, distinguindo quatro padrões de experiências tóxicas associadas aos estilos parentais: (1) frustração / privação das necessidades (não existe estabilidade, compreensão e amor face à criança); (2) traumatização ou vitimação (a criança é magoada ou vitimizada); (3) não existe autonomia devido a sobreproteção dos cuidadores ou não existem limites definidos; e (4) internalização seletiva ou identificação com alguém significativo (seletividade face aos pensamentos, sentimentos, experiências e comportamentos de um cuidador). Os estilos parentais estão relacionados com os esquemas e recebem o mesmo nome destes (c.f. Tabela 1) (Young, Klosko & Weishaar, 2003; Valentini & Alchieri, 2009).

Para além da relevância das relações precoces, também Young, Klosko e Weishaar (2003) parecem atribuir um papel fundamental à componente biológica do ser humano. Estes autores suportam que os bebés nascem com traços de personalidade pré-definidos biologicamente e que tendem a ser bastante estáveis ao longo da vida. Estes traços (labilidade ↔ não-reatividade; distímia ↔ optimismo; ansiedade ↔ calma; obsessividade ↔ distratibilidade; passividade ↔ agressividade; irritabilidade ↔ extroversão; e timidez ↔ sociabilidade) são compostos por várias dimensões e constituem o temperamento emocional de um indivíduo.

Tabela 1: Domínios dos Esquemas Mal-adaptativos Precoces, família típica de origem e exemplos de itens do Young Parenting Inventory.

Domínio	Família típica de origem
Desconexão e Rejeição	'Fria', abusadora, explosiva, solitária e imprevisível.
Autonomia e Desempenho Prejudicados	Superprotetora, dificuldade em sustentar a competência e a confiança da criança fora da família.
Limites Prejudicados ou Indefinidos	Permissiva, falta de orientação segura, dificuldade em estabelecer limites e disciplina.
Orientação para o Outro	A criança é estimulada a não dar importância às próprias necessidades e aos desejos a fim de receber carinho, aprovação e atenção; <i>status</i> e aceitação social são mais importantes do que os sentimentos da criança.
Hipervigilância e Inibição	Severa, exigente e punitiva; mais preocupada em evitar erros do que estimular aspectos prazerosos; crença de que as coisas não darão certo, caso a vigilância não seja contínua e meticulosa.

(Fonte: Valentini & Alchieri, 2009)

O temperamento, quando em interação com experiências de infância dolorosas contribui para a formação dos esquemas mal-adaptativos precoces. Young, Klosko e Weishaar (2003) defendem que: (1) diferentes temperamentos expõem a criança a diferentes circunstâncias de vida devido à resposta que esta evoca nos outros; (2) temperamentos diferentes influenciam a resposta das crianças perante circunstâncias similares; e (3) o meio ambiente em que a criança se desenvolve pode alterar o temperamento emocional da mesma até um certo grau.

Os pressupostos referidos anteriormente conduziram Young à elaboração de um modelo conceptual assente em dezoito esquemas, agrupados segundo cinco domínios (Desconexão e Rejeição, Autonomia e Desempenho Prejudicados, Limites Prejudicados ou Indefinidos, Orientação para o Outro, e Hipervigilância e Inibição - Anexo VII, p. 98).

Para obter uma informação mais detalhada sobre os esquemas mal-adaptativos precoces consultar Young, Klosko e Weishaar (2003). Na sequência da teoria dos esquemas, e tal como mencionado anteriormente, Young desenvolveu também a teoria dos estilos parentais, a qual se ilustra brevemente acima na Tabela

1.

9 - Escolhas Amorosas: o Reflexo de um Self Pouco Coeso, Incompleto ou Diminuído

Rank (como citado em Stolorow & Atwood, 2004) considera o narcisismo como uma manifestação das necessidades e ambições narcísicas. Nesta perspectiva, pode-se afirmar que o conceito de narcisismo, que tem vindo a ser associado à manutenção da autoestima, pode apresentar um deficit originado precocemente por um conflito de ordem interpessoal que tende a perpetuar-se na vida adulta através de modelos de funcionamento mental e relacional (Mesquita, 2011). Estes modelos são de difícil alteração “seja por grandes culpabilidades originadas na possibilidade de abandonar/contrariar o *objecto interno* e as relações internalizadas, seja por terríficos sentimentos de vazio interno e perda de identidade do *Self* que esses processos de autonomização acarretam” (Mesquita, 2011, p. 9). Esta perspectiva permite, assim, distinguir diferentes graus de perturbação narcísica de acordo com a deficiência, estrutura e vulnerabilidade ao nível da representação do *Self*. Assim, quanto maior o grau de fragilidade de coesão e completude ao nível do *Self*, e quanto maior a visão negativa da sua representação, existirá um maior grau de vulnerabilidade narcísica. Mesquita (2011) refere que existem quatro dimensões ao nível da vulnerabilidade narcísica. A primeira dimensão - diferenciação do *Self* (Mahler, 1967; Jacobson, 1964) - prende-se com uma incapacidade de separação face ao cuidador que pode conduzir posteriormente a comportamentos de relação fusional com o parceiro amoroso ou ao afastamento da relação de modo a preservar a integridade. A segunda dimensão - *Self* subjetivo (Kohut, 1971) – diz respeito à competência de autonomia sendo que quando existem fragilidades a este nível, o indivíduo tende a adoptar mecanismos compensatórios de dependência extrema face ao outro que se associam igualmente a sentimentos de maior entrega ao outro ou a sentimentos de que nunca receberá do outro o que necessita. A terceira dimensão - *Self* objetivo (Mesquita, 2011) – refere-se à avaliação que o indivíduo faz da sua imagem e autoestima, sendo que quando esta se encontra desvalorizada o indivíduo tende a pôr-se à mercê de um outro que possua qualidades desejáveis como se ao relacionar-se com esse outro passasse a possuir essas mesmas qualidades e, desta forma, receber algum reconhecimento. Por fim, a última dimensão - exclusividade do *Self* (Loewald, 1951) – remete para uma necessidade de exclusividade pois a rivalidade com um outro é encarada como ameaçadora e desvalorizante, o que poderá conduzir a comportamentos de submissão aos desejos do outro de modo a obter uma segurança ilusória. Note-se que cada uma das dimensões mencionadas

anteriormente está incluída nos três tipos de relacionamento amoroso definidos por Mesquita (2011), que serão desenvolvidos adiante.

É importante notar que os relacionamentos amorosos não se podem limitar a padrões relacionais interiorizados na infância e repetidos posteriormente na idade adulta pois tal como afirmado anteriormente o cérebro humano é dotado de plasticidade pelo que os substratos orgânicos das estruturas neurológicas são passíveis de apresentar características evolutivas que, aliadas à competência reflexiva podem proporcionar alterações ao nível das dinâmicas relacionais. Neste sentido, importa diferenciar entre um *Self* saudável, que elege relações amorosas maduras de um *Self* fragilizado, que opta por relações marcadamente prejudiciais. Assim, nas relações amorosas maduras, o indivíduo, com um *Self* consolidado e autónomo, apresenta uma visão mais valorizada de si, reconhece o outro como separado e, por estes mesmos motivos, encara as relações amorosas como complementares, privilegiando o crescimento emocional e afetivo. Por outro lado, a escolha de relações amorosas menos saudáveis parece estar relacionada com questões de vulnerabilidade narcísica e de incompetência do *Self* em se desenvolver que proporcionam a estagnação e repetição de padrões numa procura do que falhou em fases desenvolvimentais anteriores (Mesquita, 2011).

Os pressupostos anteriormente referidos levam a crer que, numa relação amorosa não madura, o outro terá uma função organizadora e reguladora da autoestima (Rank, 1941) de modo a colmatar uma falha narcísica resultante da relação com um cuidador de modo a dissimular os sentimentos depressivos e de vazio. No fundo, a contenção da figura significativa é determinante para o grau de coesão do *Self* ou a sua possível fragmentação sendo que, nos casos em que não existiu uma desconstrução das fantasias de onnipotência da criança, existe uma disparidade entre os conceitos de Eu real e Eu ideal que culmina, no futuro, numa tendência para falhas sucessivas face às expectativas e ambições do indivíduo (Modell, 1986; Zimmerman, 2004). Por outro lado, estes padrões relacionais precoces irão influenciar a percepção do indivíduo sobre si próprio, sobre os outros e sobre as dinâmicas relacionais que estabelece (Hazan & Shaver, 1987).

Neste âmbito, o papel do parceiro amoroso será o de cumprir uma função específica não desenvolvida pelo *Self* (Lyons, 1993) de modo a protegê-lo nas suas necessidades de amor, compreensão e reconhecimento. Isto poderá levar o indivíduo a entrar num sistema em que a escolha do objeto amoroso nunca lhe é satisfatória, à semelhança do objeto primário (Mesquita, 2011).

Nesta perspectiva, perante uma incompletude do *Self*, o indivíduo procurará algo que lhe permita uma diminuição dos sentimentos de vulnerabilidade narcísica numa tentativa de reparação narcísica com vista à completude, podendo este mecanismo operar de duas formas: a da submissão, mais típica dos funcionamentos neuróticos em que o indivíduo procura alcançar uma visão mais positiva de si, ou a do *Self* grandioso, mais típico dos funcionamentos *borderline* e psicótico e que esconde uma esperança de coesão do *Self* mais ou menos fragmentado (Mesquita, 2011). Neste tipo de relações, o outro desempenha uma função que o indivíduo carece e, como tal, não é visto como um ser diferenciado mas, ao invés, desempenha uma função de modo a que o indivíduo possa prosseguir o seu desenvolvimento, então estagnado. Desta forma, Mesquita (2011) sustenta que este tipo de relações estruturam-se em torno destes três tipos de funcionamento.

No tipo de **relacionamento amoroso submisso-idealizador**, o que se verifica é que existe uma ligação parcial aos objetos, que não é dotada de profundidade afetiva, e que visa a obtenção de autoestima ao nível do narcisismo do indivíduo, seja em termos de aprovação, de reconhecimento ou no sentido de obter a admiração do outro (Mesquita, 2011). Por outras palavras o outro é considerado pelo que proporciona ao indivíduo e não pelas suas qualidades idiossincráticas por si só. No fundo, é como se o indivíduo obtivesse as qualidades do outro através deste relacionamento amoroso (de beleza física, de poder ou de riqueza) projetando neste o seu ideal do Eu (Kernberg, 1995; Person, 2007). Esta estratégia defensiva possibilita um disfarce das falhas reais ou imaginadas do *Self* do indivíduo (numa tentativa de reparação narcísica), criando-se, desta forma, um falso *Self* (Miller, 1979) que detém primazia sobre o verdadeiro *Self* e que depende aditivamente do alimento narcísico do outro (“não sou amado, mas sou admirado”) (Mesquita, 2011). À semelhança do que ocorreu na infância, o indivíduo expressa apenas sentimentos consonantes com a disponibilidade do outro (“sendo idêntico e unido a este, sem vontade própria nem diferente”) (Coimbra de Matos, 1997), receando a perda do mesmo e, como tal, recebe apenas o que o outro lhe proporciona, ignorando os seus desejos e não estabelecendo limites na relação. Ao colocar-se numa posição submissa, permitindo a sua desvalorização e o sentimento de inferioridade que daí advém ao expor a sua diferença, o indivíduo vai comprovando o sentimento de não ser merecedor de melhor numa dinâmica masoquista ilusoriamente compensatória (Mesquita, 2011), dado que a perda do outro seria insuportável para o frágil Eu, uma vez que é associada ao engrandecimento de um *Self* por si só deficitário. Note-se

Maus-tratos nas relações de intimidade: Aleatoriedade ou prévia (de)limitação da herança parental?

que estes indivíduos tendem a sentir-se atraídos pelo distanciamento narcísico, isto é, pela frieza, indiferença e não sintonização do outro (Mesquita, 2011), sendo a sua “conquista” uma forma de esconder os sentimentos de incompetência e de inferioridade. É importante mencionar igualmente que estas relações são extremamente insatisfatórias para o indivíduo e proporcionam um empobrecimento da vida afetiva e relacional do mesmo, favorecendo a consolidação das fragilidades do *Self* e, impedindo, assim, o crescimento afetivo.

No tipo de **relacionamento amoroso eufórico-idealizante**, o indivíduo possui uma autoestima diminuída, um frágil *Self* e ansiedades infantis não integradas que impossibilitam o atingir da posição depressiva, pelo que estas relações são pautadas por um sistema defensivo onde predomina a inveja e a agressividade (Kernberg, 1975). Nesta perspetiva, o outro desempenha uma função de organização e contenção face a uma falha do cuidador e, portanto, neste tipo de relacionamentos pode-se afirmar que a função do outro se dá a um nível mais basilar do que no relacionamento amoroso submisso-idealizador. Nestas relações, a inveja denota um almejar das qualidades do outro sendo que, quando tal é impossível, o indivíduo procura diminuir as mesmas numa tentativa de eliminar os sentimentos invejosos que experiencia (Mesquita, 2011). No fundo, estes indivíduos revelam uma grande vulnerabilidade narcísica (não se valorizam, não se consideram dignos de amor) e, desta forma, tornam-se agressivos procurando provocar no outro estes sentimentos, praticando ativamente com o outro o que sofreram passivamente na relação com o cuidador (Mesquita, 2011). Estes indivíduos não aceitam as falhas que possuem ao nível da continuidade do *Self* e, como tal, projetam essas mesmas falhas no outro. Por outras palavras, o outro não é encarado como um ser único e diferenciado, mas sim semelhante ao próprio e como admirador deste, pelo que os seus pensamentos e desejos devem ser negados e controlados de modo a promover um ilusão de segurança na relação. Esta conduta de desprezo pelo outro visa provocar sentimentos de abandono no mesmo, sentimentos esses que o indivíduo já experienciou e receia experienciar novamente pela sua crença de valor diminuído e rejeição (Bergeret, 1974). Nesta perspetiva, o objeto é alternadamente encarado como bom, fruto de idealizações, ou como mau, fonte de projeções. Estas duas posições permitem que o indivíduo oscile entre a inveja e os sentimentos de inferioridade devido às qualidades do parceiro, ou entre sentimentos de valorização, quando o outro é tido como um mau objeto.

Maus-tratos nas relações de intimidade: Aleatoriedade ou prévia (de)limitação da herança parental?

Os indivíduos neste tipo de relações amorosas possuem uma identidade mal edificada, o que resulta em fragilidades ao nível da sexualidade, que se traduzem sobretudo numa procura de gratificação sexual (Stolorow & Lachman, 1983) em detrimento de um envolvimento afetivo profundo com o outro, típico de uma relação madura. No início da relação o indivíduo apresenta uma grande curiosidade e desejo em investir no outro, criando grandes expectativas face ao mesmo e cobiçando ser objeto de desejo do outro. Porém, quando o desejo pelo seu parceiro se extingue, ou seja, quando este deixa de cumprir a sua função de alimento narcísico, e a desilusão se instala, aumenta a raiva narcísica e o indivíduo afasta-se do objeto de modo a manter uma imagem idealizada e de superioridade face aos outros (Mesquita, 2011). É necessário então encontrar um novo parceiro amoroso capaz de restabelecer a autoestima perdida devido à consciência da incapacidade em constituir um amor genuíno, dissolver a culpabilidade sentida pela perda do outro e impedir, desta forma, uma imersão nos seus vazios internos e, em última instância, na depressão (Stolorow & Lachman, 1983). Desta forma, Svrakic afirma que existe um ciclo vicioso que se repete no tempo e que se caracteriza da seguinte forma: ilusão → desilusão → nova ilusão (como citado em Trechera, 1996). Esta conduta parece demonstrar uma incapacidade em superar as vulnerabilidades narcísicas sendo que o indivíduo projeta a sua dor num novo parceiro, privilegiando o agir ao invés do pensar, num processo ilusório de segurança. Os indivíduos deste tipo de relacionamento amoroso criam um sistema defensivo caracterizado por um distanciamento face à necessidade de amor do outro pelo receio do sofrimento que daí pode advir, inibindo, assim, a expressão dos seus desejos e partilhando sentimentos falsos que resultam da manifestação de um falso *Self*. No fundo, o objetivo do indivíduo é permanecer como Ideal do Eu à custa do domínio do outro e sedução face a este, criando expectativas de amor inalcançáveis, uma vez que não é capaz de amar de forma genuína. Este comportamento gera no outro inseguranças e danos ao nível da autoestima que levam a que apresente uma progressiva dificuldade em deixar o indivíduo, deixando-se dominar não só por este mas igualmente pelas inseguranças que a relação lhe trouxe.

Estas relações são pautadas pela vontade somente de receber. Estes indivíduos não interiorizaram o seu valor com o cuidador e, neste sentido, precisam que o parceiro confirme constantemente a sua admiração e desejo. O mundo interno destes indivíduos tende à fragmentação quando a função de organização e contenção do parceiro falha, dado que a sua identidade não se encontra

desenvolvida e, como tal, uma nova ligação permite a possibilidade de uma nova identidade com vista à diminuição do sofrimento psicológico. Esta nova identidade pode assumir uma fusão com o *Self* do outro (como forma de atingir completude e estabilidade) ou, por outro lado, pode assumir um evitamento de intimidade (por receio de dissolução e fragmentação do *Self*) (Mesquita, 2011). O desenvolvimento precário do *Self*, que evidencia uma identidade mal consolidada, necessita da apreciação do outro uma vez que este cumpre a sua função de espelho duplicador do *Self* grandioso do indivíduo, servindo de base estrutural ao sujeito. Por outro lado, o facto do outro espelhar o Eu do indivíduo faz com que este tenha dificuldade em aceitar a diferenciação entre ambos, nomeadamente ao nível dos sentimentos, desejos e ambições, dependendo de forma infantilizada do outro uma vez que sozinho não é completo, utilizando, assim, estratégias mecanizadas e sem colorido afetivo que, em última análise, impedem não só o crescimento do próprio, mas igualmente o crescimento do parceiro. As relações do tipo eufórico-idealizante são, tal como afirma Mesquita (2011, p. 186) “envoltas numa retoma asfixiante que conduz a uma insuficiência de vida, porque não vivida em plenitude”.

No tipo de **relacionamento amoroso evitante-desnarcisante**, sentimentos, recordações, e fantasias ameaçam o ressurgir de vínculos avassaladores, e levam o indivíduo a recusar a relação. No seu entender esta relação significa o desaparecimento num outro pelo seu carácter fusional e, de modo a sobreviver, recusa-a (Mesquita, 2011). O que se verifica é então uma atividade projetiva sobre o outro que leva a que este deixe de existir. O *Self* do indivíduo está clivado entre uma imagem grandiosa (atacante e arrogante face ao outro) e outra incompleta e frágil, negada e projetada sobre este outro (que terá de ser subjugada a todo o custo). Neste tipo de relacionamentos, o indivíduo subestima o outro com o propósito de enaltecer o seu *Self* encobrendo, assim, a sua desvalorização e negando a dependência ao outro através de comportamentos de compensação que visam o seu controlo, desprezo e subjugação de modo a fragilizá-lo. O objetivo último do indivíduo é o denegrir dos aspetos idealizados do outro de modo a negar não só o sentimento de inveja profunda e a raiva associada, mas igualmente, a intensa necessidade de ligação ao outro. Desta forma, o indivíduo experiencia ora ódios insuportáveis devido ao objeto enquanto entidade separada de si, ora dificuldade em manter a relação fusional com o objeto idealizado, pois isso implica a sua diluição no outro. Apesar destes mecanismos defensivos visarem a segurança e autossuficiência do próprio, conduzem a sentimentos de abandono e ao isolamento, podendo desenvolver-se

Maus-tratos nas relações de intimidade: Aleatoriedade ou prévia (de)limitação da herança parental?

uma inveja destrutiva e uma indiferença geral (Mesquita, 2011). Este tipo de relacionamentos levam, portanto, a um empobrecimento da vida emocional, a uma deterioração do sentimento de identidade e a um incremento do ódio e da inveja. A negação ao vínculo traduz-se, assim, numa simplificação da vida mental caracterizada pela incapacidade de produzir pensamentos e, igualmente, por estados emocionais e afetivos confusionais que desembocam num bloqueio afetivo e fomentam um vazio interior que terá de ser preenchido por delírios e megalomanias que distorcem o princípio da realidade, aumentam os vazios interiores e, conseqüentemente, despoletam novamente a repetição deste padrão, promovendo uma desintegração contínua do *Self* e, desta forma, sistemas defensivos progressivamente mais rigidificados.

Posto isto e, considerando que a vitimação nas relações de intimidade é uma problemática cujo estudo se encontra em emergência segundo múltiplos focos mas que esta, apesar de se encontrar claramente caracterizada ao nível da sua definição, dinâmica, tipificação e conseqüências, levanta ainda muitas questões, o que se propõe nesta dissertação é o estudo da essência do fenómeno da violência nas relações de intimidade (particularmente a violência no namoro, em união de facto, a violência conjugal, e a violência pós-separação). Por outras palavras, o que se pretende é a compreensão desta temática ao nível dos factores que levam um indivíduo a apresentar uma maior tendência à exposição à vitimação nas relações de intimidade. Com base neste pressuposto, decidiu-se dar resposta a uma teoria pouco provada de que as relações precoces influenciam a escolha de parceiros amorosos abusivos. Para tal, recorreu-se ao conceito de narcisismo numa perspetiva relacional, de traumas relacionais, de estruturas patológicas de acomodação e, ainda, à neurobiologia da relação de modo a melhor compreender a importância das relações primárias enquanto estruturantes para o *Self* e para a personalidade do indivíduo. Por outro lado, torna-se fundamental compreender de que modo os esquemas mal-adaptativos precoces originados pelos comportamentos das figuras significativas (e associados a determinados estilos parentais) se consolidam ou modificam ao longo da vida do indivíduo influenciando a visão de si próprio, dos outros, e do mundo em geral. Estes esquemas constituem-se como o reflexo de vulnerabilidades narcísicas que outrora resultaram em comportamentos e visões adaptativas mas que, por evolução das circunstâncias da vida, deixaram de o ser evidenciando conflitos internos capazes de condicionar a escolha do parceiro amoroso na idade adulta,

Maus-tratos nas relações de intimidade: Aleatoriedade ou prévia (de)limitação da herança parental?

numa tentativa de reparação narcísica dos padrões relacionais primários cuja resolução ficou estagnada ou impedida.

Parte II – Estudo Empírico

1 - Pertinência do Estudo e Formulação do Problema de Investigação

Parecem existir alguns estudos na comunidade científica sobre a relação entre cuidados parentais inadequados na infância e as escolhas do desamor na vida adulta (Boscardin & Kristensen, 2011). Todavia, muito resta por explorar. Quando se adiciona o tema da violência nas relações de intimidade, parecem surgir ainda mais questões pois esses mesmos estudos não aprofundam a relação que dizem existir. Por outro lado, outros estudos que aprofundam esta relação não recorrem a metodologias quantitativas (Lima & Werlang, 2011) sendo os resultados são situacionais e limitados ao contexto do estudo. Assim, a confiabilidade e validade dos resultados é de difícil determinação, dada a natureza subjetiva da pesquisa (Terence & Escrivão Filho, 2006).

Neste sentido, a presente investigação visa contribuir para o conhecimento científico na medida em que permite apurar de que forma as experiências da infância, nomeadamente a interpretação que o sujeito realiza face aos cuidados dos cuidadores, o desenvolvimento / delimitação dos modelos relacionais internos que se vão firmando posteriormente e se consolidam na idade adulta e, as escolhas amorosas de reparação narcísica que o sujeito tende a estabelecer, influenciam a escolha de parceiros violentos / abusivos. Posto isto, esta dissertação pretende responder ao seguinte problema de investigação: de que forma os esquemas mal-adaptativos precoces, os estilos parentais e as escolhas amorosas de reparação narcísica se manifestam em vítimas e não-vítimas de violência nas relações de intimidade?

2 - Objetivos Gerais e Hipóteses de Investigação

Esta dissertação tem dois objetivos principais. Primeiro, pretende-se apurar se existe um modelo relacional interno que predisponha à escolha de parceiros amorosos potencialmente agressores. Segundo, ambiciona-se determinar de que forma se manifesta esse modelo no tipo de relacionamento amoroso.

Atendendo aos objetivos gerais desta dissertação, formularam-se as seguintes hipóteses de investigação:

Hipótese 1: Existe uma tendência para as mulheres vítimas de violência nas relações de intimidade apresentarem esquemas parentais diferentes das mulheres não-vítimas de violência nas relações de intimidade.

Hipótese 2: Existe uma tendência para as mulheres vítimas de violência nas relações de intimidade apresentarem esquemas mal-adaptativos precoces (ou modelos relacionais internos) diferentes das mulheres não-vítimas de violência nas relações de intimidade.

Hipótese 3: Existe uma tendência para as mulheres vítimas de violência nas relações de intimidade realizarem escolhas diferentes de relacionamentos amorosos que visem a reparação narcísica face às mulheres não-vítimas de violência nas relações de intimidade.

Hipótese 4: Existe uma correlação entre as representações das relações da infância e a existência de histórico de vitimação nas relações de intimidade.

Hipótese 5: Existe uma correlação entre as representações dos esquemas mal-adaptativos precoces e a existência de histórico de vitimação nas relações de intimidade.

Hipótese 6: Existe uma correlação entre as tendências para a escolha de relacionamentos amorosos que visam a reparação narcísica e a existência de histórico de vitimação nas relações de intimidade.

Hipótese 7: É possível distinguir entre a caracterização de indivíduos vítimas e não-vítimas de violência nas relações de intimidade através dos esquemas parentais, dos esquemas mal-adaptativos precoces e das escolhas amorosas de reparação narcísica que evidenciam.

3 - Metodologia

3.1 - Delineamento / Desenho do Estudo

O estudo realizado é do tipo correlacional uma vez que observa relações entre variáveis não manipuladas pelo observador (Marôco, 2011). Adicionalmente, este é um estudo caso-controlo uma vez que os participantes do estudo foram divididos em grupos de acordo com uma característica de interesse (a existência ou não de histórico de vitimação nas relações de intimidade) e avalia as variáveis que podem estar associadas às diferenças entre os dois grupos (Marôco, 2011). Relativamente à caracterização do estudo de acordo com o tempo das observações, o estudo é por um lado transversal uma vez que os instrumentos foram aplicados num único momento (Quivy, 1998) e por outro retrospectivo uma vez que se observa a amostra no momento da aplicação dos instrumentos e se registam eventos de interesse que ocorreram no passado (Marôco, 2011). Finalmente, o estudo é quantitativo por um lado porque as observações do estudo foram recolhidas por meio de questionários

estruturados com perguntas objetivas e por outro porque foram utilizadas técnicas estatísticas na análise dos dados. É importante ainda realçar que dada a natureza do estudo, o objetivo é encontrar relações estatisticamente significativas entre as variáveis observadas, no entanto, estas relações não são prova de causalidade entre as variáveis (Marôco, 2011).

3.2 - Participantes

A amostra foi recolhida com recurso a técnicas de amostragem não-probabilística, em particular amostragem por conveniência (Marôco, 2011), tendo os participantes colaborado voluntariamente após a aceitação prévia face ao consentimento informado exposto (c.f., Anexo VIII, p. 99). O processo de amostragem resultou num conjunto de vinte e sete indivíduos do sexo feminino com idades compreendidas entre os vinte e três e os sessenta e sete anos uma vez que é neste período que se consolidam os esquemas mal-adaptativos precoces e que tendencialmente se procede à escolha do parceiro amoroso. No que diz respeito ao género, e considerando que o fenómeno da violência na intimidade é mais evidente no sexo feminino, a recolha de uma amostra do sexo masculino apresentaria algumas limitações, maioritariamente devido ao reduzido número de casos denunciados / assumidos na esfera social comparativamente à população feminina.

Dos vinte e sete indivíduos que compõem a amostra, dez experienciaram em algum momento da sua vida qualquer tipo de violência cometida pelo seu parceiro, quer seja de natureza: (1) emocional e psicológica (consiste em desprezar, menosprezar, criticar, insultar ou humilhar a vítima, destruir objetos com valor afetivo para a mesma, não a deixar descansar/dormir, etc.), (2) intimidação, coação e ameaça (associada à violência emocional-psicológica, consiste em manter a vítima com medo do que o agressor possa fazer contra si e/ou contra os seus familiares e amigos, animais de estimação ou bens), (3) física (consiste no uso da força física com o objetivo de ferir/causar dano físico ou orgânico, deixando ou não marcas evidentes, como por exemplo empurrões, estaladas, murros, pontapés, apertar o pescoço, entre outros), (4) de isolamento social (resulta das estratégias implementadas pelo agressor para afastar a vítima da sua rede social e familiar, com vista a um maior controlo e manipulação), (5) de abuso económico (frequentemente associado ao isolamento social, consiste na negação do agressor em fornecer acesso a dinheiro ou bens, incluindo por vezes bens de necessidade básica), ou (6) sexual (toda a forma de imposição de práticas de cariz sexual contra a vontade da

Maus-tratos nas relações de intimidade: Aleatoriedade ou prévia (de)limitação da herança parental?

vítima, como violação, exposição a práticas sexuais com terceiros, entre outras) (Manita, Ribeiro, & Peixoto, 2009). Os restantes dezassete indivíduos constituem o grupo de controlo que permite determinar se as conclusões retiradas são ou não específicas para o grupo de mulheres que sofreram algum tipo de violência nas relações de intimidade.

Para a caracterização da amostra, dividiram-se os indicadores em três grandes grupos: indicadores biográficos, indicadores de histórico de relações amorosas e indicadores de histórico de violência. Os indicadores biográficos consistem nas idades, habilitações literárias e profissão dos participantes. Dado que os questionários foram respondidos anonimamente e a amostra é relativamente pequena, por uma questão de privacidade (Código Deontológico da Ordem dos Psicólogos Portugueses, 2011) não foi recolhida informação sobre a distribuição geográfica dos participantes. A Tabela 2 que, se apresenta em seguida, apresenta um sumário dos resultados para estes indicadores. Como mencionado anteriormente, o estudo realizado considerou apenas participantes com idades compreendidas entre os 23 e os 67 anos de idade devido a dificuldades de recolha da amostra, tendo-se inicialmente pretendido participantes entre os 25 e os 65 anos de idade. A média de idades da amostra recolhida é de 42,9 anos (com mediana 44,5 e desvio-padrão 15,0 anos) para vítimas de violência nas relações de intimidade e 38,4 (com mediana 37,0 e desvio-padrão 8,1 anos) para não-vítimas. No que se refere às habilitações literárias, observou-se que a maior parte dos participantes (48,2%) completou a licenciatura. Note-se também que existe uma discrepância na distribuição das habilitações entre vítimas e não-vítimas de violência nas relações de intimidade, com uma tendência para as vítimas apresentarem menos habilitações. Constata-se igualmente que grande parte dos participantes (40,8%, entre os quais 30,0% das vítimas e 47,1% das não-vítimas) trabalha como Especialista de Atividades Intelectuais e Científicas segundo a Classificação Portuguesa de Profissões (INE, 2011) o que pode ser uma limitação do estudo dado que esta distribuição não deve refletir com rigor a realidade da população portuguesa.

Tabela 2: Distribuição de idades, habilitações e profissões dos participantes da amostra.

		Vítimas de Violência nas Relações de Intimidade N=10	Não-vítimas de Violência nas Relações de Intimidade N=17
Idades	Média	42,9 anos	38,4 anos
	Mediana	44,5 anos	37,0 anos
	Desvio Padrão	15,0 anos	8,1 anos
Habilitações	Ensino Básico	30,0%	11,8%
	Ensino Secundário	20,0%	17,6%
	Licenciatura	50,0%	47,1%
	Mestrado	0,0%	17,6%
	Doutoramento	0,0%	5,9%
Categoria Portuguesa de Profissões	Especialistas de atividades intelectuais e científicas	30,0%	47,1%
	Técnicos e profissões de nível intermédio	10,0%	11,8%
	Pessoal administrativo	0,0%	17,6%
	Trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores	10,0%	5,9%
	Trabalhadores não qualificados	10,0%	0,0%
	Domésticas	10,0%	0,0%
	Reformados	10,0%	0,0%
	Desempregados	10,0%	0,0%
	Estudante	10,0%	11,8%
	Não Responde	0,0%	5,9%

Os indicadores de histórico de relações amorosas são próprios do tema deste estudo, e permitem classificar os participantes com base na sua situação amorosa passada e presente. Estes indicadores abrangem o número de relações amorosas experienciadas, a duração média destas relações, a situação amorosa atual e o grau de satisfação da relação atual. A Tabela 3 sumariza os resultados destes indicadores para a amostra recolhida. Todos os participantes neste estudo tiveram pelo menos uma relação amorosa, sendo que grande parte dos participantes (33,4%, incluindo 20,0% das vítimas e 41,2% das não-vítimas) tiveram precisamente uma relação ao longo da sua vida. A grande maioria dos participantes (77,8% , incluindo 80,0% das vítimas e 76,5% das não-vítimas) tende a ter relações amorosas que duram vários

*Maus-tratos nas relações de intimidade: Aleatoriedade ou prévia (de)limitação da herança parental?***Tabela 3:** Distribuição do número de relações amorosas, duração média das relações amorosas, situação amorosa atual e grau de satisfação com a relação amorosa atual.

		Vítimas de Violência nas Relações de Intimidade N=10	Não-vítimas de Violência nas Relações de Intimidade N=17
Número de Relações Amorosas	1	20,0%	41,2%
	2	20,0%	11,8%
	3	20,0%	17,6%
	4	20,0%	17,6%
	≥ 5	20,0%	11,8%
Duração Média das Relações Amorosas	Meses	20,0%	23,5%
	Anos	80,0%	76,5%
Situação Amorosa Atual	Casado	30,0%	76,5%
	União de Facto	10,0%	0,0%
	Divorciado	30,0%	0,0%
	Namoro	20,0%	11,8%
	Sem Relação	10,0%	11,8%
Grau de Satisfação com a Relação Atual	Muito Insatisfeito	10,0%	0,0%
	Insatisfeito	0,0%	0,0%
	Relativamente Satisfeito	10,0%	5,9%
	Satisfeito	20,0%	17,6%
	Muito Satisfeito	20,0%	64,7%
	Não responde	40,0%	11,8%

anos. No que respeita à situação amorosa atual, uma grande percentagem de participantes encontra-se casado (59,3%). Destaque-se a discrepância que existe na percentagem de indivíduos casados entre vítimas (30,0%) e não-vítimas (76,4%). Adicionalmente, importa mencionar que muitos dos participantes se encontram muito satisfeitos (48,2%) ou satisfeitos (18,5%) com a sua relação atual. Novamente, nota-se uma discrepância entre vítimas e não-vítimas, com uma tendência para as vítimas se sentirem menos satisfeitas com as suas relações. Por fim, saliente-se que alguns dos participantes não responderam a esta questão (22,2%).

Finalmente, os indicadores de histórico de violência foram apurados de acordo com os tipos de violência nas relações de intimidade a que os participantes foram expostos (c.f. Tabela 4), tendo dez destes reportado histórico de violência indicadores. É importante notar que o padrão de violência varia entre os diversos participantes. Todavia, pode-se verificar que todos os dez sujeitos foram expostos pelo menos a

Tabela 4: Distribuição dos tipos de violência experienciados e quantidade dos mesmos para os participantes do estudo.

		N=10
		Percentagem
Tipos de Violência Experienciados	Emocional e psicológica	100,0%
	Intimidação, coação e ameaça	80,0%
	Física	70,0%
	Isolamento Social	40,0%
	Abuso Económico	60,0%
	Sexual	10,0%
Quantidade de Tipos de Violência Experienciados	1	20,0%
	2	0,0%
	3	20,0%
	4	30,0%
	5	20,0%
	6	10,0%

violência psicológica. Note-se igualmente que todos declararam ter experienciado exatamente uma relação em que foram expostos a violência.

3.3 - Instrumentos

Questionário Sociodemográfico. O questionário sociodemográfico criado permitiu a recolha dos principais descritores da amostra nomeadamente dados biográficos (e.g. idade, escolaridade, e profissão), bem como indicadores sobre a situação amorosa (presença de relação amorosa, tipo de relação, estado civil, e grau de satisfação com a relação, número de relações amorosas e duração média das mesmas). Adicionalmente e exclusivamente para as vítimas de violência nas relações de intimidade, procurou-se conhecer os tipos de violência experienciados e o número de relações amorosas em que se foi vítima. Por fim, mas não menos importante importa mencionar que foram elaboradas questões para definir critérios de exclusão, designadamente ao nível do género, do tipo de relação e da existência ou não de histórico de vitimação de modo a não enviesar os resultados. Este instrumento pode ser consultado no Anexo IX (pp. 100).

Questionário de Esquemas (QE) de Young e Brown (1992) (*Young Schema Questionnaire*): versão traduzida e adaptada de José Pinto Gouveia e Margarida Robalo (1994). O Questionário de Esquemas (Anexo X – p. 102) é um instrumento

de medida de auto-resposta que avalia os esquemas postulados no modelo de esquemas de Young (Young, Klosko, & Weishaar, 2003). Os participantes pontuam de acordo com a adequabilidade das questões face a si próprios segundo uma escala *Likert* de 6 pontos em que 1 significa “Não descreve de maneira nenhuma a minha maneira de ser” e 6 representa “Descreve de um modo muitíssimo característico a minha maneira de ser”. Os itens do questionário (c.f., Anexo XI – p. 110) estão agrupados por esquema e a pontuação total ou a pontuação média de cada esquema não é o único indicador importante. Assim, deve-se considerar cada esquema isoladamente analisando cada afirmação de modo a analisar os padrões presentes, evidentes sobretudo através das pontuações mais elevadas da escala (5 e 6). Nesta dissertação utilizou-se a versão longa deste questionário (traduzida e adaptada para a população portuguesa por Pinto-Gouveia e Robalo, 1994) composta por 123 itens, organizados sequencialmente e agrupados segundo o esquema que ativam (Anexo XII – p. 111), avaliando no total quinze esquemas abrangidos de acordo com cinco domínios (Young & Brown, 1992) (Anexo VII). Considera-se que um esquema se encontra ativo quando 3 ou mais perguntas desse esquema têm uma resposta ≥ 5 . A versão portuguesa do Questionário de Esquemas, de Pinto-Gouveia, Robalo, Cunha, e Fonseca, revelou uma boa consistência interna (*Cronbach* $\alpha = .96$) (como citado em Pinto-Gouveia, Castilho, Galhardo, & Cunha, 2006). Adicionalmente revelou uma estabilidade temporal teste – re-teste de quatro semanas ($r = .93$) (como citado em Pinto-Gouveia, Castilho, Galhardo, & Cunha, 2006).

Questionário de Estilos Parentais (QEP) de Young (1994) (*Young Parenting Inventory*): **Versão traduzida e adaptada de M.C. Salvador, Daniel Rijo e José Pinto Gouveia** (1996, 2003). O Questionário de Estilos Parentais (Anexo XIII – p. 112) permite identificar as origens dos esquemas na infância e na adolescência. Este instrumento resultou da observação de diversos comportamentos de mães e de pais que Young hipotetiza contribuir para o desenvolvimento dos esquemas e, como tal, encontra-se intimamente relacionado com o QE. Posto isto, e apesar do QE ser constituído na versão original por dezoito esquemas, o QEP é apenas composto por dezassete uma vez que o EMP isolamento social/alienação não é medido por ser mais característico entre pares ao invés de na parentalidade. O QEP é formado por 72 itens (Anexo XIV – p. 117) sendo que o participante pontua cada um de acordo com a adequabilidade da afirmação face ao ambiente da sua infância e da sua

adolescência, recorrendo para tal a uma escala de *Likert* de 6 pontos em que 1 significa “Completamente falso/Não tem absolutamente nada a ver com o que acontecia comigo” e 6 representa “Descreve-a(o) perfeitamente/Tem tudo a ver com o que acontecia comigo”. Os itens do questionário estão agrupados por esquema e a pontuação total deve ser analisada de forma diferenciada para a mãe e para o pai (Anexo XV – p. 118). Assim sendo, deve-se considerar o número de itens com pontuações elevadas para cada um dos pais em cada esquema. A identificação dos EPs é então aferida através dos itens avaliados como 1 e 2 para o primeiro esquema: privação emocional, uma vez que este é o único esquema que se encontra invertido e, como tal, pontuações baixas indicam relevância quanto à origem do referido esquema, e através dos itens 5 e 6 para os demais esquemas onde as pontuações elevadas indicam relevância quanto à origem do esquema. Quanto maior for o número de itens com pontuação elevada para um determinado esquema maior será a tendência para que o esquema seja relevante para o participante sendo que quando o esquema é predominante face a ambas as figuras cuidadoras, essa tendência é ainda superior. Considerando a não existência de normas consensuais para a presente prova, assume-se que um esquema se encontra ativo se a contagem de itens com pontuações elevadas for superior a metade do total de itens que constituem o esquema. É importante mencionar que, através do contraste entre os resultados do QE e do QEP, pode-se inferir quais os esquemas que se consolidaram na idade adulta e quais aqueles que, por motivos de: 1) temperamento, 2) de compensação de uma figura significativa face a outra, ou 3) por aspetos inerentes ao próprio participante ou a um evento na vida deste conduziram à resolução do esquema. A versão portuguesa utilizada nesta dissertação, traduzida e adaptada por Salvador, Rijo e Pinto-Gouveia (1996, 2003), apresenta uma boa consistência interna, com *Alfas de Cronbach* entre .66 e .89 e entre .71 e .90 para a escala materna e paterna, respetivamente.

Inventário de Tipos de Relacionamento Amoroso (ITRA) de Isabel Mesquita (2011). O Inventário de Tipos de Relacionamento Amoroso (Anexo XVI - p. 119) é um instrumento de medida de auto-resposta criado e aferido para a população portuguesa com o intuito de avaliar a existência de relacionamentos amorosos que se constituem em função das vulnerabilidades narcísicas do *Self* e que visam uma tentativa de reparação dessas mesmas vulnerabilidades. O presente Inventário, utilizado na versão feminina, é composto por 53 itens (Anexo XVII – p. 126) que

evidenciam os três tipos de relacionamento amoroso definidos por Mesquita (2011), cuja resposta se dá através de uma escala *Likert* de 5 pontos em que 1 significa “pouco típico no meu comportamento” e 5 indica “muito típico no meu comportamento”. Os itens surgem sequencialmente sem nenhum critério de ordenação específico estando agrupados por tipo de relacionamento amoroso que caracterizam (Anexo XVIII – p. 127). No que diz respeito à cotação e análise deste instrumento, pode-se inferir que os tipos de relacionamento amoroso estão ativos se a média dos itens for igual ou superior a 3. A validade interna da prova é considerada boa, salientando-se os seguintes *Alfas de Cronbach*: para o submisso-idealizador (*Cronbach a*= .794), para o eufórico-idealizante (*Cronbach a*= .828) e para o evitante-desnarcisante (*Cronbach a*= .824). A correlação existente entre os três tipos de relacionamento amoroso é significativa, em particular entre o submisso-idealizador e eufórico-idealizante ($r = .18, p < .001$) em que existe uma correlação muito significativa, e entre este e o evitante-desnarcisante ($r = .70, p < .001$).

3.4 - Procedimentos de Recolha, Tratamento e Análise dos dados

3.4.1 - Procedimentos de Recolha de Dados

A recolha dos dados utilizados neste estudo foi realizada de forma não probabilística através de uma amostragem por conveniência (Marôco, 2011). Estes dados foram recolhidos com recurso à ferramenta *Qualtrix*, permitindo assim uma maior abrangência de participantes. Adicionalmente, esta ferramenta permitiu-nos garantir a confidencialidade dos participantes uma vez que estes não necessitaram de interação direta com a investigadora. No início de cada participação, foi apresentado um consentimento informado (c.f., Anexo VIII, p. 99) no qual se apresentam os objetivos e instruções do estudo e se pede autorização para a utilização de dados e publicação de resultados anonimizados em publicações científicas. Foi também requerido que os participantes respondesse a questões sobre dados demográficos para contextualização e caracterização da amostra. A divulgação dos questionários realizou-se entre Novembro de 2013 e Outubro de 2015 pelos seguintes meios: 1) *Facebook*; 2) fóruns online sobre violência doméstica; e 3) pedidos a amigos e conhecidos da investigadora.

3.4.2 - Procedimentos de Tratamento de Dados

A análise foi realizada com recurso à ferramenta de análise estatística *IBM SPSS Statistics, versão 22.0* em ambiente *Mac OSX*. O ficheiro de dados foi diretamente exportado a partir da ferramenta de recolha de dados *Qualtrix*. Após exportar os resultados para o ficheiro SPSS foi necessário excluir uma quantidade significativa das respostas (80,4%) por serem inválidas. As razões para a exclusão foram: (1) questionários respondidos por indivíduos do sexo masculino; (2) questionários não completos, nos quais pelo menos um instrumento não foi respondido; (3) questionários nos quais todas as questões foram respondidas com a mesma opção (há grande probabilidade de que as respostas dadas neste caso não reflitam realmente a realidade dos indivíduos que responderam ao questionário). Finalmente, procedeu-se a ligeiras alterações à estrutura do ficheiro de dados de modo a adaptar os nomes das variáveis (de forma a facilitar a sua leitura e análise) e ainda para acrescentar variáveis calculadas automaticamente a partir das respostas aos questionários como, por exemplo, os resultados dos instrumentos (para acrescentar variáveis correspondentes às pontuações do QEP, QE e ITRA que são calculadas automaticamente em função das respostas aos itens).

3.4.3 - Procedimentos de Análise de Dados

O estudo realizado é de cariz quantitativo e, como tal, recorreu-se a métodos estatísticos de forma a proceder à análise de dados, nomeadamente:

- Análise diferencial de médias de grupos: que permite determinar se há uma diferença estatisticamente significativa entre as médias de resultados de grupos dentro da amostra, neste caso, os grupos de participantes vítimas e não-vítimas de violência nas relações de intimidade. Para esta análise utilizou-se o teste não-paramétrico *U de Mann-Whitney* uma vez que a amostra é de pequena dimensão e não se verificam os pressupostos de normalidade necessários para a aplicação de um teste *t-student*.
- Análise correlacional bivariada: que permite determinar as correlações entre resultados de instrumentos. Todas as análises deste tipo foram entre variáveis contínuas (mais concretamente, as pontuações dos participantes em cada instrumento) e uma variável dicotómica (se o indivíduo foi ou não vítima de violência em relações de intimidade). Como tal, utilizou-se o coeficiente de correlação de *Pearson* em conjunto com

Maus-tratos nas relações de intimidade: Aleatoriedade ou prévia (de)limitação da herança parental?

um teste de hipóteses com recurso ao teste *t-student* para determinar se é possível rejeitar a hipótese de o coeficiente de correlação ser nulo.

- Análise discriminante: que permite determinar que variáveis (correspondentes às pontuações dos participantes em cada instrumento) melhor diferenciam dois ou mais grupos estruturalmente diferentes e mutuamente exclusivos (para este estudo, os grupos de vítimas e não-vítimas de violência nas relações de intimidade). Assim, utilizou-se uma análise *stepwise* com o método do Λ de Wilks em conjunto com um teste χ^2 para determinar a significância do modelo obtido.

4 - Apresentação dos Resultados e Estudo das Hipóteses de Investigação

4.1 - Análise Descritiva dos Resultados

Neste tópico apresenta-se a análise descritiva dos resultados dos instrumentos utilizados neste estudo (QEP, QE e ITRA), destacando-se as principais diferenças entre os resultados de vítimas e não-vítimas de violência nas relações de intimidade.

4.1.1 - Análise Descritiva dos Resultados do QEP

Nesta secção, descreve-se os resultados obtidos diretamente pela aplicação do QEP aos participantes do estudo. Dos participantes, 8 não apresentam qualquer EP, dos quais 7 nunca foram vítimas de violência na relação de intimidade (c.f. Tabela 5). É ainda relevante destacar que a grande maioria dos participantes que nunca foram vítimas em relações de intimidade tiveram no máximo um EP ativo, tendo em média 1,1 EPs ativos. Por outro lado, há uma tendência para as vítimas nas relações de intimidade terem mais que um EP ativo (em média, uma vítima de violência nas relações de intimidade apresenta 3,7 EPs ativos).

De forma a determinar se existem diferenças estatisticamente significativas entre o número de EPs ativos entre vítimas e não-vítimas de violência nas relações de intimidade, realizou-se um teste *U de Mann-Whitney* com as seguintes hipóteses:

H₀: O número de EPs ativos em vítimas de violência nas relações de intimidade é menor ou igual que o número de EPs ativos em não-vítimas de violência nas relações de intimidade.

H₁: O número de EPs ativos em vítimas de violência nas relações de intimidade é maior que o número de EPs ativos em não-vítimas de violência nas relações de intimidade.

Maus-tratos nas relações de intimidade: Aleatoriedade ou prévia (de)limitação da herança parental?

Tabela 5: Comparação do número de EPs ativos entre vítimas e não-vítimas de violência nas relações de intimidade. A significância do teste *U de Mann-Whitney* para comparar o número de EPs entre ambos os grupos é de 0,010.

Número de EPs Ativos	Vítimas de Violência nas Relações de Intimidade N=10		Não-vítimas de Violência nas Relações de Intimidade N=17	
	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem
0	1	10%	7	41,2%
1	3	30%	6	35,3%
2	1	10%	1	5,9%
3	1	10%	2	11,8%
≥4	4	40%	1	5,9%

O teste de hipóteses demonstrou que é possível rejeitar H_0 com um grau de significância de 5%, ou seja, existem fortes indícios de que o número de EPs ativos em vítimas de violência nas relações de intimidade é maior que o número de EPs ativos em não-vítimas de violência nas relações de intimidade.

Uma análise individual dos EPs ativos (c.f. Tabela 6) nos participantes deste estudo revela que grande parte dos EPs (15 em 17) estão ativos em pelo menos um participante deste estudo. No entanto, é relevante destacar que dos 17 EPs considerados, 7 não estão ativos para nenhum participante que não foi vítima de violência nas relações de intimidade. Os EPs mais frequentemente ativos nos participantes vítimas de violência nas relações de intimidade são a Subjugação, o Autossacrifício e a Punitividade/Autopunição enquanto para os participantes não-vítimas de violência nas relações de intimidade os EPs mais frequentemente ativos são a Vulnerabilidade ao dano e à doença e os Padrões rígidos ou inflexíveis.

Analisou-se também o número de participantes com pelo menos um EP ativo para determinado domínio (c.f. Tabela 7) tendo-se verificado que os domínios de Orientação para o outro e Hipervigilância e Inibição são os mais ativos. Já o domínio de Limites prejudicados é o domínio menos ativo com apenas um participante (neste caso vítima de violência nas relações de intimidade).

Maus-tratos nas relações de intimidade: Aleatoriedade ou prévia (de)limitação da herança parental?

Tabela 6: Comparação da frequência de EPs ativos entre vítimas e não-vítimas de violência nas relações de intimidade.

EPs Ativos	Vítimas de Violência nas Relações de Intimidade N=10		Não-vítimas de Violência nas Relações de Intimidade N=17	
	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem
Privação Emocional	1	10%	1	5,9%
Abandono/Instabilidade	0	0%	0	0%
Desconfiança/Abuso	1	10%	0	0%
Defeito/Vergonha	2	20%	0	0%
Vulnerabilidade ao dano e à doença	3	30%	4	23,5%
Dependência/Incompetência	2	20%	0	0%
Fracasso	0	0%	0	0%
Subjugação	4	40%	1	5,9%
Emaranhamento	2	20%	1	5,9%
Grandiosidade/Merecimento	1	10%	0	0%
Autocontolo e autodisciplina insuficientes	1	10%	0	0%
Autossacrifício	4	40%	2	11,8%
Procura aprovação/Reconhecimento	3	30%	1	5,9%
Padrões rígidos ou inflexíveis	3	30%	4	23,5%
Negatividade/Vulnerabilidade ao Erro	3	30%	2	11,8%
Inibição emocional	2	20%	1	5,9%
Punitividade/Autopunição	4	40%	2	11,8%

Tabela 7: Comparação da frequência de domínios com pelo menos 1 EP ativo entre vítimas e não-vítimas de violência nas relações de intimidade.

Domínios com pelo menos um EP Ativo	Vítimas de Violência nas Relações de Intimidade N=10		Não-vítimas de Violência nas Relações de Intimidade N=17	
	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem
Desconexão e rejeição	3	30%	1	5,9%
Autonomia e desempenho prejudicados	4	40%	4	23,5%
Limites prejudicados ou indefinidos	1	10%	0	0%
Orientação para o outro	7	70%	4	23,5%
Hipervigilância e inibição	5	50%	5	29,4%

Tabela 8: Resultados do teste *U de Mann-Whitney* para comparação das pontuações do QEP entre os grupos de vítimas e não-vítimas de violência nas relações de intimidade.

EPs	Vítimas de Violência nas Relações de Intimidade N=10		Não-vítimas de Violência nas Relações de Intimidade N=17		Significância
	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	
Desconfiança/Abuso	1,763	1,003	1,073	0,217	0,014
Defeito/Vergonha	2,763	1,594	1,552	0,686	0,040
Subjugação	3,238	1,695	1,868	0,902	0,031
Emaranhamento	2,775	0,912	2,037	0,875	0,019
Autossacrifício	3,125	0,615	2,539	0,678	0,036

Finalmente, para perceber de que forma as pontuações do QEP diferem entre os grupos de vítimas e não vítimas, realizou-se um teste *U de Mann-Whitney* sobre os valores das pontuações do teste dos participantes. Neste caso, para cada domínio, as hipóteses a serem colocadas são:

H_0 : As pontuações do QEP de vítimas de violência nas relações de intimidade não diferem das pontuações de não-vítimas de violência nas relações de intimidade.

H_1 : As pontuações do QEP de vítimas de violência nas relações de intimidade diferem das pontuações de não-vítimas de violência nas relações de intimidade.

A Tabela 8, apresentada acima, mostra os resultados mais estatisticamente significativos do teste *U de Mann-Whitney* para a amostra deste estudo. Observa-se que com um grau de significância de 5% podemos rejeitar H_0 para os esquemas Desconfiança/Abuso, Defeito/Vergonha, Subjugação, Emaranhamento e Autossacrifício. Isto significa, que para estes cinco esquemas parece haver diferenças estatisticamente significativas entre as pontuações das vítimas e não vítimas de violência nas relações de intimidade.

Todos os resultados anteriormente descritos apontam para a existência de diferenças estatisticamente significativas entre vítimas e não-vítimas de violência nas relações de intimidade no número e conjunto de EPs ativos e ainda nas pontuações obtidas para cada EP. Desta forma, estes resultados corroboram a Hipótese 1 desta dissertação: Existe uma tendência para as mulheres vítimas de violência nas relações de intimidade apresentarem esquemas parentais diferentes das mulheres não-vítimas de violência nas relações de intimidade.

4.1.2 - Análise Descritiva dos Resultados do QE

De seguida, descreve-se os resultados obtidos diretamente pela aplicação do QE aos participantes do estudo. Segundo os resultados do teste, 11 participantes não apresentam qualquer EMP ativo, sendo que desses, 10 nunca foram vítimas de violência nas relações de intimidade (c.f. Tabela 9). Isto significa que a maioria dos participantes que nunca foram vítimas de violência nas relações de intimidade não têm qualquer EMP ativo, tendo estes em média 1,2 EMPs ativos. Já os participantes vítimas de violência nas relações de intimidade tendem a ter mais EMPs ativos com uma média de 3,2 EMPs ativos.

Tabela 9: Comparação do número de EMPs ativos entre vítimas e não-vítimas de violência nas relações de intimidade. A significância do teste *U de Mann-Whitney* para comparar o número de EMPs entre ambos os grupos é de 0,014.

Número de EMPs Ativos	Vítimas de Violência nas Relações de Intimidade N=10		Não-vítimas de Violência nas Relações de Intimidade N=17	
	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem
0	1	10%	10	58,8%
1	2	20%	2	11,8%
2	1	10%	1	5,9%
3	3	30%	0	0%
≥4	3	30%	4	23,5%

De forma a determinar se existem diferenças estatisticamente significativas entre o número de EMPs ativos entre vítimas e não-vítimas de violência nas relações de intimidade, realizou-se um teste *U de Mann-Whitney* com as seguintes hipóteses:

H_0 : O número de EMPs ativos em vítimas de violência nas relações de intimidade é menor ou igual que o número de EMPs ativos em não-vítimas de violência nas relações de intimidade.

H_1 : O número de EMPs ativos em vítimas de violência nas relações de intimidade é maior que o número de EMPs ativos em não-vítimas de violência nas relações de intimidade.

O teste de hipóteses demonstrou que é possível rejeitar H_0 com um grau de significância de 5%, ou seja, existem fortes indícios de que o número de EMPs ativos em vítimas de violência nas relações de intimidade é maior que o número de EMPs ativos em não-vítimas de violência nas relações de intimidade.

Tabela 10: Comparação da frequência de EMPs ativos entre vítimas e não-vítimas de violência nas relações de intimidade.

EMPs Ativos	Vítimas de Violência nas Relações de Intimidade N=10		Não-vítimas de Violência nas Relações de Intimidade N=17	
	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem
Dependência/Incompetência	0	0%	1	5,9%
Subjugação/Falta de Individualização	6	60%	2	11,8%
Vulnerabilidade ao mal e à doença	4	40%	5	29,4%
Medo de perder o controle	2	20%	3	17,6%
Privação Emocional	1	10%	0	0%
Abandono/Perda	4	40%	4	23,5%
Desconfiança/Abuso	2	20%	2	11,8%
Isolamento social/Alienação	2	40%	1	5,9%
Defeito/Imperfeição/Desencanto	0	0%	0	0%
Indesejabilidade social	0	0%	1	5,9%
Fracasso	0	0%	0	0%
Culpa/Sanção	0	0%	0	0%
Vergonha/Embaraço	0	0%	0	0%
Padrões elevados de realização ou rígidos	8	80%	4	23,5%
Limites insuficientes	3	30%	1	5,9%

Uma análise individual dos EMPs ativos (c.f. Tabela 10) nos participantes deste estudo revela que apenas 11 dos 15 EMPs estão ativos em pelo menos um participante deste estudo. Também relevante é o fato de haver 6 EMPs que não estão ativos para nenhuma vítima de violência nas relações de intimidade enquanto para não-vítimas há apenas 5 EMPs que nunca foram ativos. Os EMPs mais frequentemente ativos nos participantes vítimas de violência nas relações de intimidade são os Padrões elevados de realização ou rígidos e a Subjugação/Falta de individualização. Já para participantes não-vítimas de violência nas relações de intimidade o EMP mais frequente é a Vulnerabilidade ao mal e à doença, imediatamente seguido do Abandono/perda e dos Padrões elevados de realização ou rígidos.

De seguida, apresentamos o número de participantes com pelo menos um EMP ativo para determinado domínio (c.f. Tabela 11). Os dois domínios mais ativos nos participantes são a Hipervigilância e Inibição e Desconexão e Rejeição. Já o domínio de Limites Prejudicados ou Indefinidos é o domínio menos ativo com apenas quatro participantes. Note-se ainda que a percentagem de participantes vítimas de

Tabela 11: Comparação da frequência de domínios com pelo menos 1 EMP ativo entre vítimas e não-vítimas de violência nas relações de intimidade.

Domínios com pelo menos um EMP Ativo	Vítimas de Violência nas Relações de Intimidade N=10		Não-vítimas de Violência nas Relações de Intimidade N=17	
	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem
Desconexão e Rejeição	6	60%	4	23,5%
Autonomia e Desempenho	4	40%	5	29,4%
Prejudicados				
Limites prejudicados ou indefinidos	3	30%	1	5,9%
Orientação para o outro	6	60%	2	11,8%
Hipervigilância e Inibição	8	80%	5	29,4%

violência nas relações de intimidade com pelo menos um EMP para um determinado domínio tende a ser maior que o número de não-vítimas com pelo menos um EMP ativo para esse mesmo domínio.

Para terminar a análise descritiva do QE, analisou-se a forma como as pontuações deste teste diferem entre os grupos de vítimas e não vítimas. Assim, realizou-se um teste *U de Mann-Whitney* sobre os valores das pontuações do teste dos participantes. Neste caso, para cada domínio, as hipóteses a serem colocadas são:

H_0 : As pontuações do QE de vítimas de violência nas relações de intimidade não diferem das pontuações de não-vítimas de violência nas relações de intimidade.

H_1 : As pontuações do QE de vítimas de violência nas relações de intimidade diferem das pontuações de não-vítimas de violência nas relações de intimidade.

A Tabela 12 mostra os resultados mais estatisticamente significativos do teste *U de Mann-Whitney* para a amostra deste estudo. Observa-se que com um grau de significância de 1% podemos rejeitar H_0 para o esquema Dependência/Incompetência. Já com um grau de significância de 5% podemos também rejeitar H_0 para os esquemas Subjugação/Falta de Individualização, Privação Emocional, Desconfiança/Abuso, Isolamento social/Alienação, Defeito/Imperfeição/Desencanto, Indesejabilidade social, Fracasso, Culpa/Sanção e Limites insuficientes. Isto significa, que para a grande maioria dos esquemas parece haver diferenças estatisticamente significativas entre as pontuações das vítimas e não vítimas de violência nas relações de intimidade.

Tabela 12: Resultados do teste *U de Mann-Whitney* para comparação das pontuações do QE entre os grupos de vítimas e não-vítimas de violência nas relações de intimidade.

EMPs	Vítimas de Violência nas Relações de Intimidade N=10		Não-vítimas de Violência nas Relações de Intimidade N=17		Significância
	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	
Dependência/Incompetência	2,250	0,699	1,637	0,911	0,005
Subjugação/Falta de Individuação	2,650	0,703	2,063	0,672	0,028
Privação Emocional	2,044	0,851	1,360	0,752	0,018
Desconfiança/Abuso	2,470	0,751	1,735	0,968	0,014
Isolamento social/Alienação	2,620	1,740	1,424	1,060	0,027
Defeito/Imperfeição/Desencanto	1,660	0,589	1,329	0,608	0,038
Indesejabilidade social	2,088	0,724	1,441	0,665	0,015
Fracasso	1,667	0,654	1,360	0,664	0,049
Culpa/Sanção	1,671	0,506	1,272	0,337	0,016
Limites insuficientes	2,725	1,264	1,765	0,857	0,029

Os resultados descritos nesta secção apontam para a existência de diferenças estatisticamente significativas entre vítimas e não-vítimas de violência nas relações de intimidade nos EMPs ativos e nas suas pontuações. Desta forma, estes resultados corroboram a Hipótese 2 desta dissertação: Existe uma tendência para as mulheres vítimas de violência nas relações de intimidade apresentarem esquemas mal-adaptativos precoces (ou modelos relacionais internos) diferentes das mulheres não-vítimas de violência nas relações de intimidade.

4.1.3 - Análise Descritiva dos Resultados do ITRA

Apresenta-se agora os resultados obtidos pela aplicação do ITRA aos participantes do estudo. Dado o tamanho reduzido da amostra, e o facto de apenas 6 participantes terem um tipo de relação de reparação narcísica ativo (dos quais apenas 1 não era vítima de violência nas relações de intimidade), a discussão foca-se principalmente na distribuição das pontuações. Assim, a Tabela 13 apresenta as frequências das pontuações do ITRA dos participantes deste estudo para os tipos de relação Submisso-idealizador, Eufórico-idealizante e Evitante-desnarcisante. Para o tipo de relação Submisso-idealizador, as diferenças nas distribuições das pontuações entre vítimas e não-vítimas de violência nas relações de intimidade não são

Tabela 13: Frequências das pontuações do ITRA para todos os tipos de relação de reparação narcísica em vítimas e não-vítimas de violência nas relações de intimidade. Considera-se que indivíduos com pontuação igual ou superior a 3.0 têm o tipo de relação amorosa ativa.

Pontuação	Vítimas de Violência nas Relações de Intimidade N=10			Não-vítimas de Violência nas Relações de Intimidade N=17		
	Submisso- Idealizador	Eufórico- Idealizante	Evitante- Desnarcisante	Submisso- Idealizador	Eufórico- Idealizante	Evitante- Desnarcisante
1,0 – 1,5	0	0	0	1	6	7
1,5 – 2,0	2	2	2	5	6	6
2,0 – 2,5	4	5	1	5	4	3
2,5 – 3,0	3	3	3	5	1	1
3,0 – 3,5	1	0	4	1	0	0

evidentes. Note-se também que para este tipo de relação uma vítima e uma não vítima têm pontuações suficientemente altas para que se considere que o tipo de relação está ativo. Para o tipo de relação Eufórico-idealizante, nota-se já uma diferença grande entre as pontuações das vítimas e as não-vítimas. De facto, há uma tendência para as não-vítimas terem pontuações baixas para este tipo de relação. Ainda assim, nenhum participante do estudo (incluindo as vítimas de violência) tem pontuações suficientemente altas para que se considere que este tipo de relação está ativo. Finalmente, para o tipo de relação Evitante-desnarcisante, nota-se a mesma tendência para que os participantes que nunca foram vítimas de violência nas relações de intimidade tenham pontuações baixas. É também importante notar que 4 participantes deste estudo (todos eles membros do grupo das vítimas de violência nas relações de intimidade) obtiveram resultados suficientemente altos para que este tipo de relação possa ser considerado ativo.

Apesar de anteriormente se ter referido as diferenças significativas nas pontuações do ITRA para vítimas e não-vítimas de violência nas relações de intimidade, estas diferenças baseavam-se apenas nas frequências observadas das pontuações não sendo, por isso, formais. Para formalizar as conclusões sobre as diferenças das pontuações do ITRA entre os dois grupos, aplicou-se o teste *U de Mann-Whitney* sobre os valores das pontuações do teste dos participantes. Neste caso, para cada tipo de relação, as hipóteses a serem colocadas são:

H_0 : As pontuações do ITRA de vítimas de violência nas relações de intimidade não diferem das pontuações de não-vítimas de violência nas relações de intimidade.

Tabela 14: Resultados do teste *U de Mann-Whitney* para comparação das pontuações do ITRA entre os grupos de vítimas e não-vítimas de violência nas relações de intimidade.

Tipo de Relação	Vítimas de Violência nas Relações de Intimidade N=10		Não-vítimas de Violência nas Relações de Intimidade N=17		Significância
	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	
Submisso- Idealizador	2,380	0,502	2,257	0,510	0,702
Eufórico- Idealizante	2,321	0,297	1,697	0,471	0,001
Evitante- Desnarcisante	2,580	0,616	1,663	0,454	0,001

H_1 : As pontuações do ITRA de vítimas de violência nas relações de intimidade diferem das pontuações de não-vítimas de violência nas relações de intimidade.

A Tabela 14 mostra os resultados do teste *U de Mann-Whitney* para a amostra deste estudo. Observa-se que com um grau de significância de 1% podemos rejeitar H_0 para os tipos de relação Eufórico-idealizante e Evitante-desnarcisante. Assim, como observado anteriormente, há evidências estatísticas fortes de que há diferenças entre as pontuações dos dois grupos de participantes para estes dois tipos de relação.

Estes resultados sugerem a presença de diferenças estatisticamente significativas entre vítimas e não-vítimas de violência nas relações de intimidade nas tendências para a escolha de relacionamentos de reparação narcísica. Desta forma, estes resultados corroboram a Hipótese 3: Existe uma tendência para as mulheres vítimas de violência nas relações de intimidade realizarem escolhas diferentes de relacionamentos amorosos que visem a reparação narcísica face às mulheres não-vítimas de violência nas relações de intimidade.

4.2 - Análise Correlacional entre Pontuações dos Instrumentos e a Vitimação

Nesta secção, analisa-se a correlação entre as pontuações obtidas pelos participantes do estudo no QE, QEP e ITRA e a existência de antecedentes de violência nas relações de intimidade. Desta forma, pretende-se perceber de que forma é que a predisposição para determinados EPs, EMPs, e escolhas amorosas se relaciona com a vitimação. Esta análise utiliza o método de correlação de *Pearson*

Maus-tratos nas relações de intimidade: Aleatoriedade ou prévia (de)limitação da herança parental?

em conjunto com um teste *t-student* para avaliar a significância da correlação. Assim, para cada par de resultados analisados, as hipóteses a serem colocadas são:

H₀: O valor do coeficiente de correlação de *Pearson* é nulo.

H₁: O valor do coeficiente de correlação de *Pearson* não é nulo.

4.2.1 - Correlação do QEP com a Vitimação

A análise de correlações entre o QEP e a vitimação (c.f. Tabela 15) revela que, no geral, as correlações entre as pontuações dos EPs e a vitimação são positivas. Isto significa que há uma tendência para as pontuações do QEP aumentarem quando há um histórico de vitimação nas relações de intimidade. O único EP que apresenta uma correlação negativa é a Privação Emocional para o qual as perguntas têm uma conotação contrária ao resto do questionário. Assim, apesar de a correlação ter sentido contrário, observa-se a mesma tendência que para os outros EPs: quanto maior a tendência para a presença deste EP, maior a tendência para um histórico de violência nas relações de intimidade. Apesar de as tendências de correlação serem no mesmo sentido, a força e significância destas correlações revela-se muito variada.

Os EPs com maior correlação com a vitimação são Dependência/Incompetência, Fracasso e Autocontrolo e autodisciplina insuficientes. Para estes EPs, é possível rejeitar a hipótese nula com um grau de significância de 1%. Adicionalmente, há também alguns EPs para os quais não é possível rejeitar a

Tabela 15: Correlação entre as pontuações dos EPs do QEP e a existência de histórico de vitimação nas relações de intimidade.

EPs	Correlação	Sign.	EPs	Correlação	Sign.
Privação Emocional	-0,044	0,829	Grandiosidade/Merecimento	0,177	0,376
Abandono/Instabilidade	0,366	0,061	Autocontolo e autodisciplina insuficientes	0,531**	0,004
Desconfiança/Abuso	0,310	0,116	Autossacrifício	0,434*	0,024
Defeito/Vergonha	0,475*	0,012	Procura aprovação/Reconhecimento	0,318	0,105
Vulnerabilidade ao dano e à doença	0,083	0,682	Padrões rígidos ou inflexíveis	0,300	0,128
Dependência/ Incompetência	0,501**	0,008	Negatividade/Vulnerabilidade ao Erro	0,211	0,291
Fracasso	0,511**	0,006	Inibição emocional	0,152	0,450
Subjugação	0,445*	0,020	Punitividade/Autopunição	0,377	0,052
Emaranhamento	0,173	0,389			

hipótese nula com um grau de significância de 5%: Defeito/Vergonha, Subjugação e Autossacrifício. Assim, com exceção do domínio de Hipervigilância e inibição todos os domínios têm pelo menos um EP para o qual há uma correlação estatisticamente significativa. Dados os resultados anteriores, observa-se que há de facto uma correlação entre uma parte significativa das pontuações dos EPs e a vitimação nas relações de intimidade, o que corrobora a Hipótese 4 desta dissertação: Existe uma correlação entre as representações das relações da infância e a existência de histórico de vitimação nas relações de intimidade.

4.2.2 - Correlação do QE com a Vitimação

A análise de correlações entre o QE e a vitimação (c.f. Tabela 16) revela que a maior parte das correlações entre as pontuações dos EMPs e a vitimação são positivas. Isto significa que há uma tendência para as pontuações do QE aumentarem quando há um histórico de vitimação nas relações de intimidade. O único EMP que apresenta uma correlação negativa é o Medo de Perder o Controlo.

O EMP com maior correlação com a vitimação é Subjugação/Falta de Individualização. Para este EMP, é possível rejeitar a hipótese nula com um grau de significância de 1%. Adicionalmente, há também alguns EMPs para os quais não é possível rejeitar a hipótese nula com um grau de significância de 5%: Culpa/Sanção e Vergonha/Embaraço. Dados os resultados anteriores, observa-se que há de facto

Tabela 16: Correlação entre as pontuações dos EMPs do QE e a existência de histórico de vitimação nas relações de intimidade.

EMPs	Correlação	Sign.	EMPs	Correlação	Sign.
Dependência/ Incompetência	0,125	0,535	Defeito/Imperfeição/ Desencanto	0,112	0,578
Subjugação/Falta de Individualização	0,566**	0,002	Indesejabilidade social	0,242	0,224
Vulnerabilidade ao mal e à doença	0,089	0,660	Fracasso	0,241	0,227
Medo de perder o controlo	-0,045	0,822	Culpa/Sanção	0,422*	0,028
Privação Emocional	0,370	0,057	Vergonha/Embaraço	0,461*	0,016
Abandono/Perda	0,208	0,298	Padrões elevados de realização ou rígidos	0,296	0,134
Desconfiança/Abuso	0,067	0,739	Limites insuficientes	0,324	0,100
Isolamento social/Alienação	0,238	0,232			

uma correlação entre as pontuações de alguns EMPs e a vitimação nas relações de intimidade. O número de correlações estatisticamente significativas entre as pontuações dos EMPs e a vitimação não é tão elevada como para os EPs. No entanto, os testes realizados demonstram que há de facto alguns EMPs correlacionados com a vitimação, o que nos permite aceitar a Hipótese 5: Existe uma correlação entre as representações dos esquemas mal-adaptativos precoces e a existência de histórico de vitimação nas relações de intimidade.

4.2.3 - Correlação do ITRA com a Vitimação

A análise de correlações entre os resultados do ITRA e a vitimação (c.f. Tabela 17) revela que a todas as correlações entre as pontuações dos tipos de relação de reparação narcísica e a vitimação são positivas. Isto significa que há uma tendência para as pontuações do ITRA aumentarem quando há um histórico de vitimação nas relações de intimidade.

Tabela 17: Correlação entre as pontuações dos tipos de relação de reparação narcísica do ITRA e a existência de histórico de vitimação nas relações de intimidade.

Tipo de Relação	Correlação	Sign.
Submisso-Idealizador	0,120	0,551
Eufórico-Idealizante	0,601**	0,001
Evitante-Desnarcisante	0,664**	0,000

Os tipos de relação para os quais existe uma tendência estatisticamente significativa para uma correlação são os tipos de relação Eufórico-Idealizante e Evitante-Desnarcisante. Em ambos os casos, é possível rejeitar a hipótese nula com um grau de significância de 1%. Com estes resultados, percebe-se que há uma correlação entre as pontuações dos tipos de relação de reparação narcísica do ITRA e a vitimação nas relações de intimidade o que, por sua vez, sugere uma correlação entre as tendências para a escolha de relacionamentos amorosos que visam a reparação narcísica e a existência de histórico de vitimação nas relações de intimidade. Assim, podemos aceitar a Hipótese 6: Existe uma correlação entre as tendências para a escolha de relacionamentos amorosos que visam a reparação narcísica e a existência de histórico de vitimação nas relações de intimidade.

4.3 - Análise Discriminante da Vitimação em Função dos Resultados dos Instrumentos

Nesta secção, estuda-se qual o impacto dos esquemas parentais, dos esquemas mal-adaptativos precoces e das escolhas amorosas de reparação narcísica na caracterização de indivíduos vítimas e não vítimas de violência nas relações de intimidade. Com este objectivo, utilizou-se uma análise discriminante *stepwise* com o método Λ de *Wilks* para criar um modelo que distingue vítimas de não-vítimas de violência nas relações de intimidade baseado nas pontuações do QEP, QE e ITRA. Adicionalmente, para determinar a significância do modelo obtido, utilizou-se um teste χ^2 .

A análise *stepwise* produziu uma função discriminante na qual foram retidas apenas seis variáveis (c.f. Tabela 18). Destas variáveis, as que apresentam um coeficiente positivo tendem a ter um impacto mais significativo para a caracterização de um indivíduo como vítima de violência nas relações de intimidade, enquanto as variáveis com um coeficiente negativo tendem a ter um impacto mais significativo para a caracterização de um indivíduo como não vítima nas relações de intimidade. Do QEP, foram retidas as variáveis correspondentes às pontuações para Fracasso, Autocontrolo e autodisciplina insuficientes, Autossacrifício e Negatividade/Vulnerabilidade ao Erro. Do QE, foi retida a variável correspondente à pontuação para Subjugação/Falta de Individuação. Finalmente, do ITRA, foi retida a variável correspondente à pontuação para o tipo de relação Evitante-Desnarcisante. O modelo obtido com esta função discriminante explica 100,0% da variabilidade entre os dois grupos e, segundo o teste do χ^2 discrimina significativamente os grupos de vítimas e não-vítimas nas relações de intimidade uma vez que o valor de significância é tão pequeno que foi arredondado para 0,000 no sistema SPSS.

As variáveis retidas pelo modelo discriminante correspondem a um conjunto mínimo de variáveis que permitem caracterizar indivíduos como vítimas ou não-

Tabela 18: Coeficientes da função discriminante obtida através da análise discriminante *stepwise* (com variáveis do QEP, QE e ITRA).

	Coeficientes nas Funções Discriminantes
ITRA – Evitante-Desnarcisante	0,444
QE – Subjugação/Falta de Individuação	1,412
QEP - Fracasso	1,493
QEP – Autocontolo e autodisciplina insuficientes	0,634
QEP – Autossacrifício	0,670
QEP – Negatividade/Vulnerabilidade ao Erro	-1,757

Tabela 19: Correlações entre as pontuações do QEP, QE e ITRA e o modelo obtido através da análise discriminante *stepwise* (com variáveis do QEP, QE e ITRA).

Resultado do Instrumento	Correlação	Resultado do Instrumento	Correlação
ITRA – Eufórico-Idealizante	0,458	QEP – Subjugação	0,229
QEP – Inibição emocional	0,371	QEP - Fracasso	0,229
ITRA – Evitante-Desnarcisante	0,342	ITRA – Submisso- Idealizador	0,216
QE – Subjugação/Falta de Individuação	0,265	QEP – Desconfiança/Abuso	0,215
QEP – Autocontolo e autodisciplina insuficientes	0,242	QE – Abandono/Perda	0,209

vítimas com uma precisão elevada. Assim, as variáveis retidas não são necessariamente as que mais se correlacionam com a vitimação. Para perceber que variáveis mais se correlacionam com a vitimação, a Tabela 19 apresenta as dez correlações mais fortes ordenadas entre as variáveis consideradas e o modelo obtido. Nesta tabela, quanto maior o valor de correlação, maior é a tendência para a variável indicar um caso de violência nas relações de intimidade. Os resultados mostram que nas dez variáveis que mais se correlacionam com o modelo de vitimação estão incluídas as pontuações para os três tipos de relacionamento de reparação narcísica do ITRA, cinco correspondem a pontuações do QEP (pontuações para os EPs de Inibição emocional, Autocontrolo e autodisciplina insuficientes, Subjugação, Fracasso e Desconfiança/Abuso) e duas correspondem a pontuações do QE (Subjugação/Falta de Individuação e Abandono/Perda).

Finalmente, para perceber a qualidade das caracterizações do modelo obtido na caracterização de indivíduos como vítimas ou não vítimas nas relações de intimidade a Tabela 20 apresenta as estatísticas de classificação obtidas com a utilização do modelo para classificar os elementos da amostra. A percentagem de indivíduos classificados corretamente com a utilização do modelo descrito anteriormente é de 96,3%, tendo havido apenas um caso de erro em toda a amostra correspondente a uma vítima de violência nas relações de intimidade que foi classificada pelo modelo como não sendo vítima. Utilizando o modelo original em todos os dados utilizados na análise, a avaliação pode tornar-se enviesada (uma vez que se está a criar o modelo nos mesmos dados em que se está a avaliar). Assim, para analisar a qualidade das caracterizações de forma mais robusta, reporta-se também os resultados num cenário de validação cruzada (em que cada caso é

Maus-tratos nas relações de intimidade: Aleatoriedade ou prévia (de)limitação da herança parental?

Tabela 20: Resultados da classificação de indivíduos como vítimas ou não-vítimas de violência nas relações de intimidade utilizando o modelo obtido através da análise discriminante *stepwise* (com variáveis do QEP, QE e ITRA).

	Vítima de violência na relação de intimidade?	Previsão		Total
		Sim	Não	
Original	Sim	9 (90,0%)	1 (10,0%)	10
	Não	0 (0,0%)	17 (100,0%)	17
Validação Cruzada	Sim	9 (90,0%)	1 (10,0%)	10
	Não	0 (0,0%)	17 (100,0%)	17

Nota. Precisão original: 96,3% Precisão cruzada: 96,3%

classificado com um modelo obtido através de todos os elementos da amostra tirando esse caso em particular). Curiosamente, os resultados obtidos com validação cruzada são idênticos aos obtidos originalmente, tendo sido classificados corretamente 96,3% dos indivíduos e havendo apenas um caso de erro em toda a amostra correspondente a uma vítima de violência que foi classificada como não sendo vítima.

Adicionalmente, de forma a perceber qual o impacto de remover as pontuações do ITRA no modelo gerado, utilizou-se o mesmo método estatístico apenas com os resultados do QEP e do QE. O modelo produzido foi muito semelhante ao modelo que utilizava o ITRA. Este modelo (c.f. Tabela 21) baseia-se numa função discriminante composta por 4 variáveis do QEP (Dependência/ Incompetência, Fracasso, Autossacrifício e Negatividade/ Vulnerabilidade ao erro) e uma do QE (Subjugação/Falta de Individualização). Tal como a função discriminante que inclui o ITRA, a função discriminante agora descrita explica 100% da variabilidade entre os dois grupos e, segundo o teste do χ^2 discrimina significativamente os grupos de vítimas e não-vítimas nas relações de intimidade uma vez que o valor de significância é tão pequeno que foi arredondado para 0,000 no sistema SPSS.

*Maus-tratos nas relações de intimidade: Aleatoriedade ou prévia (de)limitação da herança parental?***Tabela 21:** Coeficientes da função discriminante obtida através da análise discriminante *stepwise* (com variáveis do QEP e QE).

	Coeficientes nas Funções Discriminantes
QE– Subjugação/Falta de Individualização	1,721
QEP – Dependência/Incompetência	1,177
QEP – Fracasso	1,417
QEP – Autossacrifício	0,973
QEP – Negatividade/Vulnerabilidade ao erro	-2,458

Tabela 22: Correlações entre as pontuações do QEP e QE e o modelo obtido através da análise discriminante *stepwise* (com variáveis do QEP e QE).

Resultado do Instrumento	Correlação	Resultado do Instrumento	Correlação
QE – Abandono/Perda	0,396	QE – Fracasso	0,247
QE – Vulnerabilidade ao mal e à doença	0,270	QE – Defeito/Imperfeição/Desencanto	0,247
QEP – Inibição Emocional	0,262	QEP – Fracasso	0,225
QE – Dependência/Incompetência	0,261	QEP – Dependência/Incompetência	0,219
QE – Subjugação/Falta de individualização	0,260	QE – Desconfiança/Abuso	0,215

A Tabela 22 apresenta as dez correlações mais fortes ordenadas entre as variáveis do QE e do QEP e o modelo obtido. Esta tabela permite assim perceber se há variáveis que não se correlacionam com um modelo que inclui o ITRA mas que se correlacionam com o modelo novo. É interessante verificar que das dez variáveis que mais se correlacionam com o modelo do ITRA apenas quatro se encontram na lista das variáveis que mais se correlacionam com o novo modelo: Inibição Emocional e Fracasso do QEP e Subjugação/Falta de Individualização e Abandono/Perda do QE. Para além destas, observa-se que entre as variáveis que mais se correlacionam com o modelo obtido estão cinco do QE (Vulnerabilidade ao mal e à doença, Dependência/Incompetência, Fracasso, Defeito/Imperfeição/Desencanto e Desconfiança/Abuso) e uma do QEP (Dependência/Incompetência).

Finalmente, na análise da classificação dos indivíduos da amostra com o modelo que não inclui os resultados do ITRA (c.f. Tabela 23), verifica-se que todos os participantes são corretamente classificados como vítima ou não-vítima de violência nas relações de intimidade. Já num cenário de validação cruzada, 96,3% dos indivíduos foram classificados corretamente, havendo apenas um caso de erro em

Maus-tratos nas relações de intimidade: Aleatoriedade ou prévia (de)limitação da herança parental?

Tabela 23: Resultados da classificação de indivíduos como vítimas ou não-vítimas de violência nas relações de intimidade utilizando o modelo obtido através da análise discriminante *stepwise* (com variáveis do QEP e QE).

	Vítima de violência na relação de intimidade?	Previsão		Total
		Sim	Não	
Original	Sim	10 (100,0%)	0 (0%)	10
	Não	0 (0,0%)	17 (100,0%)	17
Validação	Sim	9 (90,0%)	1 (10,0%)	10
Cruzada	Não	0 (0,0%)	17 (100,0%)	17

Nota. Precisão original: 100,0% Precisão cruzada: 96,3%

toda a amostra (ou seja, o mesmo resultado que se obteve com o modelo que inclui os resultados do ITRA).

Os dois modelos estudados foram muito eficazes na classificação de indivíduos como vítimas ou não-vítimas de violência nas relações de intimidade, o que demonstra o impacto dos esquemas parentais, dos esquemas mal-adaptativos precoces e das escolhas amorosas de reparação narcísica que um indivíduo evidencia na sua caracterização como vítima ou não-vítima de violência nas relações de intimidade. Desta forma, pode aceitar-se a validade da Hipótese 7: É possível distinguir entre a caracterização de indivíduos vítimas e não-vítimas de violência nas relações de intimidade através dos esquemas parentais, dos esquemas mal-adaptativos precoces e das escolhas amorosas de reparação narcísica que evidenciam.

5 - Discussão Geral

Fundamentada nas questões do narcisismo numa perspetiva relacional (Stolorow & Atwood, 2004) e, em particular, numa visão funcional (Dare & Holder, 1981; Kernberg, 1974; Stolorow & Lachmann, 1983) associada à coesão e estabilidade da representação do *self* e à manutenção da autoestima, esta investigação procurou compreender de que forma as vulnerabilidades narcísicas da infância se podem perpetuar na idade adulta e desembocar em escolhas amorosas de reparação narcísica que predisponham a parceiros amorosos abusivos/violentos. Para tal, recorreu-se à comparação entre um grupo de vítimas de violência nas relações de intimidade e um grupo de não-vítimas de violência nas relações de intimidade a partir de uma amostra total de 27 participantes.

De forma a obter o resultado mais fidedigno possível considerando o tamanho

reduzido da amostra deste estudo, procedeu-se à utilização de diferentes testes estatísticos que, apesar de fornecerem informações distintas permitem retirar conclusões semelhantes e, portanto, mais robustas sobre o impacto das diversas variáveis na vitimação. Assim, ao longo desta discussão destacaram-se os resultados estatisticamente significativos para os testes *U de Mann-Whitney* de diferença das médias entre vítimas e não-vítimas e a correlação com a vitimação.

Os resultados obtidos nesta investigação apontam que os comportamentos parentais face a indivíduos vítimas e indivíduos não-vítimas de violência nas relações de intimidade parecem condicionar de forma distinta a origem de esquemas durante os períodos da infância e da adolescência. Por outras palavras, parece ser passível de inferir que os ambientes relacionais precoces destes sujeitos diferem bastante entre si. Neste âmbito, os sujeitos vítimas apresentam mais esquemas ativos durante a infância e a adolescência, o que parece remeter para uma maior disfuncionalidade interna e desadaptação social possivelmente originada por traumas precoces decorrentes de falhas narcísicas neste período. Este pressuposto parece ir ao encontro das teorias respeitantes ao narcisismo numa perspetiva relacional e às teorias de formação de esquemas, que defendem que as relações com as figuras cuidadoras são estruturantes para o desenvolvimento do ser humano (Allen, Fonagy & Bateman, 2008; Coderch, 2012). Neste âmbito, as dinâmicas relacionais das vítimas parecem ser pautadas por:

1) subjugação: o indivíduo sujeita-se ao controlo do outro de forma a evitar a raiva, a retaliação ou o abandono que experiencia, o que acarreta um prejuízo ao nível das suas necessidades e emoções. A este nível pode-se depreender que as vítimas de violência nas relações de intimidade possam ter tido pais autoritários nos seus primeiros anos de vida (Moura, 2012) ou, por outro lado, possam ter adoptado um modelo relacional de subjugação por parte de uma das figuras cuidadoras (Coelho, Castilho, & Gouveia, 2010);

2) autossacrifício: o indivíduo, geralmente dotado de grande sentido de empatia (que pode estar associado a alguma situação anterior geradora de sofrimento psicológico, nomeadamente um trauma relacional), atribui primazia ao outro sacrificando a sua satisfação e bem-estar (Paim, Madalena, & Falcke, 2012). Este comportamento pode estar relacionado com a subjugação do indivíduo e expressar-se como resposta ao medo da perda de alguém significativo ou, por outro lado, ao impedimento da dor alheia;

3) defeito/vergonha: o indivíduo sente-se inferior perante os demais e, como tal, pode desenvolver o sentimento de não ser digno de amor (Cardella, 1994). Estas vulnerabilidades narcísicas parecem também estar associadas a uma grande sensibilidade à crítica e à rejeição, o que pode gerar sentimentos de insegurança e provocar comportamentos de inibição perante os outros, em particular devido à sensação percebida de vergonha perante os defeitos do próprio. Este esquema pode estar associado a expectativas irrealistas por parte das figuras cuidadoras ou a experiências de humilhação face à não correspondência afetiva que originam na criança o sentimento de não ser boa o suficiente/de ser incapaz (Rice, Ashby, & Slaney, 1998).

Em termos de domínios, os dois primeiros esquemas referidos remetem para o domínio Orientação para o Outro e o terceiro esquema remete para o domínio Desconexão e Rejeição. A partir do primeiro domínio podemos caracterizar as vítimas de violência nas relações de intimidade como sendo, na infância e na adolescência, indivíduos com um foco exagerado nos desejos e nas respostas do outro suprimindo os seus próprios desejos e necessidades com o propósito de obter a estabilidade emocional (amor e aprovação) que sentem não experienciar das figuras significativas (o indivíduo não é visto por si só) (Trindade, Mossatti, & Mazzoni, 2009; Paim, Madalena, & Falcke, 2012). Este domínio parece estar associado a estilos parentais em que a criança é estimulada a não atribuir importância às suas próprias necessidades e desejos de modo a receber carinho, aprovação e atenção. Neste sentido, os sentimentos da criança são colocados em segundo plano estando o status e a aceitação social em primeiro lugar (Valentini & Alchieri, 2009). Por outro lado, o segundo domínio parece reforçar a ideia de não existir estabilidade emocional, particularmente ao nível da falta de partilha de sentimentos, de cuidado, de segurança, de empatia, de carinho, de aceitação e de respeito (Trindade, Mossatti, & Mazzoni, 2009; Paim, Madalena, & Falcke, 2012). Nesta perspetiva, os estilos parentais remetem para uma família fria, abusadora, explosiva, solitária e imprevisível (Valentini & Alchieri, 2009). Novamente, estes indicadores parecem apontar para um ambiente relacional pobre em afetos e passível de conduzir a traumas emocionais de difícil resolução, que se poderão perpetuar ao longo da vida propiciando a escolha de relações amorosas pouco saudáveis, à semelhança das relações primárias.

Tal como mencionado ao longo desta dissertação, os esquemas parentais podem dar lugar a novos esquemas na idade adulta ou consolidar-se e perpetuar-se

nesta fase devido a sucessivas acomodações patológicas (Young, Klosko, & Weishaar, 2003). Como tal, e de modo a compreender melhor o perfil de vitimação importa analisar a evolução dos mesmos. Tal como na infância e na adolescência, as vítimas na idade adulta tendem a apresentar um número superior de esquemas mal-adaptativos precoces ativos, o que vem corroborar uma tendência para uma maior disfuncionalidade interna (Young, Klosko, & Weishaar, 2003). Nesta perspetiva, os esquemas mal-adaptativos precoces que se evidenciam nas vítimas são os seguintes:

- 1) subjugação/falta de individuação: é importante notar a repetição da presença do esquema na idade adulta que, não só revela uma rigidificação em termos funcionais, como também parece novamente apontar para uma repressão ao nível da espontaneidade do indivíduo (dos seus desejos e necessidades) numa óptica de anulação de si próprio face ao outro, numa permanente submissão a este. Esta fragilidade que o indivíduo apresenta ao nível da sua autoestima pode propiciar a sua vitimização ao nível das relações amorosas uma vez que tenderá mais facilmente a ser controlado pelo outro e oferecer menor resistência ao longo deste processo (Mateus, 2015).
- 2) culpa/sanção: o indivíduo apresenta uma predisposição para se focar nos aspetos negativos da sua vida, menosprezando os aspetos positivos. A perda, a culpa, o ressentimento, os erros cometidos, as desilusões, entre outros, vão-se apoderando do seu pensamento (Fonseca, Ribeiro, & Leal, 2012). Nesta perspetiva, o desânimo aprendido e o receio de cometer novos erros tornam difícil a quebra de sentimentos nocivos e dão lugar a uma persistente vigilância e a uma constante preocupação numa tentativa de evitamento das suas angústias internas. No que diz respeito à vitimação, este esquema pode contribuir para uma aceitação da violência (Mateus, 2015; Paim, Madalena, & Falcke, 2012) pois todo o descontentamento revelado pode levar a que o indivíduo inconscientemente escolha um padrão relacional que evidencie algo que lhe é familiar, isto é, que provoque os sentimentos negativos e, nessa medida, a escolha de relações amorosas abusivas pode funcionar como uma forma do indivíduo confirmar a partir da experiência as suas crenças.

Relativamente aos domínios, o esquema maladaptativo precoce subjugação/falta de individuação aponta novamente para o domínio Orientação para

o Outro. Os resultados desta investigação indicam que na idade adulta as vítimas tendem a descentralizar-se de si próprias colocando-se à mercê do outro, de forma semelhante ao que ocorria na infância e na adolescência minimizando, assim, os seus desejos e necessidades de modo a agradá-lo pois, na sua óptica, a perda deste seria insuportável para o seu frágil *Self* (o qual nunca dispôs de espaço para se desenvolver adequadamente). Desta forma, o indivíduo não se mostra e vai consolidando um falso *Self* progressivamente mais emergente, omitindo a sua verdadeira essência e, como tal, o outro não o vê nem o considera (Manzini-Covre, 2001). Neste sentido, o indivíduo seria somente um reflexo do outro e qualquer desvio face a este seria considerado como algo a ser eliminado/banido, o que iria acentuar a repressão já existente. O segundo domínio que se destaca nesta investigação no período da idade adulta é a Hipervigilância e Inibição, que diz respeito ao bloqueio de sentimentos, emoções, impulsos e escolhas pessoais, e criação de expectativas e regras sobre o comportamento a adoptar (Trindade, Mossatti, & Mazzoni, 2009). Este domínio parece corroborar as ideias anteriormente descritas na medida em que seria necessário um grande esforço emocional e um permanente estado de alerta para fazer face às necessidades constantes de atender ao outro (Paim, Madalena, & Falcke, 2012). Por outro lado, a culpa/sanção experienciada seria o resultado da anulação do verdadeiro *self* do indivíduo que, pelos seus mecanismos internos de rigidificação, se vê impossibilitado de alterar o funcionamento mental e relacional que lhe é familiar.

O ser humano encontra-se biologicamente programado para se relacionar com o outro e emocionalmente sente a necessidade de amar e ser amado. Neste âmbito, o tipo de relacionamento amoroso escolhido tenderá a ser influenciado pelos esquemas parentais e pelos esquemas mal-adaptativos precoces. Os resultados desta investigação apontam para uma tendência para as mulheres vítimas de violência nas relações de intimidade enveredarem fundamentalmente por escolhas do tipo eufórico-idealizante ou evitante-desnarcisante (consultar Anexo XIX). De facto, o tipo submisso-idealizador, que seria o expectável de ser mais relevante teoricamente devido ao comportamento de submissão ao outro e à idealização excessiva das qualidades deste em detrimento da valorização do próprio não revela, na prática, diferenças significativas entre mulheres vítimas e mulheres não-vítimas de violência nas relações de intimidade ao contrário do que acontece nos dois tipos de relacionamento amoroso referidos anteriormente.

Maus-tratos nas relações de intimidade: Aleatoriedade ou prévia (de)limitação da herança parental?

Relativamente ao tipo de relacionamento amoroso eufórico-idealizante, nenhum participante (vítima e não-vítima) apresentou uma pontuação suficiente para que o tipo de relacionamento amoroso em questão se considere ativo. No entanto, observando as pontuações dos indivíduos e verificando que, por um lado, existem diferenças estatisticamente significativas entre vítimas e não-vítimas nas mesmas e considerando, por outro, que existe uma correlação estatisticamente significativa entre esta pontuação e a vitimação, compreende-se a importância deste tipo de relacionamento para a vitimação.

Nos relacionamentos do tipo eufórico-idealizante o indivíduo procura constantemente captar a admiração e o desejo do outro numa tentativa de compensar os sentimentos de valor diminuído associados a uma baixa autoestima e, simultaneamente, de evitar a rejeição do outro. Estes indivíduos experienciam uma grande angústia de desamparo e, como tal, quando não vêm satisfeitas as suas necessidades de amor, tornam-se agressivos de modo a provocar no outro os sentimentos de abandono outrora experienciados com as figuras primárias (Mesquita, 2011). Este comportamento traduz-se ilusoriamente numa elevação da autoestima, uma vez que o outro passa a ser o mau objeto. Isto significa que, perante um parceiro agressivo e incapaz de prover uma relação saudável, algumas vítimas poderão tender a apresentar comportamentos também agressivos originando um padrão mútuo de violência (sobretudo a nível psicológico) que, por sua vez, poderá agravar a resposta agressiva do parceiro. Considerando o ciclo de violência nas relações de intimidade (Walker, 1979), pode-se explicar esta alternância entre o bom e o mau objeto nas fases de lua-de-mel⁴, e tensão máxima⁵, respetivamente. Por outro lado, a fase da construção da tensão⁶ seria uma fase intermédia em que o outro seria desculpabilizado pelos seus atos violentos numa tentativa de evitar a perda do bom objeto. Esta explicação parece também fazer sentido para o tipo de relacionamento evitante-desnarcisante, sendo que este tipo de indivíduos se encontra ainda mais fragilizado do que os do tipo eufórico-idealizante e, como tal, o ataque ao outro seria uma resposta de descarga de angústia interna, uma passagem ao ato não elaborada que pode resultar em padrões de violência mútuos agravados, caracterizados potencialmente por violência física, uma vez que existe uma maior desorganização interna e um menor controlo ao nível dos impulsos.

⁴ **Lua-de-mel:** fase de reestruturação do relacionamento na qual ficam evidentes o arrependimento, o desejo de mudança, a promessa de não repetição do ato violento e o restabelecimento da relação conjugal.

⁵ **Tensão Máxima:** perda do controle sobre a situação e agressões levadas ao extremo

⁶ **Construção da Tensão:** início de pequenos incidentes, ainda considerados como se estivessem sob controle e aceites racionalmente.

Em suma, e de uma forma geral, os resultados obtidos parecem apontar para duas teorias distintas: **1)** a existência de respostas agressivas perante o comportamento do agressor; **2)** a possibilidade de após o primeiro acontecimento de vitimação ter existido uma mudança no modo como o indivíduo se relaciona amorosamente existindo uma tendência progressiva para uma maior hostilidade face ao parceiro amoroso devido às experiências negativas passadas. Assim, a questão que se coloca é a seguinte: Até que ponto estando um indivíduo numa situação limite não descarrega as suas angústias no outro de forma também ela agressiva? O que se defende nesta dissertação é que as vítimas de violência nas relações de intimidade parecem reagir às diversas formas de violência de modo instintivo e não elaborado, pois o que se encontra em causa é a sobrevivência do seu *self*, não só físico (*self* corporal) mas também psicológico. Nesta linha de pensamento importa mencionar Scharff (2008), que afirma o seguinte: “violence is a defensive attempt to maintain cohesion, identity, and self-esteem” (p. 23). Adicionalmente, a alternância entre o bom e o mau objeto pode explicar a dificuldade em abandonar a relação abusiva e, simultaneamente, em quebrar o padrão de vitimação pois o outro não é considerado como totalmente mau.

A questão dos padrões mútuos de violência torna-se particularmente pertinente tendo em conta que a percentagem de homens que apresenta queixa-crime por motivo de violência nas relações de intimidade e a percentagem de homens que recorre a serviços de apoio à vítima ser extremamente reduzida na proporção com a percentagem de mulheres (Steinmetz, 1977-1978). Adicionalmente a violência para com os homens é muitas vezes considerada a partir do momento em que existe violência física por ser a forma mais visível de agressão. Contudo, seria interessante ter acesso à percentagem de homens que se consideram como vítimas de violência nas relações de intimidade tendo por base somente a violência emocional e psicológica, e o isolamento social, por exemplo. Neste sentido, uma possível justificação para estes resultados parece apontar que se dois indivíduos forem narcisicamente vulneráveis (Brown, 2004) e se encontrarem numa relação, a sua conjugação poderá predispor a uma maior tendência para a agressividade, assumindo um uma posição de superioridade e controlo, e outro uma posição de submissão com tendência a respostas agressivas de sobrevivência. Esta teoria parece ser corroborada pelo estudo de Baumeister, Bushman, e Campbell (2000, p. 26) que afirmam: “*the link between self-regard and aggression is best captured by the theory of threatened egotism, which depicts aggression as a means of defending a*

highly favorable view of self against someone who seeks to undermine or discredit that view”.

As relações humanas afetam e moldam o ser humano, sobretudo as relações com as figuras primárias e com os parceiros amorosos, pois estas tendem a ser as mais significativas na vida de um indivíduo, uma vez que são dotadas de maior intimidade. Assim, parece plausível aceitar-se que as relações amorosas abusivas possam afetar de forma significativa o modo como o indivíduo encara as dinâmicas relacionais de cariz amoroso, particularmente as relações vindouras após uma situação traumática. Neste sentido, considerando que os resultados do ITRA dizem respeito ao momento presente e, portanto, às consequências da relação abusiva, e não ao momento pré-vitimação, pode-se afirmar que as novas relações amorosas das vítimas poderão tender para a existência de uma menor tolerância e de maior reatividade face a um novo parceiro amoroso como forma de evitar uma nova retraumatização, o que explicaria os funcionamentos relacionais mais patológicos e sobretudo evitantes. Nesta perspetiva, pode-se declarar que parece existir uma propagação da violência (ainda que de forma menos vincada), uma traumatização persistente após a vitimação que poderá levar a uma alteração em termos das dinâmicas relacionais e, desta forma, a diferentes tipos de relacionamento amoroso defendidos no ITRA progressivamente mais patológicos e disfuncionais.

Um último objetivo desta dissertação visa perceber de que forma se podem caracterizar vítimas e não-vítimas de violência nas relações de intimidade com base nos esquemas parentais, nos esquemas mal-adaptativos precoces e nos tipos de relacionamento amoroso de reparação narcísica evidenciados. Posto isto, criou-se um modelo estatístico para distinguir entre a caracterização de vítimas e não-vítimas com base nas pontuações dos participantes no QEP, no QE e no ITRA. Note-se que este modelo tende a escolher um conjunto pequeno de variáveis que não se encontram muito correlacionadas entre si mas que, em conjunto, se correlacionam com a vitimação. Desta forma, o modelo obtido baseia-se em quatro variáveis do QEP, uma do QE, e uma do ITRA, o que confirma a influência das relações parentais na formação e modelação da personalidade e consequente escolha de parceiros abusivos. Adicionalmente, os resultados obtidos na classificação de indivíduos como vítimas ou não-vítimas de violência nas relações de intimidade revelaram-se muito precisos com uma taxa de acerto de 96,3%, o que demonstra o papel crucial dos esquemas parentais, dos esquemas mal-adaptativos precoces e dos tipos de relacionamento amoroso de reparação narcísica na caracterização da vitimação.

Considerando a elevada correlação entre as variáveis do ITRA e a vitimação, e os resultados inesperados ao nível dos tipos de relacionamento amoroso de reparação narcísica por se encontrarem associados a um maior grau de patologia, hipotetizou-se que uma possível justificação será a alteração ao nível das dinâmicas relacionais de cariz amoroso durante e após o período de vitimação. Assumindo esta hipótese, poderá não ser válida a utilização do ITRA como preditor de vitimação, uma vez que os resultados obtidos refletem as dinâmicas relacionais após a vitimação (tal como mencionado anteriormente). Como tal, criou-se um segundo modelo para compreender se é possível distinguir entre a caracterização de vítimas e não-vítimas com base nas pontuações dos participantes no QEP e no QE. Curiosamente, não existe uma grande discrepância entre os resultados obtidos neste modelo relativamente ao anterior. À semelhança do que ocorreu no primeiro modelo foram também escolhidas quatro variáveis do QEP e uma do QE, voltando a evidenciar-se a importância das relações com os cuidadores enquanto (de)limitadoras das escolhas amorosas abusivas na idade adulta. Apesar de não se ter recorrido ao ITRA, a qualidade das previsões mantém-se igual (96,3%), o que poderá revelar que as pontuações para os esquemas parentais e para os esquemas mal-adaptativos precoces por si só são suficientes para distinguir entre a caracterização de vítimas e não-vítimas de violência nas relações de intimidade.

6 - Limitações do estudo

Os resultados obtidos na presente investigação e a consequente discussão de resultados deverão ser sempre analisados considerando as seguintes limitações:

1) ao nível da recolha da amostra de participantes:

A grande dificuldade de recolha de participantes do género masculino pelo reduzido número de casos de violência nas relações de intimidade denunciados constituiu-se, desde o início, como um fator de exclusão para este estudo; o mesmo sucedeu ao nível da orientação sexual das vítimas de violências nas relações de intimidade tendo-se decidido investigar apenas as vítimas de orientação heterossexual. Todavia, considera-se que seria pertinente analisar os casos referidos, uma vez que poderão fornecer uma perspetiva mais abrangente sobre a problemática em questão. Ainda relativamente à amostra destaca-se como a maior dificuldade deste estudo a recolha de participantes do género feminino que tenham sido em algum momento da sua vida vítimas de violência nas relações de intimidade, uma vez que a temática da vitimação é, por um lado, considerada ainda nos dias de

hoje como um motivo de vergonha ou de culpabilidade e, por outro, pelo facto de as vítimas nem sempre se encontrarem capazes de abordar este tema particularmente sensível devido às dolorosas memórias que o mesmo desperta e com as quais podem não se sentir preparadas para lidar. Adicionalmente importa referir que ao longo deste trabalho foram contactadas algumas associações de proteção a vítima com o objetivo de pedir o apoio na recolha da amostra através da divulgação dos questionários. Lamentavelmente, nenhuma destas associações se mostrou particularmente disponível para ajudar, apesar do impacto positivo que este estudo poderá ter na investigação da vitimação. Esta dificuldade na recolha da amostra refletiu-se, assim, numa amostra não representativa da população portuguesa, visto que os participantes apresentam na sua generalidade um elevado grau de escolaridade, uma relação durante toda a vida, uma grande percentagem de casamentos e, igualmente, uma elevada satisfação com a relação atual.

2) ao nível dos instrumentos aplicados:

A extensa dimensão dos três instrumentos aplicados levou à desistência da grande maioria dos participantes dispostos a colaborar nesta investigação (80.4%), tendo muitos deles preenchido apenas um ou dois dos instrumentos fornecidos, motivo pelo qual parte da amostra recolhida teve de ser invalidada. Por outro lado, deve-se destacar que o QEP, por ter sido o último instrumento aplicado, pode não fornecer respostas tão precisas como o ITRA e o QE, dado que o factor cansaço deve ser ponderado.

Conclusões e direções futuras

Alguns trabalhos científicos remetem para uma relação entre as experiências na infância decorrentes das relações parentais e as escolhas amorosas prejudiciais na vida adulta (Boscardin & Kristensen, 2011). Contudo, este é um tema com muitas questões em aberto que constituem hoje um desafio para a comunidade científica. Adicionalmente, se considerarmos a violência nas relações de intimidade surgem questões e desafios adicionais que podem ser alvo de investigação. Posto isto, este estudo pretendeu apurar de que forma as experiências da infância (nomeadamente a interpretação que o sujeito realiza face aos cuidados das figuras significativas que se encontram na origem dos esquemas parentais), os esquemas mal-adaptativos precoces (que consistem em modelos relacionais internos que se vão firmando e consolidando na idade adulta) e, as escolhas amorosas de reparação narcísica que o sujeito tende a estabelecer, influenciam a escolha de parceiros violentos / abusivos. Para tal, recorreu-se a um grupo de vítimas de violência nas relações de intimidade e a um grupo de não-vítimas de violência nas relações de intimidade de modo a determinar se existiam diferenças estatisticamente significativas entre ambos os grupos.

Os resultados desta investigação apontam para a existência de diferenças significativas entre vítimas e não-vítimas no que respeita à interpretação de experiências da infância e conseqüente formação de esquemas parentais, à atribuição de significado a eventos de vida e conseqüente perpetuação ou modificação de esquemas mal-adaptativos precoces e, às escolhas amorosas de reparação narcísica. Neste sentido, destacam-se diferenças ao nível: **1)** dos esquemas parentais subjugação, autossacrifício e defeito/vergonha; **2)** dos esquemas mal-adaptativos precoces subjugação/falta de individuação e culpa/sanção e; **3)** das escolhas amorosas de reparação narcísica com tendência para escolhas do tipo eufórico-idealizante e evitante-desnarcisante. Adicionalmente, demonstrou-se que estes factores podem ser determinantes na caracterização de indivíduos como vítimas ou não-vítimas de violência nas relações de intimidade. Com efeito, ao utilizar variáveis baseadas nas pontuações dos indivíduos relativas aos esquemas parentais, aos esquemas mal-adaptativos precoces e aos tipos de relacionamento amoroso de reparação narcísica, criou-se um modelo que determina com grande precisão se um indivíduo pode ter sido em algum momento da sua vida vítima de violência nas relações de intimidade.

Relativamente às implicações teóricas, esta investigação poderá contribuir para um melhor entendimento da problemática da vitimação, abrindo caminho a possíveis estudos. Assim, como sugestão para investigações futuras destaca-se: **1)** a replicação deste estudo com uma amostra de maiores dimensões, de preferência incluindo o género masculino e indivíduos de orientação homossexual; **2)** a realização de entrevistas de modo a obter informação de cariz qualitativo que possa complementar os resultados quantitativos apurados; **3)** a aplicação dos instrumentos em dois momentos distintos, um numa fase de pré-vitimação (no início da adolescência) e outra numa fase de pós-vitimação (em meados da idade adulta) de forma a obter informação mais precisa sobre as possíveis diferenças entre estes períodos após a vivência de uma situação ou mais de vitimação (particularmente ao nível do ITRA, ao qual estão subjacentes os diversos funcionamentos mentais e relacionais não-saudáveis); **4)** a utilização de análises discriminantes com vários subconjuntos dos instrumentos utilizados de forma a determinar um conjunto mínimo de itens necessário para apresentar aos participantes, de forma a caracterizá-los de acordo com a vitimação; e **5)** a replicação do estudo com agressores, de modo a determinar se existem diferenças significativas entre vítimas e agressores ao nível da vulnerabilidade narcísica.

No que diz respeito às implicações práticas, a presente investigação fornece indicações para melhorar o foco dos modelos de intervenção ao nível da vitimação, permitindo aos profissionais desta área direcionarem o seu trabalho para os comportamentos e experiências de vida que parecem ser mais significativos à ocorrência de vitimação de modo a tornar os indivíduos menos susceptíveis à mesma, procurando alterar o que está na base da vitimação e não apenas a situação presente do indivíduo. Por outro lado, este estudo permite determinar qual a população mais propensa a experienciar vitimação com base nos esquemas parentais, nos esquemas mal-adaptativos precoces, e na tendência para tipos de relacionamento amoroso de reparação narcísica que se determinaram ser relevantes para esta problemática. Desta forma, será possível prevenir com alguma precisão que a vitimação ocorra pela primeira vez podendo reencaminhar o indivíduo de acordo com o que se julgue necessário para que trabalhe os seus conflitos internos e altere a propensão para relações amorosas abusivas.

Bibliografia

- Abbott, J., Johnson, R., Koziol-McLain, J., & Lowenstein, S. R. (1995). Domestic violence against women: incidence and prevalence in an emergency department population. *Jama*, 273(22), 1763-1767.
- Allen, J., Fonagy, P. y Bateman, A. (2008). *Mentalizing in Clinical Practice*. Washington, D. C.: American Psychiatric Publishing.
- Antunes, M. A. F. (2002). Violência e vítimas em contexto doméstico. In C. Machado & R. A. Gonçalves (Ed.), *Violência e vítimas de crimes, I: Adultos*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Araújo, H. (2013). Violência nas relações de namoro: das motivações inerentes ao comportamento abusivo. In Porto: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Fernando Pessoa. Barroso, Zélia (2008), "Violência nas Relações Amorosas", *Atas-VI Congresso Português de Sociologia* (pp. 2-11).
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). Estatísticas APAV: relatório anual 2012. Consultado a 18 de Dezembro de 2013 através de http://apav.pt/apav_v2/images/pdf/Estatisticas_APAV_Totais_Nacionais_2012.pdf
- Bachman, R., & Saltzman, L. E. (1994). *Violence against women (n.º 81)*. Washington, DC: US Department of Justice, Office of Justice Programs, Bureau of Justice Statistics.
- Baker, J. A. (1998). Are we missing the forest for the trees? Considering the social context of school violence. *Journal of School psychology*, 36(1), 29-44.
- Banai, E., Mikulincer, M., & Phillip R. S. (2005). Selfobject Needs in Kohut's Self Psychology: Links With Attachment, Self-Cohesion, Affect Regulation, and Adjustment. *Psychoanalytic Psychology*, 22 (2), 224-260.
- Baumeister, R. F., Bushman, B. J., & Campbell, W. K. (2000). Self-Esteem, Narcissism, and Aggression: Does Violence Result From Low Self-Esteem or From Threatened Egotism?. *Current Directions in Psychological Science*, 9(1), 26-29.
- Bergeret, J. (1974). *La personnalité normale et pathologique*. Paris: Dunod.
- Brandchaft, B. (2007). Systems of pathological accommodation and change in analysis. *Psychoanalytic Psychology*, 24(4), 667.
- Brandchaft, B., Doctors, S. y Sorter, D., (2010). *Toward an Emancipatory Psychoanalysis*. Nueva York: Routledge.
- Brown, J. A. C. (2004). Shame and domestic violence: treatment perspectives for perpetrators from self psychology and affect theory. *Sexual and Relationship Therapy*, 19(1), 39-56.

- Bion, W. R. (1962). A Theory of Thinking. *International Journal of Psycho-Analysis*, 43, 306-310.
- Bufacchi, V. (2005). Two concepts of violence. *Political Studies Review*, 3(2), 193-204.
- Cardella, B. H. P. (1994). *O amor na relação terapêutica*. Summus Editorial.
- Caridade, S. (2008). *Violência nas relações de intimidade: comportamentos e atitudes dos jovens*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade do Minho, Braga.
- Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, 24(4), 485-493.
- Caridade, S., & Machado, C. (2008). Violência sexual no namoro: relevância da prevenção. *Psicologia*, 22(1), 77-104.
- Chronister, K., Wettersten, K. & Brown, C. (2004). Vocational Research for the Liberation of Battered Women. *The Counseling Psychologist*, 32(6), 900-922. DOI: 10.1177/0011000004269300
- Coderch, J. (2012). Identidade, Contexto y Mentalización. *Clínica e Investigación Relacional*, 6(2), 218-234.
- Coderch de Sans, J. (2013). Los Traumatismos Emocionales en la Infancia y Adolescencia y la Necesidade de Amor. *Clínica e Investigación Relacional*, 7(2), 338-447.
- Coelho, S. A., Castilho, P., & Gouveia, J. P. (2010). Recordação de experiências de ameaça e subordinação na infância, auto-criticismo, vergonha e submissão: a sua contribuição para a depressão em estudantes universitários. *Psychologica*, 52(2), 449-474.
- Coimbra de Matos, A. (1997). Narcisismo e depressão. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 13, 19-25.
- Cunha, T. R. A. (2010). Violência conjugal: os ricos também batem. In: Rita Radl Philipp. (Org.). *Investigaciones actuales de las mujeres y del género*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 163-176.
- Damásio, A. (2011). *O erro de Descartes: emoção, razão e cérebro humano*. Temas e Debates: Editora.
- Dare, C., & Holder, A. (1981). Developmental aspects of the interaction between narcissism, Self-esteem and object relations. *The International Journal of Psycho-Analysis*, 62, 323-337.
- Decreto Lei n.º59/2007 de 4 de Setembro, Art. 152º. Diário da República nº 170/2007 – 1ª. Série. Ministério da Justiça. Lisboa. Consultado em 10 de Janeiro de 2014 através de <http://dre.pt/pdf1s/2007/09/17000/0618106258.pdf>

- Doctors, S. R. (2011). Liberando a los pacientes de los residuos de traumas relacionales: la búsqueda de Brandchaft. *Clínica e Investigación Relacional*, 5(3), 517-523.
- Emery, R.E. & Laumann-Billings, L. (1998). An overview of the nature, causes, and consequences of abuse family relationships: Toward differentiating maltreatment and violence. *American Psychologist*, 53, 121-135.
- Fantuzzo, J., Boruch, R., Beriama, A., Atkins, M., & Marcus, S. (1997). Domestic violence and children: Prevalence and risk in five major US cities. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 36(1), 116-122.
- Fernandes, F. (2002). *A mulher vítima de violência conjugal*. Dissertação de Mestrado em Psiquiatria e Saúde Mental, apresentada à Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, Porto.
- Ferreira, C., & Matos, M. (2013). Violência doméstica e stalking pós-rutura: dinâmicas, coping e impacto psicossocial na vítima. *Psicologia*, 27(2), 81-106.
- Figueiredo, C. (1913). *Novo dicionário da língua portuguesa*. Biblioteca Nacional de Portugal.
- Fonagy, P. (2006). The mentalization-focused approach to social development. In J. Allen & P. Fonagy (Ed.), *Handbook of Mentalization-based Treatment*, 53-100. Chichester: John Wiley & Sons Ltd.
- Fonseca, D. H., Ribeiro, C. G., & Leal, N. S. B. (2012). Violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais. *Psicologia & Sociedade*, 24(2), 307-314.
- Fosshage, J. L. (2005). The explicit and implicit domains in psychoanalytic change. *Psychoanalytic Inquiry*, 25(4), 516-539.
- Freud, S. (1913). *Totem e tabu*. Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XIII, 13-194. Rio de Janeiro: Ímago Editora.
- Freud, S. (1914). *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XIV, 83-19. Rio de Janeiro: Ímago Editora.
- Freud, S. (1950). Projeto para uma Psicologia Científica. In S. Freud, Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. I, 381-517). Ímago: Rio de Janeiro.
- Freud, S. (1976). A interpretação dos sonhos. In S. Freud, Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vols. 4-5). Ímago: Rio de Janeiro.
- Gear, M.; Hill, M. & Liendo, E. (1981). *Working Trough Narcissism: Treating its Sado-masochistic Structure*. NewYork : Jason Aronson.

- Gelles, R. J. (1972). *The violent home: A study of physical aggression between husbands and wives*. Beverly Hills, CA: Sage Publications, Inc.
- Gelles, R. J. (1987). *Family violence*. Newbury Park, CA: Sage Publications, Inc.
- Green, A. (1979). L'angoisse et le narcissisme. *Revue française de psychanalyse*, 43(1), 45-87.
- Hamby, S. L. (1998). *Partner violence: Prevention and intervention*. Sage Publications, Inc.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of personality and social psychology*, 52(3), 511.
- Heise, L. L. (1998). Violence against women: an integrated, ecological framework. *Violence against women*, 4(3), 262-290.
- Hollander, N. (1999). *Psicoanálisis, estúdios feministas y género*. Trabajo presentado en el Foro de Psicoanálisis y Género, Buenos Aires. Consultado em 21 de Janeiro de 2014 através de <http://www.psicomundo.com/foros/genero/ddhh.htm>
- Holt, S., Buckley, H., & Whelan, S. (2008). The impact of exposure to domestic violence on children and young people: A review of the literature. *Child abuse & neglect*, 32(8), 797-810.
- Holden, G. W. (2003). Children exposed to domestic violence and child abuse: Terminology and taxonomy. *Clinical child and family psychology review*, 6(3), 151-160.
- Jacobson, E. (1964). *The Self and the object world*. London: the Hogarth Press.
- Jewkes, R. (2002). Intimate partner violence: causes and prevention. *The lancet*, 359(9315), 1423-1429.
- Kernberg, O. F. (1974). Further contributions to the treatment of narcissistic personalities. *The International Journal of Psycho-Analysis*, 55, 215-241.
- Kernberg, O. F. (1975). *Borderline Conditions and Pathological Narcissism*. Jason Aronson: NewYork.
- Kernberg, O. F. (1995). *Psicopatologia das relações amorosas*. Artes Médicas Editora.
- Kohut, H. (1971). *The Analysis of the Self*. University of Chicago Press.
- Krantz, G., & Garcia-Moreno, C. (2005). Violence against women. *Journal of epidemiology and community health*, 59(10), 818-821.
- Lyons, A. (1993). Husbands and wives: the mysterious choice. Psychotherapy with Couples. In S. Ruzsyczynski (Ed.), *Psychotherapy with couples*, 44-55. London: Karnac.
- Lyons-Ruth, K., Bruschiweiler-Stern, N., Harrison, A. M., Morgan, A. C., Nahum, J. P., Sander, L., Stern, D., & Tronick, E. Z. (1998). Implicit relational knowing: its role in

- development and psychoanalytic treatment. *Infant Mental Health Journal*, 19(3), 282-289.
- Loewald, H. W. (1951). Ego and reality. *The International Journal of Psycho-Analysis*, 32, 10-18.
- Mahler, M. S. (1967). On human symbiosis and the vicissitudes of individuation. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 15, 740-763.
- Manita, C., Ribeiro, C, & Peixoto, C. (2009). Violência Doméstica: compreender para intervir (guia de boas práticas para profissionais de instituições de apoio a vítimas). *Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género*. Coleção Violência de Género: Lisboa.
- Manzano, J.; Espaza, F. P.& Zilkha, N. (1999). The Narcissistic Scenarios of Parenthood. *International Journal of Psycho-Analysis*, 80(3), 465-476.
- Manzini-Covre, M. (2001) Tempo de ser: do viver submisso ao rumo do viver criativo. *Pulsional Revista de Psicanálise*, 14(143), 29-34.
- Marôco, J. (2011). *Análise Estatística com a utilização do SPSS* (5.ª Edição). Lisboa: Report Number.
- Mateus, A. (2015). *Representações Sociais de Mulheres sobre Violência Contra a Mulher nas Relações Conjugais na cidade de Maputo, Moçambique* (Mestrado). Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília.
- Martínez Ibáñez, J.J. (2012a). Una aportación clínica al concepto de angustia de crecimiento. *Clínica e Investigación Relacional*, Vol. 6(2), 235-246. [ISSN 1988-2939]
- Martínez Ibáñez, J.J. (2012b). Repensando el concepto de angustia. Una revisión del concepto de angustia a través del psicoanálisis relacional. *Clínica e Investigación Relacional*, 6(2), 258-271. [ISSN 1988-2939]
- Miller, A. (1979). Depression and grandiosity as related forms of narcissistic disturbances. *International Review of Psycho-Analysis*, 6, 61-76.
- Matos, M. (2006). *Violência nas relações de intimidade: Estudo sobre a mudança psicoterapêutica na mulher*. Tese de Doutoramento em Psicologia da Justiça apresentada à Universidade do Minho, Minho.
- Matos, M., Conde, R., & Peixoto, J. (2013). Vitimação múltipla feminina ao longo da vida: uma revisão sistemática da literatura. *Psicologia & Sociedade*, 25(3), 602-611.
- Mesquita, I. (2011). *Disfarces de Amor: Um Estudo sobre Relacionamentos Amorosos e Vulnerabilidade Narcísica*. Dissertação de Doutoramento em Psicologia Clínica apresentada à Universidade de Évora, Évora.

- Modell, A. H. (1975). A narcissistic defence against affects and the illusion of Self-sufficiency. *The International Journal of Psycho-Analysis*, 56, 275-282.
- Moore, L., & Wesa, K. (1997). Domestic Violence. *Elsevier Science Inc.*, 4(6), 257-260. Consultado em 6 de Março de 2014 através de <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1068607X97001091>
- Moura, G. A. (2012). *Violência no namoro e estilos parentais na adolescência: Compreensão das atitudes face à violência nas relações de namoro em adolescentes e a relação com a sua percepção dos estilos parentais* (Mestrado). ISPA-Instituto Universitário das Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida.
- Muehlenhard, C. L., & Kimes, L. A. (1999). The Social Construction of Violence: The Case of Sexual and Domestic Violence. *Personality and Social Psychology Review*, 3(3), 234-245.
- Oliveira, M., & Sani, A. I. (2009). A intergeracionalidade da violência nas relações de namoro. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, 162-170. Edições Universidade Fernando Pessoa: Porto. Consultado em 12 de Fevereiro de 2014 através de http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1325/1/162-170_FCHS06-6.pdf
- Paim, K., Madalena, M., & Falcke, D. (2012). Esquemas iniciais desadaptativos na violência conjugal. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 8(1), 31-39.
- Pais, M. (1994). *Violência Contra as Mulheres*. Seminário organizado em 18 de Março de 1994 pela Universidade Católica, Lisboa.
- Parkin, A. (1985): Narcissism; Its Structures, Systems and Affects. *The International Journal of Psychoanalysis*, 66, 143-156.
- Person, E. S. (2007). *Dreams of love and fateful encounters: The power of romantic passion*. American Psychiatric Publications.
- Pinto-Gouveia, J., Castilho, P., Galhardo, A., & Cunha, M. (2006). Early maladaptive schemas and social phobia. *Cognitive Therapy and Research*, 30(5), 571-584.
- Portaria n.º 100/2010 de 17 de Dezembro. Diário da República n.º 243 – 1.ª série. Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género. IV Plano Nacional Contra a Violência Doméstica (2011-2013).
- Portaria n.º 258/2011 de 20 de Abril. Diário da República n.º 78 – 2.ª série. Código Deontológico da Ordem dos Psicólogos Portugueses.
- Pulver, S. (1970,1986). Narcissism: The term and concept. In *Morrison, P. (Ed.) Essential papers on narcissism, 91-111*. New York University Press: NY and London.

- Raj, A., & Silverman, J. (2002). Violence against immigrant women the roles of culture, context, and legal immigrant status on intimate partner violence. *Violence against women, 8(3)*, 367-398.
- Rank, O. (1941). *Beyond Psychology*. New York: Dover Books.
- Rice, K. G., Ashby, J. S., & Slaney, R. B. (1998). Self-esteem as a mediator between perfectionism and depression: A structural equations analysis. *Journal of counseling psychology, 45(3)*, 304.
- Rijo, D. (2000). Avaliação de esquemas precoces mal-adaptativos e psicopatologia: exploração de diferentes metodologias de avaliação (Mestrado). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Rodríguez Sutil, C. (2010). Reseña de la obra de Joan Coderch: La Práctica de la Psicoterapia Relacional. *Clínica e Investigación Relacional, 5(1)*, 188-206.
- Rothstein, A. (1979). An Exploration of the Diagnostic Term "Narcissistic Personality Disorder". *Journal of the American Psychoanalytic Association, 27*, 893-912.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise* (Vera Ribeiro, trad., supervisão da edição brasileira Marco Coutinho Jorge). Zahar: Rio de Janeiro.
- Ruiz, J., & Mattioli, O. (2004). Violência psicológica e violência doméstica. In Araújo, M., & Mattioli, O. (Orgs.). *Gênero e Violência, 111-143*. São Paulo: Editora Arte e Ciência.
- Sani, A. (2006). Vitimação indirecta de crianças em contexto familiar. *Análise Social, XLI(180)*, 849-864.
- Sani, A. (2008). Mulher e mãe no contexto de violência doméstica. *Ex æquo, 18*, 123-133.
- Sassenfeld, A. (2011). Afecto, vínculo y desarrollo del Self. *Clínica e Investigación Relacional, 5(2)*, 261-294.
- Scharff, J. S. (2008). Effects of Violence on Intimate Relationships. *Revista Internacional de Psicoanálisis de Pareja y Familia, 2*, 22-30.
- Schore, A. (2003). *Affect Dysregulation and Disorders of the Self*. New York: W. W. Norton.
- Schore, A. N. (2009). Relational trauma and the developing right brain. *Annals of the New York Academy of Sciences, 1159(1)*, 189-203.
- Seligman, S. (2011). Anclando los Modelos Intersubjetivos en los Avances Recientes de la Psicología del Desarrollo, la Neurociencia Cognitiva y los Estudios sobre Parentalidad: Introducción a los Trabajos de Trevarthen, Gallese, y Ammaniti y Trentini. *Clínica e Investigación Relacional, 5(1)*, 11-16.
- Sokoloff, N. J., & Dupont, I. (2005). Domestic violence at the intersections of race, class, and gender challenges and contributions to understanding violence against marginalized women in diverse communities. *Violence against women, 11(1)*, 38-64.

- Solan, R. (1999). The Interaction between Self and Others: A Different Perspective on Narcissism. *Psychoanalytic Study of the Child*, 54, 193 - 215.
- Spitz, R. (1946). Hospitalism: an inquiry into the génesis of psychiatric conditions in early childhood. *Psychoanalytic Study of the Child*, 1, 53-73.
- Steinmetz, S. K. (1977-78). The Battered Husband Syndrome. *Victimology: an International Journal*, 2(3-4), 499-509.
- Stern, D., Sander, L., Nahum, J., Harrison, A., Lyons-Ruth, K., Morgan, A., Bruschiweilerstern, N., Tronick, E, (1998). Non-interpretive mechanisms in psychoanalytic therapy: The 'something more' than interpretation. *The International Journal of Psycho-Analysis*, 79(5), 903-921.
- Stolorow, R. D., Atwood, G. E. (2004). *Los Contextos del Ser. Las bases intersubjetivas de la vida psíquica*. Barcelona: Herder.
- Stolorow, R. D., Lachmann, F., & Nick, E. (1983). *Psicanálise das paradas do desenvolvimento: teoria e tratamento*. Rio de Janeiro: Ímago Editora.
- Sumter, M. (2006). Domestic Violence and Diversity: A Call for Multicultural Services. *Journal of Health and Human Services Administration*, 29(2), 173-190.
- Trechera, J. L. (1996). *Qué es el narcisismo?*. Desclée de Brouwer.
- Trindade, M. T., Mossatti, R. L., & Mazzoni, C. G. (2009). Terapia do esquema: uma evolução na terapia cognitivo-comportamental. Trabalho apresentado no XII Seminário Intermunicipal de Pesquisa de Guaíba (01-08).
- Valentini, F., & Alchieri, J. C. (2009). Modelo clínico de estilos parentais de Jeffrey Young: revisão da literatura. *Contextos Clínicos*, 2(2), 113-123.
- Velasco, R. (2008). La vergüenza en la de-construcción y construcción del sentimiento de Sí. *Clínica e Investigación Relacional*, 2(1), 58-67.
- Velasco, R. (2012). Trauma en l'etapa de les vergonyes. *Revista Catalana de Psicoanàlisi: publicació de l'Institut de Psicoanàlisi de Barcelona*, 29(2), 97-112.
- Vygotsky, L. S. (2001). *A construção do pensamento e da linguagem*. Martins Fontes Editora.
- Walker, L.E. (1979). *The battered woman*. New York: Harper & Row.
- Winnicott., D. W. (1956). Primary Maternal Preoccupation. *In Da Pediatria à Psicanálise*. Ímago Editora: Rio de Janeiro.
- World Health Organization (WHO). Acedido a 19 de Janeiro de 2014 e disponível em <http://www.who.int/topics/violence/en/>

- Young, J.E. (1994). *Young Parenting Inventory*. New York: Cognitive Therapy Center of New York. (Versão portuguesa de M. C. Salvador, D. Rijo e J. Pinto Gouveia, 1996, 2003).
- Young, J. E., & Brown, G. (1992). *Young Schema Questionnaire - Long Form*. Cognitive Therapy Center of New York. (Versão portuguesa de J. Pinto Gouveia e M. Robalo, 1994).
- Young, J. E., Klosko, J. S. & Weishaar, M. E. (2003). *Schema Therapy: A Practitioner's Guide*. New York: Guildford Press.
- Zimerman, D. E. (2009). *Manual de técnica psicanalítica: uma re-visão*. Artmed Editora.

Anexos

<i>Anexo I - Associação dos itens do QEP aos EPs e Domínios correspondentes .</i>	<i>91</i>
<i>Anexo II - Características dos Esquemas de Desconexão e Rejeição</i>	<i>92</i>
<i>Anexo III - Características dos Esquemas de Autonomia e Desempenho prejudicados</i>	<i>93</i>
<i>Anexo IV - Características dos Esquemas de Limites prejudicados ou indefinidos</i>	<i>94</i>
<i>Anexo V - Características dos Esquemas de Direcionamento ou Orientação para o outro.....</i>	<i>95</i>
<i>Anexo VI - Características dos Esquemas de Hipervigilância e inibição</i>	<i>96</i>
<i>Anexo VII Características dos Domínios.....</i>	<i>98</i>
<i>Anexo VIII - Consentimento Informado</i>	<i>99</i>
<i>Anexo IX - Questionário sociodemográfico.....</i>	<i>100</i>
<i>Anexo X - Questionário de Esquemas (QE).....</i>	<i>102</i>
<i>Anexo XI - Exemplos de frases associadas aos EMPs e Domínios do QE.....</i>	<i>110</i>
<i>Anexo XII - Associação dos itens do QE aos EMPs e Domínios correspondentes</i>	<i>111</i>
<i>Anexo XIII - Questionário de Estilos Parentais (QEP).....</i>	<i>112</i>
<i>Anexo XIV - Exemplos de frases associadas aos EPs e Domínios do QEP</i>	<i>117</i>
<i>Anexo XV - Associação dos itens do QEP aos EPs e Domínios correspondentes</i>	<i>118</i>
<i>Anexo XVI - Inventário de Tipos de Relacionamento Amoroso (ITRA)</i>	<i>119</i>
<i>Anexo XVII - Exemplos de frases associadas aos tipos de relacionamento amoroso de reparação narcísica</i>	<i>126</i>
<i>Anexo XVIII - Associação dos itens do ITRA aos tipos de relação correspondentes</i>	<i>127</i>
<i>Anexo XIX - Resultados estatisticamente significativos</i>	<i>128</i>

Índice de Tabelas dos Anexos

Tabela I: Formas de exercício de violência definidas por Antunes (2002).....	91
Tabela II: Principais características de indivíduos com determinados determinados esquemas (EPs e EMPs) do domínio de Desconexão e Rejeição ativos.	92
Tabela III: Principais características de indivíduos com determinados determinados esquemas (EPs e EMPs) do domínio de Desconexão e Rejeição ativos.	93
Tabela IV: Principais características de indivíduos com determinados determinados esquemas (EPs e EMPs) do domínio de Limites prejudicados ou indefinidos. ...	94
Tabela V: Principais características de indivíduos com determinados esquemas (EPs e EMPs) do domínio de Direcionamento ou orientação para o outro ativos.	95
Tabela VI: Principais características de indivíduos com determinados esquemas (EPs e EMPs) do domínio de Hipervigilância e inibição ativos.....	96
Tabela VII: Principais características de indivíduos com determinados domínios ativos.	98
Tabela VIII: Exemplos de frases associadas aos EMPs e respectivos domínios do QE.	110
Tabela IX: Itens do QE associados aos seus EMPs e respetivos domínios.	111
Tabela X: Exemplos de frases associadas aos EPs e respectivos domínios do QEP.	117
Tabela XI: Itens do QEP associados aos seus EPs e respetivos domínios.....	118
Tabela XII: Exemplos de frases associadas aos tipos de relacionamento de reparação narcísica do ITRA.....	126
Tabela XIII: Itens do ITRA associados aos seus tipos de relacionamento de reparação narcísica.....	127
Tabela XIV: EPs do QEP cujos resultados se destacaram por apresentarem diferenças significativas nas pontuações entre vítimas e não vítimas de violência nas relações de intimidade ou correlações estatisticamente significativas com a vitimação.	128
Tabela XV: EMPs do QE cujos resultados se destacaram por apresentarem diferenças significativas nas pontuações entre vítimas e não vítimas de violência nas relações de intimidade ou correlações estatisticamente significativas com a vitimação.	128
Tabela XVI: Tipos de relacionamento de reparação narcísica do ITRA cujos resultados se destacaram por apresentarem diferenças significativas nas	

pontuações entre vítimas e não vítimas de violência nas relações de intimidade ou correlações estatisticamente significativas com a vitimação. 129

Anexo I - Associação dos itens do QEP aos EPs e Domínios correspondentes

Tabela I: Formas de exercício de violência definidas por Antunes (2002).

Forma de Violência	Comportamento/Ação
Coagir e ameaçar	<ul style="list-style-type: none"> • Ameaçar provocar lesões na pessoa da vítima • Ameaçar abandonar, suicidar-se • Coagir para a prática de condutas ilícitas
Intimidar	<ul style="list-style-type: none"> • Aterrorizar a propósito de olhares, atos, comportamentos • Partir objetos • Destruir pertences ou objetos pessoais do outro • Maltratar os animais de companhia • Exibir armas
Usar a violência emocional	<ul style="list-style-type: none"> • Desmoralizar • Fazer com que o outro se sinta mal consigo próprio • Insultar • Fazer com que o outro se sinta mentalmente diminuído ou culpado • Humilhar
Isolar	<ul style="list-style-type: none"> • Controlar a vida do outro: com quem fala, o que lê, as deslocações • Limitar o envolvimento externo do outro • Usar o ciúme como justificação
Minimizar, negar, condenar	<ul style="list-style-type: none"> • Desvalorizar a violência e não levar em conta as preocupações do outro • Afirmar que a agressão ou violência nunca tiveram lugar • Transferir para o outro a responsabilidade pelo comportamento violento • Afirmar que a culpa é do outro
Instrumentalizar os filhos	<ul style="list-style-type: none"> • Fazer o outro sentir-se culpado relativamente aos filhos • Usar os filhos para passar mensagens • Aproveitar as visitas de amigos para atormentar, hostilizar • Ameaçar levar de casa os filhos
Utilizar “privilégios machistas”	<ul style="list-style-type: none"> • Tratar a mulher como criada • Tomar sozinho todas as decisões importantes • Ser o que define o papel da mulher e do homem
Utilizar a violência económica	<ul style="list-style-type: none"> • Evitar que o outro tenha ou mantenha um emprego • Forçar o pedido de dinheiro • Fixar uma mesada • Apossar-se do dinheiro do outro • Impedir que o outro conheça ou aceda ao rendimento familiar

Anexo II - Características dos Esquemas de Desconexão e Rejeição

Tabela II: Principais características de indivíduos com determinados determinados esquemas (EPs e EMPs) do domínio de Desconexão e Rejeição ativos.

Esquemas (EPs e EMPs)	Caraterísticas
Abandono/ Instabilidade/ Perda	Receio de ser desprotegido, abandonado e de perder o suporte emocional. Sensação de que os outros não vão ser capazes de dar apoio emocional, força e proteção porque são emocionalmente instáveis ou imprevisíveis, inconfiáveis ou ausentes, porque poderão morrer eminentemente ou porque irão abandonar o indivíduo por alguém melhor.
Desconfiança/ Abuso	Expectativa de que os outros irão magoar, abusar, humilhar, enganar, mentir, manipular ou aproveitar-se do indivíduo. Percepção de que esses comportamentos são intencionais ou que resultam de uma negligente extrema e injustificada.
Privação Emocional	Crença de que o outro não satisfará adequadamente o seu desejo de apoio emocional. As três principais formas de privações emocionais existentes são: (1) de cuidados, nomeadamente de atenção, carinho, afeto ou companheirismo; (2) de empatia, por incompreensão, por ausência de escuta, de partilha dos sentimentos por parte dos outros ou por não se expor; e (3) proteção, pela inexistência de força, direção ou orientação facultada pelos outros.
Isolamento Social/ Alienação/ Indesejabilidade Social	Sentimento de isolamento do mundo, de diferença face aos outros, e de falta de pertença parte de qualquer grupo ou comunidade.
Defeito / Vergonha / Imperfeição / Incapacidade para ser amado / Desencanto / Embaraço	Sensação de ser imperfeito, má pessoa, indesejado, nocivo, inferior ou insignificante em questões importantes. Sentimento de que não se é digno de amor por parte dos outros significativos. Pode envolver uma hipersensibilidade à crítica, rejeição ou à acusação. O indivíduo é dotado de grande autoconsciência e insegurança perante os outros exibindo uma grande vergonha perante os seus defeitos percebidos (que podem ser privados - e.g. impulsos de zanga - ou públicos - e.g. aparência física indesejável) e realizando frequentemente comparações face aos outros.

Baseado em: Young, Klosko, & Weishaar (2003)

Anexo III - Características dos Esquemas de Autonomia e Desempenho prejudicados

Tabela III: Principais características de indivíduos com determinados determinados esquemas (EPs e EMPs) do domínio de Desconexão e Rejeição ativos.

Esquemas (EPs e EMPs)	Caraterísticas
Dependência / Incompetência	Sentimento de ser incapaz de lidar com as responsabilidades quotidianas de forma competente e sem o auxílio substancial dos outros (e.g. resolver problemas diários, tomar decisões acertadas).
Vulnerabilidade ao dano/mal e à doença	Medo exagerado que uma catástrofe eminente atinja o indivíduo a qualquer momento e que este seja incapaz de a prevenir. Estes medos recaem numa ou mais catástrofes: (1) clínicas (e.g. ataques cardíacos); (2) emocionais (e.g. perda de controlo); e (3) externas (e.g. catástrofes naturais, acidentes ou crimes, etc.).
Emaranhamento ou entrelaçamento / Self subdesenvolvido ou dependente	Envolvimento emocional excessivo e falta de abertura para com um ou mais dos seus significativos (frequentemente os pais) à custa da sua total individuação ou desenvolvimento social normal. Frequentemente envolve a crença de que pelo menos um dos indivíduos emaranhados não pode sobreviver ou ser feliz sem o constante apoio do outro. Pode também envolver sentimentos de opressão ou fusão com outros ou identidade individual insuficiente que leva o indivíduo a experienciar sensações de vazio, de sufoco, desorientação e, em casos graves, questionar a própria existência.
Fracasso	Crença de que fracassou, irá fracassar inevitavelmente ou que é significativamente inadequado relativamente aos outros em áreas de realização pessoal (e.g. escola, carreira, desporto). Normalmente, o indivíduo apresenta crenças de que é pouco inteligente, inapto, de que não tem talento, "status social", que não é tão bem-sucedido como os outros, entre outros.

Baseado em: Young, Klosko, & Weishaar (2003)

Anexo IV - Características dos Esquemas de Limites prejudicados ou indefinidos

Tabela IV: Principais características de indivíduos com determinados determinados esquemas (EPs e EMPs) do domínio de Limites prejudicados ou indefinidos.

Esquemas (EPs e EMPs)	Caraterísticas
Grandiosidade / Superioridade / Merecimento / Arrogo	Crença de se ser superior em relação aos outros, merecedor de direitos e privilégios especiais, ou não afeto a regras de reciprocidade que regulam as interações sociais. Frequentemente envolve insistência de que se deve fazer ou ter o que se quer, independentemente de ser realista, de considerado pelos outros como razoável, ou de trazer consequências aos outros. Foco exagerado na superioridade (e.g. estar entre os mais bem-sucedidos famosos, ricos) de forma a alcançar poder e controlo. Pode incluir competição excessiva ou domínio sobre os outros (e.g. manipulando o ponto de vista do outro, controlando o comportamento do outro de acordo com os seus desejos pessoais). Falta de empatia ou preocupação face às necessidades ou sentimentos do outro.
Autocontrolo e autodisciplina insuficientes / Limites insuficientes / Défice de autocontrolo	Dificuldade persistente ou recusa em exercer autocontrolo suficiente e intolerância à frustração na procura dos seus objetivos pessoais ou repressão excessiva das suas emoções e impulsos. O indivíduo procura fugir ao desconforto evitando a dor, o conflito, a confrontação, a responsabilidade ou esforços que possam comprometer a sua satisfação pessoal, empenho ou integridade.

Baseado em: Young, Klosko, & Weishaar (2003)

Anexo V - Características dos Esquemas de Direcionamento ou Orientação para o outro

Tabela V: Principais características de indivíduos com determinados esquemas (EPs e EMPs) do domínio de Direcionamento ou orientação para o outro ativos.

Esquemas (EPs e EMPs)	Caraterísticas
Subjugação / Falta de individualização / Sujeição	Submissão excessiva e coagida ao controlo de outros, de forma a evitar a raiva, a retaliação ou o abandono. As duas maiores formas de subjugação dão-se ao nível: 1) das necessidades (e.g. supressão de preferências, desejos e decisões) e 2) das emoções (e.g. supressão de emoções, sobretudo de raiva). Percepção de que os desejos, opiniões e sentimentos não são válidos ou importantes para os outros. Frequentemente se verifica um excesso de complacência, combinado com hipersensibilidade à sensação de aprisionamento, o que gera uma crescente zanga/raiva que se manifesta em sintomas maladaptativos (e.g. comportamento passivo-agressivo, sintomas psicossomáticos, “acting out”).
Autossacrifício	Foco exacerbado no cumprimento voluntário das necessidades dos outros, sacrificando a satisfação e o bem-estar do indivíduo. As razões mais comuns para estes comportamentos são: o impedimento da dor alheia, o evitamento de sentimentos de culpa decorrentes de egoísmo, ou para manter a ligação com alguém significativo que o indivíduo percebe como carente/frágil por receio da perda do mesmo. A grande sensibilidade à dor dos outros faz com que por vezes também sinta que as suas necessidades não são atendidas de forma adequada surgindo um ressentimento para com aqueles que estão a ser cuidados (interliga-se co o conceito de co-dependência). O indivíduo procura manter a ligação emocional de forma a ver a sua autoestima aumentada.
Procura de aprovação / Reconhecimento	Ênfase excessiva na procura de aprovação, reconhecimento ou atenção por parte dos outros, ou em integrar-se à custa do desenvolvimento de um self verdadeiro e seguro. A auto-estima do indivíduo depende primeiramente das reações dos outros ao invés das inclinações do próprio. Por vezes inclui uma preocupação exagerada com o <i>status</i> social, com a aparência, com a aceitação social, com o dinheiro ou com o sucesso de forma a obter aprovação, admiração ou atenção sem pretensão de poder ou controlo). Resulta frequentemente em decisões de vida importantes que não são autênticas nem satisfatórias. Possibilidade de hipersensibilidade à rejeição.

Baseado em: Young, Klosko, & Weishaar (2003)

Anexo VI - Características dos Esquemas de Hipervigilância e inibição

Tabela VI: Principais características de indivíduos com determinados esquemas (EPs e EMPs) do domínio de Hipervigilância e inibição ativos.

Esquemas (EPs e EMPs)	Caraterísticas
Negatividade / Pessimismo / Sanção / Vulnerabilidade ao erro / Culpa	Foco persistente e generalizado nos aspetos negativos da vida (e.g. dor, morte, perda, desapontamento, culpa, ressentimento, possíveis erros, triação, coisas que podem correr mal, etc.) minimizando ou negligenciando os aspetos positivos ou otimistas da vida. Geralmente inclui uma expectativa exagerada - numa multiplicidade de situações profissionais, financeiras, ou interpessoais - de que algo irá correr mal ou que os aspetos da vida do indivíduo que parecem estar a correr bem irão eventualmente correr mal. Medo excessivo de cometer erros que levem ao fracasso financeiro, perda, humilhação ou ao aprisionamento em situações prejudiciais. Dado o exagero ao nível dos resultados potencialmente negativos, a preocupação constante, as reclamações ou contestações recorrentes e as indecisões, tornam-se comportamentos comuns.
Inibição emocional / Medo de perder o controlo	Inibição excessiva das ações e emoções espontâneas, da partilha de sentimentos e do estabelecimento de comunicação. As áreas de inibição mais comuns são: 1) inibição da agressão e da raiva; 2) inibição de impulsos positivos (e.g. alegria, afeto, excitação sexual); 3) dificuldade em se mostrar vulnerável ou comunicar livremente os sentimentos e necessidades; e 4) ênfase excessiva na racionalidade em detrimento das emoções.
Padrões elevados de realização, rígidos ou inflexíveis / Modelos de falta de compaixão / Crítica exagerada ou hipercriticismo	Crença de que é necessário esforçar-se para atingir elevados padrões de desempenho e comportamento muito elevados, de forma a evitar críticas. Isto resulta numa grande pressão e ritmo acelerado para o indivíduo e, igualmente, num hipercriticismo face a si próprio e aos outros. Adoção de uma conduta crítica exagerada de si e dos outros, sentindo-se constantemente sob pressão, prejudicando relações satisfatórias, o seu prazer, descontração, autoestima e saúde. Os padrões rígidos expressam-se através: (1) de perfeccionismo (o indivíduo atribui ênfase aos detalhes e subestima o seu desempenho relativamente à norma); (2) de regras rígidas e "obrigatórias" em várias áreas da vida (e.g. princípios éticos, , morais, culturais e religiosos irrealistas); e (3) da preocupação com o tempo e a eficiência, nomeadamente na quantidade de trabalho

passível de realizar.

**Punitividade / Caráter
punitivo / Autopunição**

Crença de que as pessoas devem ser severamente castigadas pelos seus erros. Envolve uma tendência para a raiva, a intolerância, a punitividade e a impaciência para com aqueles (incluindo o próprio) que não estão ao nível das expectativas e padrões do indivíduo. Normalmente inclui uma dificuldade em perdoar os erros do próprio ou dos outros devido a uma relutância em considerar as atenuantes das imperfeições humanas, ou em empatizar com sentimentos.

Baseado em: Young, Klosko, & Weishaar (2003)

Anexo VII Características dos Domínios

Tabela VII: Principais características de indivíduos com determinados domínios ativos.

Domínio	Caraterísticas
I. Desconexão e rejeição	Associado à falta de um ambiente seguro e estável incapaz de prover a partilha de sentimentos, de cuidado, segurança, empatia, carinho, estabilidade, aceitação e respeito. Predomínio de um ambiente abusivo, frio, de rejeição ou de isolamento.
II. Autonomia e Desempenho Prejudicados	Associado a um ambiente de sobreprotecção e desencorajador face à procura de autonomia própria.
III. Limites Prejudicados	Característico de um ambiente exageradamente permissivo, tolerante ou indulgente. Evidencia lacunas ao nível dos limites internos, na responsabilidade perante os outros e no cumprimento de regras e objetivos a longo prazo. Os indivíduos que têm este domínio ativo são dotados de uma crença de superioridade e apresentam dificuldade no controlo dos seus impulsos.
IV. Orientação para o Outro	Relacionado com um ambiente de aceitação incondicional estando patente um foco exagerado nos desejos e sentimentos do outro em detrimento das suas próprias carências, com o objetivo de obter amor e aprovação.
V. Hipervigilância e Inibição	Associado a dificuldades de expressão e estabelecimento de relacionamentos íntimos. Os indivíduos que têm este domínio ativo reprimem os seus sentimentos, impulsos e escolhas pessoais e internalizam regras e expectativas rígidas sobre desempenho e comportamento éticos.

Baseado em: Young, Klosko, & Weishaar (2003)

Anexo VIII - Consentimento Informado



Curso de Mestrado em Psicologia Especialidade

Psicologia Clínica e da Saúde

A investigação para a qual a convido a participar surge no seguimento da conclusão da tese de Mestrado na Especialidade de Psicologia Clínica e da Saúde, na Universidade de Évora. No âmbito do projecto de investigação em curso subordinado ao tema da vitimação nas relações amorosas, peço a sua participação através do preenchimento dos questionários que se seguem.

Antes de iniciar os questionários, peço-lhe, por favor, que leia com atenção o texto abaixo. Tenha em consideração que o preenchimento dos questionários demora cerca de 30 minutos, pelo que só o deverá fazer quando tiver este tempo disponível.

Obrigado por participar!

Consentimento de participação

Por favor leia o seguinte com atenção:

- Fui informado acerca dos objetivos desta investigação e eles são claros para mim.
- Compreendo que o meu anonimato será garantido, a não ser que eu expressamente solicite o contrário.
- Compreendo que tenho liberdade para não participar no estudo e, no caso de o fazer, solicitar que os meus dados sejam destruídos se eu assim o desejar enviando email para marianaerb@hotmail.com com os seus dados de idade e profissão.
- Compreendo que os dados recolhidos serão usados apenas para fins de investigação e que podem ser apresentados em congressos científicos e/ou publicados em publicações técnico-científicas, mantendo o anonimato dos participantes.

Tendo em conta estes aspetos, concordo em participar no estudo.

Se aceita participar, por favor clique na seta em baixo para dar início ao questionário. Obrigado por participar!

Anexo IX - Questionário sociodemográfico



Curso de Mestrado em Psicologia Especialidade Psicologia Clínica e da Saúde

Sexo: F M

Idade:

Escolaridade: Ensino Básico Secundário
Bacharelato Licenciatura
Mestrado Doutoramento

Profissão:

Neste momento tem uma relação amorosa?

Não Sim

Orientação Sexual:

Heterossexual Homossexual

Estado Civil:

Casado/a União de Fato Divorciado/a
Namoro Outro

Em geral, qual o grau de satisfação com a sua relação amorosa?

Muito Insatisfeito Insatisfeito Relativamente Satisfeito
Satisfeito Muito Satisfeito

Quantas relações amorosas já teve?

Duração em média dos seus relacionamentos?

Dias Semanas Meses Anos

Alguma vez sofreu algum tipo de violência doméstica por parte do seu namorado ou cônjuge?

Não Sim

Caso tenha respondido afirmativamente à questão anterior, indique o(s) tipo(s) de violência experienciada, caso contrário ignore esta pergunta e a seguinte:

Emocional e psicológica	<input type="checkbox"/>	Intimidação, coacção e ameaça	<input type="checkbox"/>
Isolamento social	<input type="checkbox"/>	Física	<input type="checkbox"/>
Abuso económico	<input type="checkbox"/>	Sexual	<input type="checkbox"/>

Indique o número de relações amorosas em que foi vítima de violência

1 2 3 ou mais

Anexo X - Questionário de Esquemas (QE)

QUESTIONÁRIO DE ESQUEMAS

(J. Young e G. Brown, 1989)

(Tradução e Adaptação José Pinto Gouveia e Margarida Robalo, 1994)

INSTRUÇÕES

Estão indicadas a seguir algumas sentenças que podem ou não ajudar a pessoa na descrição de si mesma. Leia por favor cada uma delas e decida até que ponto se lhe ajusta e serve para o(a) descrever. Quando tiver dificuldade responda com base na emoção que sente e não no que racionalmente acredita ser ou não verdadeiro.

Se desejar pode reescrever a sentença por palavras suas de forma a ficar mais verdadeiro para o seu caso. Escolha de seguida, de 1 a 6 na escala de resposta, o grau que melhor descrever ao longo da sua vida a sua forma mais habitual de ser e coloque o número no espaço indicado.

EXEMPLO

Preocupo-me que as pessoas de quem eu gosto, não gostem de mim

5

PRESTE ATENÇÃO POR FAVOR

Ao decidir se uma sentença é característica da sua maneira habitual de encarar as coisas, lembre-se como você é a maior das vezes, isto é, a sua maneira de ser habitual e não o seu estado de espírito de momento. Porque as pessoas são diferentes não há respostas certas ou erradas. Procure responder de uma forma verdadeira, rápida e espontânea a cada questão.

ESCALA DE RESPOSTA

1. Não descreve de maneira nenhuma a minha maneira de ser.
2. Acontece algumas vezes mas é pouco característico da minha maneira de ser.
3. Acontece neste momento mas não costumava acontecer no passado.
4. Descreve de um modo bastante característico e frequente a minha maneira de ser.
5. Descreve de um modo muito característico a minha maneira de ser, verdadeiro a maior parte do tempo.
6. Descreve de um modo muitíssimo característico a minha maneira de ser, acontece constantemente.

A. I.

1. Não consigo fazer a minha vida sem ajuda dos outros. _____
2. Preciso da ajuda das outras pessoas. _____
3. Sinto que não consigo resolver os meus problemas sozinho. _____
4. Acredito que os outros sabem melhor que eu tomar conta de mim. _____
5. Preciso da orientação de outra pessoa sempre que tenho de lidar com uma situação nova. _____
6. Vejo-me como uma pessoa dependente. _____

A. II.

7. Não interfiro na maneira de ser das outras pessoas. _____
8. Sinto que se fizer o que quero vou arranjar sarilhos. _____
9. Sinto que não tenho outro remédio senão fazer a vontade dos outros. _____
10. Ponho os interesses dos outros antes dos meus. _____
11. Nas minhas relações com os outros deixo que estes me dominem. _____
12. É-me difícil ser eu mesmo quando estou com os outros. _____
13. Na verdade não sei o que quero. _____
14. Não posso mostrar-me zangado porque os outros não vão aceitar isso ou vão rejeitar-me. _____
15. Sinto que as decisões importantes da minha vida não foram na realidade tomadas por mim. _____
16. Pensar que posso deixar mal as pessoas ou que as posso desapontar faz-me sentir culpado. _____
17. Dou mais aos outros do que recebo. _____
18. Preocupo-me em agradar aos outros. _____
19. Por vezes sinto crescer em mim raiva e ressentimento que não exprimo. _____
20. Tenho imenso trabalho em conseguir que os meus sentimentos sejam tomados em consideração e os meus direitos sejam respeitados. _____

A. III.

- 21. Não consigo deixar de sentir que alguma coisa de mal está para acontecer. _____
- 22. Sinto que uma desgraça (natural, criminosa, financeira ou de saúde) pode atingir-me em qualquer momento. _____
- 23. Tenho medo de me tornar um vadio ou um marginal. _____
- 24. Tenho medo de ser atacado. _____
- 25. Tenho muito cuidado com o dinheiro porque de outra maneira posso acabar na miséria. _____
- 26. Tenho os maiores cuidados para evitar adoecer ou magoar-me. _____
- 27. Preocupo-me em perder todo o dinheiro que tenho e ficar na miséria. _____
- 28. Estou preocupado com a ideia de ter uma doença grave apesar de o médico me ter dito que não tinha nada de grave. _____
- 29. Sou uma pessoa medrosa. _____
- 30. Prefiro jogar pelo seguro ou fazer as coisas da maneira habitual do que correr o risco do inesperado. _____
- 31. Penso muito nas coisas más que acontecem no mundo: crime, poluição, violência, ... _____

A. IV.

- 32. Tenho medo de perder o controlo sobre as minhas ações. _____
- 33. Sinto com frequência que posso enlouquecer. _____
- 34. Sinto com frequência que vou ter um ataque de ansiedade. _____
- 35. Preocupa-me poder corar ou suar em frente de outras pessoas. _____
- 36. Sinto-me muitas vezes à beira de gritar descontroladamente. _____
- 37. Preocupa-me não ser capaz de resistir aos meus impulsos sexuais. _____
- 38. Preocupa-me poder magoar fisicamente ou emocionalmente alguém no caso de não conseguir dominar a minha raiva (cólera). _____
- 39. Sinto que tenho de controlar as minhas ações e impulsos porque senão alguma coisa de mal pode acontecer. _____

L. V.

- 40. Não tenho ninguém que satisfaça as minhas necessidades. _____

41. Não consigo amor e atenção suficientes. _____
42. Não tenho ninguém em quem confiar para um conselho ou apoio emocional. _____
43. Não tenho ninguém que trate de mim, que partilhe comigo sua vida, ou que se preocupe verdadeiramente com tudo o que me acontece. _____
44. Não tenho ninguém que queira aproximar-se de mim, nem que queira passar muito tempo comigo. _____
45. Podia desaparecer da face da terra que ninguém dava pela minha falta. _____
46. As minhas relações são muito superficiais. _____
47. Sinto que não sou uma pessoa especial para ninguém. _____
48. Na realidade ninguém me ouve, ninguém me compreende ou está interessado nos meus verdadeiros sentimentos e necessidades. _____

L. VI.

49. Estou destinado a ficar só o resto da minha vida. _____
50. Preocupo-me que alguém que amo possa morrer em breve, mesmo quando há poucas razões que o justifiquem. _____
51. Sinto que me agarro às pessoas que estão perto de mim. _____
52. Preocupo-me que as pessoas que estão perto de mim me deixem ou me abandonem. _____
53. Sinto que me falta uma base estável de apoio emocional. _____
54. Acho que as minhas relações importantes não vão durar e estou sempre à espera que acabem. _____

L. VII.

55. Sinto que a maior parte das pessoas está sempre disposta a magoar-me e a tirar partido de mim. _____
56. Tenho de me proteger dos ataques e das desconsiderações das outras pessoas. _____
57. A melhor maneira de evitar ser magoado é atacar primeiro. _____
58. Sinto que tenho de me vingar da maneira como as pessoas me trataram. _____
59. Sinto que tenho que me defender sempre que estou na presença de outras pessoas. _____
60. Quando alguém é simpático penso logo que quer alguma coisa de mim. _____

- 61. Há sempre alguém que mais tarde ou mais cedo acaba por me trair. _____
- 62. A maioria das pessoas só pensa nelas. _____
- 63. Tenho muita dificuldade em confiar nos outros. _____
- 64. Sou muito desconfiado acerca das razões das outras pessoas. _____

L. VIII.

- 65. Sinto-me um desajustado. _____
- 66. Sou fundamentalmente diferente dos outros. _____
- 67. Sinto que estou a mais; sou um solitário. _____
- 68. Sinto-me separado dos outros. _____
- 69. Sinto-me isolado e só. _____

V. IX.

- 70. Nenhum homem/mulher de quem eu goste poderá gostar de mim depois de conhecer os meus defeitos. _____
- 71. Ninguém de quem eu goste gostaria de ficar comigo depois de me conhecer. _____
- 72. Sou fundamentalmente uma pessoa cheia de imperfeições e de defeitos. _____
- 73. Por mais que tente não consigo que nenhum homem/mulher, importante para mim, me respeite ou sinta que tenho algum valor. _____
- 74. Não mereço nem o amor, nem a atenção nem o respeito dos outros. _____

V. X.

- 75. Não sou sexualmente atraente. _____
- 76. Sou muito gordo/a. _____
- 77. Sou feio/a. _____
- 78. Não consigo manter uma conversa interessante. _____
- 79. Não sou uma pessoa interessante e em sociedade as pessoas acham-me aborrecido/a. _____
- 80. As pessoas a quem dou valor não gostariam da minha companhia por causa do meu estatuto social (rendimento, educação, carreira, etc.). _____
- 81. Nunca sei o que é que hei-de dizer em sociedade. _____

82. As pessoas não gostam de me incluir nos seus grupos. _____

V. XI.

83. Nunca faço as coisas tão bem como os outros. _____

84. Sou incompetente. _____

85. A maioria das pessoas tem mais capacidades do que eu. _____

86. Estrago tudo o que tento fazer. _____

87. Sou um incapaz. _____

88. Sou um fracassado. _____

89. Sempre que confio no meu critério tomo a decisão errada. _____

90. Não tenho senso comum (bom senso, senso nenhum)... _____

91. Não tenho confiança nas minhas decisões. _____

V. XII.

92. No fundo sou uma pessoa má. _____

93. Mereço ser castigado. _____

94. Não mereço ser feliz. _____

95. Quando cometo um erro mereço ser severamente criticado e punido. _____

96. Não devo desculpar-me pelos meus erros ou fugir das minhas responsabilidades. _____

97. Sinto-me muito culpado dos erros que cometi. _____

98. Por mais que tente, em determinados aspetos sou incapaz de viver de acordo com os meus princípios religiosos ou morais. _____

99. Muitas vezes sinto-me culpado sem saber porquê. _____

V. XIII.

100. Sinto-me envergonhado pelos meus defeitos. _____

101. Sou tão inferior que não posso mostrar as minhas falhas aos outros. _____

102. Sinto que não conseguiria enfrentar os outros se eles descobrissem _____

os meus defeitos.

103. Sinto-me muitas vezes embaraçado quando estou com outras pessoas porque não me sinto à altura delas. _____

104. Tenho demasiada consciência de mim sempre que estou com os outros. _____

V. XIV.

105. Tenho de ser o melhor em quase tudo o que faço, não aceito ficar em segundo lugar. _____

106. Luto por manter quase tudo numa ordem perfeita. _____

107. Tenho de parecer o melhor possível na maior parte do tempo. _____

108. Tenho de fazer o melhor, não chega ser suficientemente bom. _____

109. Tenho tanta coisa para fazer que quase não tenho tempo para descansar _____

110. Quase nada do que faço é suficientemente bom; posso sempre fazer melhor. _____

111. Tenho de estar à altura das minhas responsabilidades. _____

112. Sinto sobre mim uma pressão constante para realizar coisas e alcançar objetivos. _____

113. O meu relacionamento com as pessoas ressentem-se com o facto de exigir demais de mim mesmo. _____

114. Prejudico a minha saúde por andar sempre numa tensão enorme para fazer as coisas bem-feitas. _____

115. Sacrifico com frequência o prazer e a felicidade para atingir os meus níveis de exigência. _____

V. XV.

116. Tenho muita dificuldade em aceitar um não por resposta quando quero alguma coisa dos outros. _____

117. Fico com frequência zangado ou irritado se não consigo o que quero. _____

118. Sou uma pessoa especial e não devia ser obrigado a aceitar muitas das restrições que são impostas aos outros. _____

119. Detesto ser constrangido ou impedido de fazer o que quero. _____

120. Tenho muita dificuldade em aceitar aspetos da minha vida que não são como eu quero que sejam, se bem que objetivamente a minha vida seja boa. _____

121. Tenho muita dificuldade em conseguir parar de beber, ou de fumar, ou de comer demasiado. _____

122. Acho que não sou capaz de me sujeitar à rotina ou de fazer tarefas aborrecidas.

123. Muitas vezes permito-me agir por impulso e exprimir emoções que originam problemas ou magoam as outras pessoas.

Obrigada pela colaboração!

Anexo XI - Exemplos de frases associadas aos EMPs e Domínios do QE

Tabela VIII: Exemplos de frases associadas aos EMPs e respectivos domínios do QE.

Domínio	EMP	Exemplo
I. Desconexão e rejeição	Privação Emocional	43. Não tenho ninguém que trate de mim, que partilhe comigo a sua vida, ou que se preocupe verdadeiramente com tudo o que me acontece.
	Abandono/Perda	50. Preocupo-me que alguém que amo possa morrer em breve, mesmo quando há poucas razões que o justifiquem.
	Desconfiança/Abuso	62. A maioria das pessoas só pensa nelas.
	Isolamento Social/Alienação	69. Sinto-me isolado e só.
	Defeito/Imperfeição/Desencanto	74. Não mereço nem o amor, nem a atenção, nem o respeito dos outros.
	Indesejabilidade Social	79. Não sou uma pessoa interessante e em sociedade as pessoas acham-me aborrecido.
	Vergonha/Embaraço	100. Sinto-me envergonhado pelos meus defeitos.
II. Autonomia e Desempenho Prejudicados	Dependência/Incompetência	2. Preciso da ajuda das outras pessoas.
	Vulnerabilidade ao mal e à doença	21. Não consigo deixar de sentir que alguma coisa de mal está para acontecer.
	Fracasso	84. Sou incompetente.
III. Limites Prejudicados	Limites Insuficientes	118. Sou uma pessoa especial e não devia ser obrigado a aceitar muitas das restrições que são impostas aos outros.
IV. Orientação para o Outro	Subjugação/Falta de Individualização	12. É-me difícil ser eu mesmo(a) quando estou com os outros.
V. Hipervigilância e Inibição	Medo de Perder o Controlo	34. Sinto com frequência que vou ter um ataque de ansiedade.
	Culpa/Sanção	94. Não mereço ser feliz.
	Padrões Elevados de Realização ou Rígidos	105. Tenho de ser o(a) melhor em quase tudo o que faço, não aceito ficar em segundo lugar.

Anexo XII - Associação dos itens do QE aos EMPs e Domínios correspondentes

Tabela IX: Itens do QE associados aos seus EMPs e respetivos domínios.

Domínio	EMP	Itens correspondentes	Total Itens por EMP
I. Desconexão e rejeição	Privação Emocional	40-48	9
	Abandono/Perda	49-54	6
	Desconfiança/Abuso	55-64	10
	Isolamento Social/Alienação	65-69	5
	Defeito/Imperfeição/Desencanto	70-74	5
	Indesejabilidade Social	75-82	8
	Vergonha/Embaraço	100-104	5
II. Autonomia e Desempenho	Dependência/Incompetência	1-6	6
	Vulnerabilidade ao mal e à doença	21-31	11
Prejudicados	Fracasso	83-91	9
III. Limites Prejudicados	Limites Insuficientes	116-123	8
IV. Orientação para o Outro	Subjugação/Falta de Individuação	7-20	14
V. Hipervigilância e Inibição	Medo de Perder o Controlo	32-39	8
	Culpa/Sanção	92-99	8
	Padrões Elevados de Realização ou Rígidos	105-115	11

Anexo XIII - Questionário de Estilos Parentais (QEP)

QUESTIONÁRIO DE ESTILOS PARENTAIS

Desenvolvido por Jeffrey Young

(Traduzido e adaptado por M. C. Salvador, D. Rijo e J. Pinto Gouveia)

INSTRUÇÕES

Estão indicadas a seguir algumas afirmações que, pode utilizar para descrever os seus pais. Por favor, leia cada uma das afirmações e decida até que ponto ela os descreve. Escolha, de entre as seis respostas possíveis, aquela que melhor descreve a sua mãe e o seu pai, quando você era criança, colocando o respetivo número no espaço em branco. Caso um dos seus pais tenha sido substituído por outra pessoa, responda tendo em conta essa pessoa. Se não teve pai ou mãe, deixe a coluna correspondente em branco.

ESCALA DE RESPOSTA

- 1 = Completamente falso / Não tem absolutamente nada a ver com o que acontecia comigo.
- 2 = Falso na maioria das vezes / Não tem quase nada a ver com o que acontecia comigo.
- 3 = Ligeiramente mais verdadeiro do que falso / Tem ligeiramente a ver com o que acontecia comigo
- 4 = Moderadamente verdadeiro / Tem moderadamente a ver com o que acontecia comigo.
- 5 = Verdadeiro a maioria das vezes / Tem muito a ver com o que acontecia comigo.
- 6 = Descreve-a(o) perfeitamente / Tem tudo a ver com o que acontecia comigo.

MÃE	PAI	DESCRIÇÃO
_____	_____	1. Gostava de mim e tratava-me como uma pessoa especial.
_____	_____	2. Prestava-me atenção, passando bastante tempo comigo.
_____	_____	3. Dava-me conselhos e orientações úteis.

- _____ 4. Ouvia-me, compreendia-me e partilhava sentimentos comigo.
- _____ 5. Era calorosa(o) e fisicamente afetuosa(o). ***pe**
- _____ 6. Morreu ou abandonou a casa permanentemente quando eu era criança.
- _____ 7. Tinha mau humor, era imprevisível ou era alcoólica(o).
- _____ 8. Preferia os meus irmãos a mim.
- _____ 9. Isolava-se ou deixava-me sozinho por longos períodos de tempo. ***ab**
- _____ 10. Mentia-me, enganava-me ou traía-me.
- _____ 11. Abusava física, emocional ou sexualmente de mim.
- _____ 12. Usava-me para satisfazer as suas necessidades emocionais.
- _____ 13. Parecia ter prazer em magoar os outros. ***da**
- _____ 14. Preocupava-se excessivamente com o facto de eu me poder magoar.
- _____ 15. Preocupava-se excessivamente com o facto de eu poder ficar doente.
- _____ 16. Era uma pessoa medrosa ou fóbica.
- _____ 17. Sobreprotegia-me. ***vu**
- _____ 18. Fazia-me sentir que eu não podia confiar nas minhas decisões nem opiniões.
- _____ 19. Fazia as coisas por mim em vez de me deixar tentar fazê-las sozinho.
- _____ 20. Tratava-me como se eu fosse mais novo do que realmente era. ***di**
- _____ 21. Criticava-me bastante.
- _____ 22. Não me fazia sentir amado ou fazia-me sentir rejeitado.
- _____ 23. Tratava-me como se houvesse algo de errado comigo.

- _____ 24. Fazia-me ter vergonha de mim próprio em aspetos importantes. ***dv**
- _____ 25. Nunca me ensinou a ter a disciplina suficiente para ser bem-sucedido na escola.
- _____ 26. Tratava-me como se eu fosse estúpido ou não tivesse jeito para nada.
- _____ 27. No fundo, não queria que eu fosse bem-sucedido.
- _____ 28. Esperava que eu fosse um fracasso na vida. ***fr**
- _____ 29. Tratava-me como se as minhas opiniões ou desejos não contassem.
- _____ 30. Fazia o que queria, independentemente das minhas necessidades.
- _____ 31. Controlava tanto a minha vida que eu tinha pouca liberdade de escolha.
- _____ 32. Tudo tinha que ser como ela(e) queria. ***sb**
- _____ 33. Sacrificava as suas necessidades para o bem da família.
- _____ 34. Era incapaz de lidar com a maior parte das responsabilidades diárias, de maneira que eu tinha que fazer mais que a minha parte.
- _____ 35. Era bastante infeliz e apoiava-se em mim para a(o) confortar e compreender.
- _____ 36. Fazia-me sentir que eu era forte e que devia cuidar dos outros. ***as**
- _____ 37. Tinha expectativas muito elevadas em relação a si própria(o).
- _____ 38. Esperava que eu fizesse sempre o meu melhor.
- _____ 39. Era perfeccionista em muitas áreas; as coisas tinham que ser daquela maneira e não doutra.
- _____ 40. Fazia-me sentir que quase nada do que eu fazia era suficientemente bom.
- _____ 41. Tinha regras rígidas e estritas acerca do que era correto e do que era errado.

- _____ 42. Ficava impaciente se as coisas não fossem feitas da forma adequada ou suficientemente rápida.
- _____ 43. Dava mais importância ao fazer as coisas bem do que ao divertir-se ou relaxar.
- _____ 44. Estragou-me com mimos ou era demasiado indulgente em muitos aspetos.
- _____ 45. Fazia-me sentir que eu era especial, melhor que a maioria das outras pessoas.
- _____ 46. Era exigente; esperava que as coisas corressem à sua maneira.
- _____ 47. Não me ensinou que eu tinha responsabilidades para com os outros. ***gr**
- _____ 48. Forneceu-me muito pouca disciplina ou limites.
- _____ 49. Estabeleceu-me poucas regras ou responsabilidades.
- _____ 50. Permitia-me ficar muito zangado ou perder o controlo.
- _____ 51. Era uma pessoa indisciplinada. ***ai**
- _____ 52. Éramos tão chegados que nos compreendíamos um ao outro de uma maneira quase perfeita.
- _____ 53. Eu sentia que não tinha uma individualidade suficiente, não me sentindo eu próprio separado dela(e).
- _____ 54. Ao longo do meu crescimento, tinha a sensação que não tinha o meu próprio sentido de orientação de tal forma estava ligado a ela(e).
- _____ 55. Eu sentia que nos magoariamos um ao outro se algum de nós nos afastasse do outro. ***o**
- _____ 56. Preocupava-me muito com os problemas financeiros da família.
- _____ 57. Fazia-me sentir que se eu cometesse um erro, mesmo que pequeno, algo de mal poderia acontecer.
- _____ 58. Tinha uma perspetiva pessimista; esperava frequentemente o pior

resultado.

- _____ 59. Focava-se nos aspetos negativos da vida ou nas coisas que estavam a correr mal. ***n/ve**
- _____ 60. Tinha que ter tudo sob controlo.
- _____ 61. Sentia-se desconfortável ao exprimir afeto ou vulnerabilidade.
- _____ 62. Era estruturada(o) e organizada(o); preferia o que era habitual à mudança.
- _____ 63. Raramente expressava raiva.
- _____ 64. Era reservada(o); raramente discutia os seus sentimentos.
- _____ 65. Zangar-se-ia ou seria bastante crítica(o) se eu fizesse algo errado.
- _____ 66. Punir-me-ia se eu fizesse algo errado.
- _____ 67. Chamar-me-ia nomes (como por exemplo "estúpido" ou "idiota") se eu cometesse algum erro.
- _____ 68. Culpava as pessoas quando as coisas corriam mal. ***pu**
- _____ 69. Preocupava-se com as aparências e o estatuto social.
- _____ 70. Dava muita importância ao sucesso e à competição.
- _____ 71. Preocupava-se com o que os outros pensariam dela(e) por causa do meu comportamento.
- _____ 72. Parecia dar-me mais atenção quando eu sobressaía. ***par**

Anexo XIV - Exemplos de frases associadas aos EPs e Domínios do QEP

Tabela X: Exemplos de frases associadas aos EPs e respectivos domínios do QEP.

Domínio	EP	Exemplos
I. Desconexão e rejeição	Privação emocional	5. Era calorosa(o) e fisicamente afectuosa(o).
	Abandono/Instabilidade	8. Preferia os meus irmãos a mim.
	Desconfiança/Abuso	12. Usava-me para satisfazer as suas necessidades emocionais.
	Defeito/Vergonha	21. Criticava-me bastante.
II. Autonomia e Desempenho Prejudicados	Vulnerabilidade ao dano e à doença	17. Sobreprotegia-me.
	Dependência/Incompetência	20. Tratava-me como se eu fosse mais novo(a) do que realmente era.
	Fracasso	28. Esperava que eu fosse um fracasso na vida.
	Emaranhamento	52. Éramos tão chegados que nos compreendíamos um ao outro de uma maneira quase perfeita.
III. Limites Prejudicados	Grandiosidade/Merecimento	44. Estragou-me com mimos ou era demasiado indulgente em muitos aspectos.
	Autocontrolo e autodisciplina insuficientes	49. Estabeleceu-me poucas regras ou responsabilidades.
IV. Orientação para o Outro	Subjugação	32. Tudo tinha que ser como ela(e) queria.
	Autossacrifício	36. Fazia-me sentir que eu era forte e que devia cuidar dos outros.
	Procura de Aprovação/Reconhecimento	69. Preocupava-se com as aparências e com o estatuto social.
V. Hipervigilância e Inibição	Padrões Rígidos ou inflexíveis	40. Fazia-me sentir que quase nada do que eu fazia era suficientemente bom.
	Negatividade/Vulnerabilidade ao erro	58. Tinha uma perspetiva pessimista; esperava frequentemente o pior resultado.
	Inibição Emocional	61. Sentia-se desconfortável ao exprimir afecto ou vulnerabilidade.
	Punitividade/Autopunição	67. Punir-me-ia se eu fizesse algo errado.

Anexo XV - Associação dos itens do QEP aos EPs e Domínios correspondentes

Tabela XI: Itens do QEP associados aos seus EPs e respetivos domínios.

Domínio	EP	Itens correspondentes	Itens no QEP		Total Itens por EP
			Mãe	Pai	
I. Desconexão e rejeição	Privação emocional*	1-5	5	5	10
	Abandono/Instabilidade	6-9	4	4	8
	Desconfiança/Abuso	10-13	4	4	8
	Defeito/Vergonha	21-24	4	4	8
II. Autonomia e Desempenho Prejudicados	Vulnerabilidade ao dano e à doença	14-17	4	4	8
	Dependência/Incompetência	18-20	3	3	6
	Fracasso	25-28	4	4	8
III. Limites Prejudicados	Emaranhamento	52-55	4	4	8
	Grandiosidade/Merecimento	44-47	4	4	8
IV. Orientação para o Outro	Autocontrolo e autodisciplina insuficientes	48-51	4	4	8
	Subjugação	29-32	4	4	8
	Autossacrifício	33-36	4	4	8
V. Hipervigilância e Inibição	Procura de Aprovação/Reconhecimento	69-72	4	4	8
	Padrões Rígidos ou inflexíveis	37-43	7	7	14
	Negatividade/Vulnerabilidade ao erro	56-59	4	4	8
	Inibição Emocional	60-64	5	5	10
	Punitividade/Autopunição	65-68	4	4	8

* Os itens deste EP têm uma conotação inversa dos outros.

Anexo XVI - Inventário de Tipos de Relacionamento Amoroso (ITRA)

INVENTÁRIO DE TIPOS DE RELACIONAMENTO AMOROSO (ITRA)

(Mesquita, 2011)

Este inventário foi construído para uma investigação que tem como objectivo principal conhecer diferentes tipos de relacionamento amoroso.

Leia atentamente cada afirmação e responda com sinceridade assinalando na escala o valor que melhor o caracteriza, tendo sempre em mente o seu comportamento num relacionamento amoroso.

Caso não tenha atualmente nenhum relacionamento amoroso, pense no último que teve, caso nunca tenha tido, imagine como será o seu comportamento.

1. A minha/meu companheira/o não é o principal da minha vida.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

2. Aflige-me a ideia de que o/a meu/minha companheiro/a não queira estar mais comigo.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

3. As minhas relações amorosas não podem ser nem muito próximas nem muito distantes.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

4. Penso sempre que as relações amorosas raramente são boas.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

5. Sei que até o/a meu/minha companheiro/a tem inveja de mim.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

6. Chamo sempre a atenção dos erros do/a meu/minha companheiro/a.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

7. Desiludo-me frequentemente com as relações amorosas.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

8. Acho difícil o/a meu/minha companheiro/a encontrar-me defeitos.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

9. É frequente eu saltar de uma relação amorosa para outra.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

10. É importante para mim que o/a meu/minha companheiro/a pense em mim em primeiro lugar.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

11. É-me indiferente quando o/a meu/minha companheiro/a não está disponível.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

12. Sinto-me muito melhor sem ninguém.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

13. Estou sempre disposto/a a sacrificar o que eu quero em benefício do/a meu/minha companheiro/a.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

14. Eu e o/a meu/minha companheiro/a somos como um só.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

15. Eu e o/a meu/minha companheiro/a somos iguais na maioria dos aspetos.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

16. Eu gostava de ser como o/a meu/minha companheiro/a.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

17. Existem aspetos da minha vida muito mais importantes do que a minha relação amorosa.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

18. Gosto de desfrutar "jogos de sedução" com várias pessoas ao mesmo tempo.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

19. Gosto de levar o/a meu/minha companheiro/a a satisfazer os meus desejos em primeiro lugar.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

20. Na minha relação amorosa gosto de sentir que domino.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

21. Na minha relação, sou sempre eu que invisto mais.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

22. Na minha vida, as relações amorosas estão em último plano.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

23. Não gosto de ter relações nem muito sérias nem muito intensas.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

24. Não gosto que o/a meu/minha companheiro/a) tenha qualidades superiores às minhas.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

25. Não necessito de partilhar a minha vida com o/a meu/minha companheiro/a.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

26. Não quero que o/a meu/minha companheiro/a tenha muitas certezas sobre os meus sentimentos em relação a ele/a.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

27. Não sei o que faço da minha vida se a relação terminar.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

28. Nos meus relacionamentos amorosos considero-me sempre superior, pessoal e profissionalmente, ao/a meu/minha companheiro/a.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

29. O meu desejo de proximidade afasta o/a meu/minha companheiro/a.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

30. O que eu sou depende muito da/o minha/meu companheira/a.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

31. O/a meu/minha companheiro/a tem de estar disponível quando eu quero.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

32. Para mim, numa relação, é mais importante ser admirado pelo/a companheiro/a do que admirá-lo/a.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

33. Para nos entendermos o/a meu/minha companheiro/a tem de se comportar como eu gosto.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

34. Preocupo-me muito com os sentimentos do/a meu/minha companheiro/a.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

35. Quando estamos em grupo, tenho de sobressair mais do que o/a meu/minha companheiro/a.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

36. Quando não estou envolvido/a amorosamente com alguém, sinto-me mais eu próprio.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

37. Quando não preciso do/a meu/minha companheiro/a para resolver problemas meus, sinto-me mais independente.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

38. Quando o/a meu/minha companheiro/a começa a depender muito de mim, eu afasto-me.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

39. Quando tenho uma relação amorosa sinto-me mais confuso/a acerca das minhas ideias e valores.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

40. Receio que se eu não for como o/a meu/minha companheiro/a deseja, ele/a deixe de gostar de mim.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

41. Recorro sempre ao meu/minha parceiro/a para resolver os meus problemas.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

42. Se a minha relação amorosa terminar, envolvo-me rapidamente com outra pessoa.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

43. Sei que quando as minhas relações amorosas terminam é sempre por culpa minha.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

44. Sinto-me ansioso quando o/a meu/minha companheiro/a quer estar muito próximo.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

45. Sinto-me mais importante quando o/a meu/minha companheiro/a tem uma boa posição social.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

46. Sinto-me muito mais abatida/o e triste quando não tenho companheiro/a.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

47. Sinto-me vaidoso/a com o meu desempenho sexual.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

48. Sou eu quem termina as minhas relações amorosas.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

49. Sou superior à/ao minha/meu companheira/o.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

50. Tenho muito mais força para conseguir o que quero quando tenho o/a meu/minha companheiro/a por perto.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

51. Tenho muito receio de perder o amor do/a meu companheiro/a.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

52. Tenho receio que se me der a conhecer o suficiente, o/a meu/minha companheiro/a possa não gostar de mim.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

53. Ter um relacionamento amoroso não altera nada na minha vida.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

Obrigada pela colaboração!

Anexo XVII - Exemplos de frases associadas aos tipos de relacionamento amoroso de reparação narcísica

Tabela XII: Exemplos de frases associadas aos tipos de relacionamento de reparação narcísica do ITRA.

Tipo de relacionamento de reparação narcísica	Exemplo
Submisso-Idealizador	45. Sinto-me mais importante quando o/a meu/minha companheiro/a tem uma boa posição social.
Eufórico-Idealizante	9. É frequente eu saltar de uma relação amorosa para outra.
Evitante-Desnarcisante	36. Quando não estou envolvido/a amorosamente com alguém, sinto-me mais eu próprio.

Anexo XVIII - Associação dos itens do ITRA aos tipos de relação correspondentes

Tabela XIII: Itens do ITRA associados aos seus tipos de relacionamento de reparação narcísica.

Tipo de relacionamento de reparação narcísica	Itens correspondentes	Total Itens por tipo de relacionamento
Submisso-Idealizador	2, 10, 13, 14, 15, 16, 21, 27, 29, 30, 34, 40, 41, 43, 45, 46, 50, 51 e 52	19
Eufórico-Idealizante	1, 3, 6, 7, 9, 18, 19, 20, 23, 24, 26, 31, 32, 33, 35, 37, 42, 44 e 47	19
Evitante-Desnarcisante	4, 5, 8, 11, 12, 17, 22, 25, 28, 36, 38, 39, 48, 49 e 53	15

Anexo XIX - Resultados estatisticamente significativos

Tabela XIV: EPs do QEP cujos resultados se destacaram por apresentarem diferenças significativas nas pontuações entre vítimas e não vítimas de violência nas relações de intimidade ou correlações estatisticamente significativas com a vitimação.

EP	Diferenças nas pontuações	Correlação com vitimação
Defeito/Vergonha	✓	✓
Subjugação	✓	✓
Autossacrifício	✓	✓
Emaranhamento	✓	
Desconfiança/Abuso	✓	
Dependência/ Incompetência		✓
Fracasso		✓
Autocontolo e autodisciplina insuficientes		✓

Tabela XV: EMPs do QE cujos resultados se destacaram por apresentarem diferenças significativas nas pontuações entre vítimas e não vítimas de violência nas relações de intimidade ou correlações estatisticamente significativas com a vitimação.

EMP	Diferenças nas pontuações	Correlação com vitimação
Culpa/Sanção	✓	✓
Subjugação/Falta de Individualização	✓	✓
Privação Emocional	✓	
Desconfiança/Abuso	✓	
Isolamento social/Alienação	✓	
Defeito/Imperfeição/Desencanto	✓	
Indesejabilidade social	✓	
Fracasso	✓	
Limites insuficientes	✓	
Dependência/Incompetência	✓	
Vergonha/Embaraço		✓

Tabela XVI: Tipos de relacionamento de reparação narcísica do ITRA cujos resultados se destacaram por apresentarem diferenças significativas nas pontuações entre vítimas e não vítimas de violência nas relações de intimidade ou correlações estatisticamente significativas com a vitimação.

Tipo de relacionamento de reparação narcísica	Diferenças nas pontuações	Correlação com vitimação
Evitante-Desnarcisante	✓	✓
Eufórico-Idealizante	✓	✓